

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

MARCOS PAULO MENDES ARAÚJO

**FRANCISCO DE PAULA CASTRO E KARL VON DEN STEINEN:
EXPEDICIONÁRIOS DO XINGU (1884)**

DISSERTAÇÃO

MANAUS
2015

MARCOS PAULO MENDES ARAÚJO

**FRANCISCO DE PAULA CASTRO E KARL VON DEN STEINEN:
EXPEDICIONÁRIOS DO XINGU (1884)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em 05 de agosto de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. James Roberto Silva, Presidente
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel, Membro
Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Dr. Hideraldo Lima da Costa, Membro
Universidade Federal do Amazonas

MANAUS
2015

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A663f Araujo, Marcos Paulo Mendes Araujo
Francisco de Paula Castro e Karl von den Steinen:
expedicionários do Xingu (1884) / Marcos Paulo Mendes Araujo.
2015
118 f.:31cm.

Orientadora: Patrícia Maria Melo Sampaio
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas.

- 1. Pesquisas Científicas. 2. Comissão Exploradora do Xingu. 3. Exército Brasileiro. 4. Viagem Exploratória ao Rio Xingu. 5. Relatório Militar. I. Sampaio, Patrícia Maria Melo. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título**

À memória do meu pai Jair Antônio Araujo, que me conduziu e incentivou durante toda minha educação formal.

À minha mãe Neuza Mendes Araujo pela dedicação e apoio em diferentes fases da minha vida.

À meus filhos Victor Hugo Guedes Araujo e Paulo Henrique Guedes Araujo, que tenham a opção, e a escolha de suas formações.

À minha amada esposa Eliana Araujo pelo constante apoio nas horas difíceis e pelo carinho em entender minhas ausências.

AGRADECIMENTOS

Certamente estes parágrafos não irão atender a todas as pessoas que fizeram parte dessa importante fase de minha trajetória profissional. Portanto, desde já peço desculpas àquelas que não estão presentes entre essas palavras, mas elas podem estar certas que fazem do meu pensamento e de minha gratidão.

Reverencio a professora Dra. Patrícia Maria Melo Sampaio pela constante dedicação e orientação deste trabalho e, por meio dela, me reporto a toda comunidade da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) pelo apoio incondicional.

Agradeço o apoio da Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História na figura do Professor Dr. James Roberto Silva por toda ajuda recebida durante minha estada no Programa de Pós-Graduação em História.

Agradeço à Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas pelo apoio financeiro que proporcionou esta pesquisa.

Agradecimentos especiais ao professor doutor Hideraldo Costa do PPGH da Universidade Federal do Amazonas e ao professor doutor Marcelo de Mello Rangel da Universidade Federal de Ouro Preto pela maravilhosa arguição do trabalho e pelas infinitas colaborações e sugestões.

Gostaria de deixar registrado também, o meu reconhecimento à minha família, pois acredito que sem o apoio deles seria muito difícil vencer os desafios envolvidos neste trabalho.

RESUMO

No final do século XIX, um significativo número de pesquisadores estrangeiros esteve no Brasil a fim de realizar viagens exploratórias. Um desses exploradores foi Karl von den Steinen que esteve no Brasil em duas oportunidades, sendo a primeira em 1884 quando visitou a região do Xingu na companhia de outros dois alemães, vários militares brasileiros e guias contratados. Esta pesquisa apresenta o resultado da leitura e análise do relatório de viagem produzido pelo capitão de infantaria do Exército Brasileiro Francisco de Paula Castro em 1884, durante a viagem de exploração do rio Xingu. O trabalho resgata informações sobre a montagem, bem como, a expedição científica liderada pelo médico e etnólogo alemão Karl von den Steinen a partir dos registros do oficial durante quase seis meses de viagem. A pesquisa buscou explorar o detalhamento apresentado pelo oficial sobre o contato dos exploradores com os indígenas encontrados ao longo da viagem. O estudo também procurou examinar o papel desempenhado por Francisco de Paula Castro durante os trabalhos da expedição a partir do confronto do relatório com os textos produzidos por Karl von den Steinen sobre a expedição científica. O trabalho traz como resultado a recuperação de importantes aspectos e acontecimentos ocorridos durante a viagem exploratória de 1884.

Palavras-chave: Pesquisas científicas. Comissão exploradora do Xingu. Exército Brasileiro. Viagem exploratória ao rio Xingu. Relatório militar.

ABSTRACT

In the late nineteenth century, a significant number of foreign researchers visited Brazil in order to conduct exploratory trips. One of these explorers was Karl von den Steinen who was in Brazil on two occasions, the first being in 1884 when he visited the Xingu region in the company of two other Germans, several Brazilian military and hired guides. This research presents the results of reading and analyzing the travel report produced by the Brazilian Army Infantry Captain Francisco de Paula Castro in 1884, during the voyage of exploration of the Xingu River. The work rescues information about the assembly, as well as the scientific expedition led by the German doctor and ethnologist Karl von den Steinen from the official records for almost six months away. The research sought to explore the details presented by the official on the contact of the exploiters with the Indians found along the way. The study also sought to examine the role played by Francisco de Paula Castro during the expedition jobs from the report of the confrontation with texts written by Karl von den Steinen on the scientific expedition. The work brings results in the recovery of important issues and events occurred during the exploratory trip of 1884.

Keywords: Scientific research. Exploratory committee of the Xingu. Brazilian Army. Exploratory trip to Xingu river. Military report.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – A organização da viagem ao Xingu no relatório de Francisco de Paula Castro.....	19
1.1.O capitão Francisco de Paula Castro e sua nomeação como auxiliar da expedição científica ao Xingu em 1884.....	24
1.2.O relatório de Paula Castro sobre a expedição ao Xingu em 1884.....	29
CAPÍTULO 2 – O relatório de Francisco de Paula Castro e a descrição dos contatos realizados com os indígenas do Xingu.....	48
2.1. Os primeiros contatos entre a Comissão Exploratória do rio Xingu e os Bacairí (mansos e selvagens).....	53
2.2. A comissão científica encontra os índios Custenaú.....	65
2.3. A chegada dos expedicionários ao Xingu e o encontro com suas populações.....	68
CAPÍTULO 3 – Francisco de Paula Castro: da formação na Praia Vermelha aos registros da viagem ao Xingu em 1884.	84
3.1. Francisco de Paula Castro e a viagem aos sertões do Mato Grosso.....	92
3.2. O encontro tão esperado: a comissão científica encontra o rio Xingu.....	101
3.3. Francisco de Paula Castro e o encerramento da expedição científica de exploração do rio Xingu	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
.	
REFERÊNCIAS.....	115

INTRODUÇÃO

A região conhecida como Alto Xingu vem atraindo a atenção de vários pesquisadores ao longo dos últimos anos, sobretudo, após a criação do Parque Nacional do Xingu no início dos anos 1960, durante o governo do Presidente Jânio Quadros, fruto da idealização dos irmãos Orlando, Claudio e Leonardo Villas Boas.

Esse interesse acabou conduzindo à região, pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, que acabaram produzindo uma significativa obra literária sobre as populações que habitam as margens do rio Xingu, bem como, a relação que esses habitantes construíram ao longo do tempo com o meio ambiente.

Uma preocupação desses cientistas em suas pesquisas tem relação com a preservação das culturas indígenas presentes nas diversas comunidades existentes no parque, que vem sendo constantemente ameaçado pelo avanço desordenado das lavouras e pastagens, as quais aumentaram significativamente nos últimos anos, sobretudo, as de soja, que contribuem para degradação ambiental da região do entorno do Parque Nacional do Xingu, uma vez que são estabelecidas após queimadas e assoreamento de rios e córregos.

E, foi coincidentemente neste cenário, que essa investigação teve início, a partir da leitura do relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo rio Xingu produzido pelo capitão de infantaria do Exército Brasileiro Francisco de Paula Castro entre os meses de maio e novembro de 1884, após acompanhar o médico e etnólogo alemão Karl von den Steinen em sua primeira viagem científica pelo interior do Brasil¹. O documento original possui 92 páginas, divididas em duas partes, a primeira destinada aos relatos da viagem e a segunda, a partir da página 78 destinada às observações gerais do oficial sobre as populações indígenas e seus traços culturais.

O relatório, escrito na 1ª pessoa, apresenta ao longo das primeiras 77 páginas, através de uma narrativa dinâmica, os principais aspectos observados por

¹ Este relatório foi encontrado nos porões do Palácio Duque de Caxias, situado na cidade do Rio de Janeiro no ano 2000, durante levantamentos realizados pelo Arquivo Histórico do Exército da documentação que estava acondicionada em aproximadamente cinco mil caixas de ferro que contem um conjunto documental que o próprio Exército Brasileiro desconhece. Durante tal levantamento, cerca de 200 caixas foram abertas para montagem de uma mostra documental que permitisse ao governo buscar recursos para execução de um projeto de recuperação das informações e restauração dos documentos. Foi justamente nesse período que o relatório foi encontrado e analisado pelo proponente deste trabalho.

Francisco de Paula Castro durante a viagem exploratória. Entre outras coisas, o documento apresenta um conjunto de informações que demonstram a efetiva participação do oficial nas atividades desenvolvidas durante a viagem exploratória do rio Xingu, sobretudo, no que diz respeito, as relações estabelecidas entre os membros da comissão exploradora e as populações que foram encontradas às margens dos rios identificados e explorados durante a expedição, entre os quais, os rios Batovy e Xingu.

Embora o relatório de Francisco de Paula Castro tenha sido publicado duas vezes², foram as obras do médico e etnólogo alemão Karl von den Steinen sobre a expedição que ganharam atenção ao longo do tempo, estando presente em teses, dissertações e artigos que abordam temas relativos ao Xingu, como também, em diversas outras obras de determinadas áreas do conhecimento, tais como, Antropologia, Arqueologia, Etnologia e Linguística.

Esta investigação pretende recuperar as informações sobre a viagem exploratória do rio Xingu de 1884, a partir das narrativas e descrições da viagem, contidas no relatório produzido pelo capitão Francisco de Paula Castro. Este documento pode ser considerado inédito no meio acadêmico, pois, apesar de ter sido publicado em duas ocasiões, nas pesquisas realizadas, visando a confecção deste trabalho, não foram encontradas análises do mesmo.

A viagem exploratória ocorreu em um período da história em que ocorriam no Brasil uma série de manifestações políticas, quase todas ligadas ao movimento republicano³, com destaque para o movimento abolicionista, a questão religiosa, a questão militar, além de alguns outros movimentos que receberam influências diretas do Positivismo.

Nesse período, marcado pela presença no Brasil, de um significativo número de cientistas estrangeiros que investigavam aspectos naturais e humanos, chegou ao país o médico e etnólogo alemão Karl von den Steinen acompanhado de outros dois alemães com a intenção de explorar o rio Xingu, desde suas nascentes até sua foz no rio Amazonas.

² A primeira publicação ocorreu no ano de 1885 quando o relatório foi publicado de forma parcelada nas páginas do Diário oficial. A segunda publicação ocorreu no final da década de 1960 pelo Arquivo Público do Estado do Pará.

³ O movimento republicano apareceu na cidade do Rio de Janeiro em dezembro de 1870 através das páginas do jornal A República.

A chegada de Karl von den Steinen, ao que parece, estava situada dentro de um contexto de pesquisa que incluía o Brasil, assim como, a América do Sul. Para um significativo número de pesquisadores e intelectuais brasileiros do século XIX, as informações obtidas nas investigações científicas poderiam contribuir de forma significativa para elucidação de algumas questões ainda sem respostas. Sobre isso, destacou Antonello Gerbi:

Os novos conceitos científicos provam seu vigor varrendo dúzias de problemas mal colocados, e sua fecundidade explicando com perspicácia imparcial fenômenos e criaturas dos cinco continentes e outros lugares. Mas eles não eram (ou, pelo menos, ainda não) aplicáveis a formações históricas como as nações, a mentalidade dos povos, as instituições políticas, as ideologias e os ideais tão rapidamente surgidos, fermentados e fervilhantes nas Américas⁴.

No caso específico do Brasil, o interesse desses pesquisadores estrangeiros parece ter sido recepcionado de forma positiva por uma parcela da intelectualidade nacional. A chegada dos cientistas europeus ao país, no final do século XIX, foi oportuna, sobretudo, em função do interesse cada vez mais frequente, do governo em obter conhecimentos sobre certas partes do território, consideradas desconhecidas, assim como, seus habitantes.

Neste sentido, o trabalho de pesquisa desenvolvido por esses pesquisadores, entre eles, Karl von den Steinen poderia auxiliar neste esforço. Desta forma, o trabalho científico realizado por esses cientistas acabou soando como uma espécie de casamento entre os interesses do governo brasileiro e de alguns intelectuais e os interesses que motivaram as viagens científicas. Com referência a isso, sublinhou John Manuel Monteiro:

Quando, em 1843, o naturalista alemão Carl F. P. von Martius apresentou o ensaio vencedor do concurso do recém constituído Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fixando a pedra fundamental da fábula das três raças, conhecia-se muito pouco sobre o Brasil indígena. De fato, um dos principais desafios na construção de uma história nacional residia em localizar, recuperar e divulgar os relatos que davam conta dos aspectos históricos e etnográficos das sociedades indígenas, ainda inéditos em sua vasta maioria. Tal tarefa foi enfrentada não apenas pelo próprio Instituto, através de sua revista trimestral, como também por numerosas revistas literárias e políticas que animavam a vida intelectual da Regência e do Segundo Reinado. Nesses anos, a produção do saber etnográfico também caminhava de mãos dadas

⁴ GERBI, A. **O novo mundo**: história de uma polêmica (1750-1900). São Paulo: Cia. das Letras, 1996. P. 337.

com a emergente literatura nacional: poetas e romancistas fundamentavam suas obras indianistas a partir de uma vasta familiaridade com a etnografia.⁵

Percebe-se nessa passagem do texto de John Manuel Monteiro que os estudos científicos, em especial os etnográficos estavam incluídos no conjunto de pesquisas desenvolvidas por esses estrangeiros no país. Mas, se por um lado, essas pesquisas constituíam o alvo central do interesse desses pesquisadores, também existiam alguns problemas.

Algo que também chama a atenção é uma espécie de contradição que existia naquele período. Se por um lado, os estudos sobre as populações indígenas eram importantes, para determinar certos aspectos relacionados com a origem humana, por outro lado, no Brasil, a presença indígena parecia representar um problema político. Sobre essa situação, comentou o pesquisador:

No dia 29 de julho de 1882, com a presença do Imperador D. Pedro II, foi inaugurada a primeira Exposição Antropológica Brasileira, organizada pelo Museu Nacional. Voltada quase exclusivamente para os aspectos históricos, etnográficos e antropológicos da presença indígena no Brasil, chamava a atenção o contraste entre a enorme importância que se dava às origens indígenas do País e o perfil manifestamente negativo que se traçava dos índios da atualidade⁶.

Foi, neste ambiente de mudanças e de um conjunto de novas ideias, sobretudo, de novas perspectivas políticas, que chegou ao Brasil Karl von den Steinen, após uma rápida passagem pela cidade de Montevidéu. O interesse do médico era explorar as nascentes do rio Xingu a fim de apresentar um estudo detalhado sobre sua geografia e meio ambiente, bem como, as populações que habitavam suas margens. Para isso, o pesquisador pretendia, após determinar a origem do rio, percorre-lo até sua foz no rio Amazonas.

Para levar a cabo seus objetivos, Karl von den Steinen veio acompanhado de outros dois alemães, um engenheiro, e o seu primo que era desenhista⁷. Após o retorno à Alemanha, o pesquisador publicou em 1886 um livro onde descreveu a viagem. A obra foi publicada na cidade de Leipzig com o título *Durch Central-Brasilien* que ganhou

⁵ MONTEIRO, J. M. **As “raças” indígenas no pensamento brasileiro do Império.** In. MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (org.) “Raça, ciência e sociedade”. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996. P. 16.

⁶ *Ibidem.* P. 15.

⁷ Karl von den Steinen foi acompanhado pelo engenheiro Otto Clauss e pelo desenhista Wilhelm von den Steinen que era seu primo e foi o responsável pelas imagens que ilustraram o livro sobre a viagem de 1884.

tradução para a língua portuguesa em 1942 com o título: *O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu*.⁸

O livro de Karl von den Steinen apresenta descrições detalhadas de diversos aspectos observados e vivenciados pelos componentes da expedição científica, tais como, detalhamentos acerca da fauna, da flora. Além disso, foi reservado um espaço de destaque para tratar das populações indígenas. Sobre elas, o pesquisador apresenta informações detalhadas e minuciosas de sua estrutura física, cultura, religiosidade, bem como, informações sobre suas moradias, economia e linguísticos, que posteriormente, orientaram a montagem de uma nova classificação dos grupos indígenas brasileiros, proposta pelo próprio Steinen.

Os relatos e narrativas apresentadas na obra de Karl von den Steinen após a expedição de 1884 produziram conhecimentos de uma parte do Brasil considerada, à época, completamente desconhecida.

E foi, justamente em função da riqueza de detalhes sobre essas populações indígenas, que a obra de Karl von den Steinen aos poucos, tornou-se uma referência para os estudos sobre os indígenas do Xingu, sendo utilizada por vários pesquisadores, ainda nos dias atuais, sobretudo no que diz respeito, aos estudos linguísticos e etnológicos, referentes às populações que habitavam às regiões visitadas em 1884.

Mas, a obra de Karl von den Steinen não pode ser considerada como o único registro da viagem. A expedição científica também foi alvo da pena do capitão Francisco de Paula Castro que acompanhou os expedicionários durante os quase, seis meses, em que estiveram visitando os sertões do Brasil.

Ao longo do tempo, em que esteve visitando o interior brasileiro, Karl von den Steinen contou com a companhia de militares do exército, entre os quais, o capitão do 8º Batalhão de Infantaria Francisco de Paula Castro que foi designado pelo Comandante das Armas da Província do Mato Grosso para função de auxiliar dos exploradores alemães. Além disso, o oficial ficou encarregado também de apresentar ao governo brasileiro ao final da viagem, um estudo de viabilidade para construção de uma estrada de rodagem entre as cidades de Cuiabá e Belém do Pará.

⁸ A obra foi publicada pela Companhia Editora Nacional em 1942 para coleção Brasiliana. O texto original de Karl von den Steinen foi traduzido por Catarina Baratz Cannabrava.

E foi, justamente por conta dessa incumbência, que o oficial produziu o relatório de viagem onde descreveu através de uma narrativa dinâmica e interessante, os mais significativos aspectos da viagem, com as agruras passadas por ele e seus companheiros de expedição, durante o tempo em que estiveram acompanhando os pesquisadores alemães.

A leitura e a análise do relatório produzido pelo capitão Francisco de Paula Castro sobre a expedição científica ao rio Xingu possibilita aprofundar os estudos sobre vários aspectos relacionados à viagem de 1884. São descrições sobre os acidentes geográficos, aspectos relacionados ao meio ambiente, e principalmente sobre as populações indígenas encontradas ao longo da expedição. Desta forma, a leitura atenta do relatório com suas descrições e narrativas, possibilitam conhecer alguns aspectos da viagem a partir da visão do militar do exército Francisco de Paula Castro que esteve envolvido na expedição como representante do governo e que dizia não fazer parte da comunidade científica.

Assim, a leitura do relatório deu início a esta pesquisa, que pretende, entre outras coisas, explorar a viagem científica ao Xingu de 1884 a partir dos apontamentos, descrições e principalmente, a visão de Francisco de Paula Castro que possibilita a construção de um novo olhar para os conhecimentos já existentes sobre a expedição, além de permitir o estabelecimento de um panorama capaz de ajudar na definição dos papéis que cada componente da expedição científica.

Frente a esses objetivos, as análises do documento exigiram um esforço interpretativo que ultrapassasse certas fronteiras, permitindo o estabelecimento de uma visão mais ampla das condições físicas e humanas presentes nas regiões visitadas pelos exploradores durante a viagem. Tais análises permitiram a criação de um permanente espaço de diálogo entre as informações apresentadas por Francisco de Paula Castro com outros documentos e textos, diretamente ligados à expedição de 1884.

Além do relatório, outras fontes foram igualmente importantes para as análises pretendidas neste trabalho. A maior parte delas foi encontrada no Arquivo Histórico do Exército, entre as quais, é possível mencionar documentos relativos aos militares que tomaram parte na viagem, entre eles, as folhas de alterações dos capitães Francisco de Paula Castro e Antônio Tupy Ferreira Caldas.

Além disso, foram utilizadas na investigação, Ordens do Dia publicadas pelo Comando do Exército, requerimentos feitos pelos militares, e cartas geográficas das regiões mencionadas no relatório.

Com relação às praças designadas pelo governo para acompanharem os expedicionários alemães⁹, foram encontradas informações nos boletins do Comando do Exército e nos livros de assentamentos pertencentes à documentação do 8º Batalhão de Infantaria sob a guarda do Arquivo Histórico do Exército. Também foram consultados alguns regulamentos do período, bem como, alguns periódicos publicados na Província do Mato Grosso que foram encontrados na mesma caixa onde estava o relatório de Francisco de Paula Castro.

Esse conjunto diversificado de fontes contribuiu de maneira significativa para investigação. A análise de algumas dessas fontes possibilitou o mapeamento da carreira profissional de Francisco de Paula Castro desde sua entrada no exército, passando por sua formação na Escola Militar da Praia Vermelha até sua designação como auxiliar da expedição exploratória do rio Xingu. Também foi possível encontrar informações administrativas referentes à designação dos militares que participaram da expedição, dados cartográficos sobre as áreas visitadas pelos expedicionários, entre outros aspectos.

As fontes encontradas facilitaram o desenvolvimento de um estudo comparado entre os dados contidos no relatório do oficial com as informações prestadas por Karl von den Steinen em sua obra sobre a expedição. A leitura de ambos os trabalhos permitiu explorar ao máximo os vários contextos envolvidos na viagem exploratória em todas as suas dimensões. Além disso, esse estudo comparado também permitiu um melhor entendimento acerca de alguns aspectos presentes em ambas as obras, sobretudo, no que diz respeito às localidades visitadas, assim como, os dados geográficos e as informações demográficas.

As percepções que foram buscadas com a pesquisa emergiram de um diálogo permanente com as fontes de pesquisa, sempre com o cuidadoso detalhamento das suas possibilidades, buscando compreender a documentação selecionada. Esse

⁹ Entre as fontes que foram consultadas sobre os oficiais e as praças que fizeram parte da expedição exploratória estão as folhas de alterações ou fés-de-ofício que contém as principais informações profissionais dos militares durante o período em que estiveram no serviço ativo do Exército Brasileiro.

processo de diálogo entre as fontes, intermediado pelas indagações que foram surgindo no decorrer do trabalho, conduziu à constituição dos temas que formam os três capítulos deste estudo.

No primeiro capítulo, o interesse da pesquisa residiu em explorar o relatório de maneira geral, com destaque para alguns aspectos presentes em sua escrituração, entre as quais, a forma como o oficial abordou a paisagem, o detalhamento das coordenadas geográficas, as distâncias percorridas, condições climáticas e as possibilidades envolvidas na exploração econômica das terras visitadas. Além disso, também foi alvo deste capítulo a apresentação das percepções pessoais do capitão Francisco de Paula Castro sobre a viagem exploratória, com destaque para as passagens que deixam em evidência o papel do oficial na condução das atividades desenvolvidas por todos os membros da comissão exploratória, inclusive os exploradores alemães.

O segundo e o terceiro capítulos também foram dedicados a análise do relatório de Francisco de Paula Castro. Assim, em ambos os capítulos, o documento produzido pelo oficial figurou como o centro de interesse da pesquisa. A leitura do documento, assim como, a sua iluminação através de um conjunto de obras que foram produzidas sobre a expedição ao Xingu permitiram entender como a recuperação do relatório de Paula Castro torna-se um tarefa importante para a historiografia sobre as viagens exploratórias no Brasil, sobretudo, as que tiveram o Xingu como objeto principal.

O capítulo seguinte voltou-se para os aspectos relacionados aos contatos estabelecidos entre os expedicionários e os grupos indígenas que habitavam as regiões visitadas. Desta forma, esta parte do trabalho centrou-se nas páginas do relatório que apresentam as narrativas produzidas pelo oficial onde são apresentadas as descrições das aldeias e suas habitações, assim como, os aspectos e características físicas e culturais relacionadas aos seus habitantes. Também foram alvo deste capítulo, as descrições de Francisco de Paula Castro acerca das abordagens dos indígenas, realizadas pelos membros da comissão científica.

Outros aspectos mereceram destaque neste capítulo, entre as quais, as observações feitas pelo capitão Francisco de Paula Castro acerca das práticas cotidianas dos grupos indígenas visitados pelos expedicionários. Também foram alvo desta parte do trabalho, as relações estabelecidas entre os membros da comissão e os indígenas. São

informações relativas aos primeiros contatos, às trocas realizadas com os índios, características físicas, além de informações relacionadas à economia, tais como, as práticas agrícolas desenvolvidas nas aldeias, detalhamentos geográficos das regiões visitadas e as distâncias percorridas pelos expedicionários entre uma aldeia e outra.

Na terceira parte do trabalho, foi explorada, entre outras coisas, a relação entre a formação militar de Francisco de Paula Castro na Escola Militar da Praia Vermelha e a escrituração do relatório. Além disso, este capítulo busca estabelecer uma relação entre as ideias difundidas na época; determinantes para as mudanças políticas, que atingiram a chamada mocidade militar, segmento onde estava incluído Francisco de Paula Castro, e os posicionamentos políticos presentes no relatório produzido pelo oficial.

Outro interesse deste capítulo é o que diz respeito aos registros geográficos feitos por Paula Castro durante a viagem exploratória. Assim, uma parte do texto, ficou reservada para apresentação de um breve estudo acerca do itinerário feito pelos exploradores durante os mais de cinco meses em que estiveram nos sertões brasileiros. São informações sobre os rios e sua navegabilidade, o solo, o clima, o relevo e as potencialidades econômicas dessas regiões.

Também serão apresentadas neste capítulo, informações sobre a chegada da comissão científica no rio Xingu, que representou o coroamento dos esforços dos expedicionários. Desta forma, o trabalho pretende explorar integralmente o relatório de Francisco de Paula Castro extraíndo dele o maior número possível de informações sobre a expedição científica de 1884 e o rio Xingu e sua exata localização, bem como, suas características físicas, as populações indígenas que viviam em suas margens, potencialidades econômicas e condições físicas que possibilitariam a abertura ou não de uma estrada ligando as Províncias do Mato Grosso e o Pará.

Capítulo 1. A organização da viagem ao Xingu no relatório de Francisco de Paula Castro.

Este capítulo pretende explorar os principais aspectos relacionados à montagem da Comissão Científica que explorou o rio Xingu em 1884. Para isso, o estudo terá como principal fonte de pesquisa o relatório de viagem produzido pelo capitão de infantaria do Exército Brasileiro Francisco de Paula Castro que será iluminado pelo livro publicado em 1886 na Alemanha pelo pesquisador Karl von de Steinen que descreve a viagem exploratória ao rio Xingu através de suas observações científicas.

Nesta parte do trabalho, também será apresentada uma notícia biográfica do capitão Francisco de Paula Castro compreendida, desde sua entrada no exército até sua nomeação como auxiliar da expedição científica ao Xingu, cuja finalidade é buscar um entendimento sobre o verdadeiro papel desempenhado pelo oficial brasileiro durante a expedição.

No início do ano de 1884, chegou ao Brasil um trio de pesquisadores alemães composto pelo médico e etnólogo Karl von den Steinen que liderava o grupo, o engenheiro Otto Clauss e o desenhista Wilhelm von den Steinen¹⁰. Logo após seu desembarque no mês de setembro de 1883 na cidade de Montevideu no Uruguai, provenientes de uma expedição ao polo sul, Karl von den Steinen e Otto Clauss, encontraram Wilhelm que já os esperava na América do Sul. A partir daí, juntos, os três alemães rumaram em direção ao Brasil a fim de empreenderem uma expedição científica com o objetivo de determinar a exata localização geográfica do rio Xingu.

A chegada do grupo ao Brasil e sua intenção de realizar uma viagem científica pelo interior do país, foi acompanhada com interesse e entusiasmo por alguns intelectuais brasileiros, que acreditavam e defendiam, que as pesquisas promovidas por cientistas estrangeiros no território nacional colaboravam com os esforços empreendidos pelo governo e sua elite intelectual que perseguia o estabelecimento de

¹⁰ Como foi dito anteriormente Wilhelm von den Steinen era primo de Karl von den Steinen e atuou na comissão como pintor e desenhista. Consta na obra do etnólogo que seu primo recebeu instruções para viagem na cidade Hamburgo onde estudou com o professor Neumayer, que também o orientou na escolha dos instrumentos necessários à expedição.

uma identidade nacional para o país. Sobre isso Maria Isaura Pereira de Queiroz assim se referiu:

Um dos principais problemas que os cientistas sociais brasileiros buscaram resolver em fins do século XIX foi o da existência e características da brasilidade, que segundo eles se comporia de duas vertentes: um patrimônio cultural formado por elementos harmoniosos entre si, que se conservaria semelhante através do espaço e do tempo; e a partilha do patrimônio cultural pela grande maioria dos habitantes do país, em todas as camadas sociais¹¹.

A chegada dos três alemães foi precedida por uma série de contatos estabelecidos entre autoridades de ambos os países, ou seja, do Brasil e da Alemanha. A entrada de Karl von den Steinen e seus companheiros de viagem, ao território brasileiro deu-se através do Paraguai, de onde partiram em um vapor em direção à cidade de Corumbá após uma estada de aproximadamente três semanas na capital paraguaia onde realizaram alguns estudos a fim de se adaptarem à língua portuguesa. A chegada em Corumbá ocorreu no dia 26 de março de 1884, data que marca oficialmente a chegada de Karl von Steinen e seus companheiros em solo nacional.

Em seguida, o grupo embarcou no vapor Coxipó em direção à cidade de Cuiabá, de onde o grupo sairia alguns dias depois em direção ao Xingu. A chegada nesta cidade ocorreu no dia 30 de março. No livro publicado por Karl von den Steinen consta a informação, que nesta cidade, o pesquisador alemão e seus companheiros permaneceram por quase dois meses. Durante este tempo, fizeram os contatos necessários à viagem, organizaram os equipamentos e contrataram pessoas. Além disso, o pesquisador aproveitou esse tempo para registrar vários aspectos da cidade que também faz parte do livro publicado por ele. São informações sobre os moradores da cidade, seu clima, características das ruas e das casas, informações sobre festividades em que tomaram parte, bem como, aspectos relacionados à estada dos alemães entre os brasileiros na capital mato-grossense.

Apesar da importância da expedição científica de exploração do rio Xingu, realizada em 1884, para os estudos geográficos e etnológicos brasileiros, este empreendimento esteve perto de não ocorrer. Segundo o próprio Karl von den Steinen sua vinda ao continente americano tinha como objetivo inicial a exploração do rio Pilcomaio e não o Xingu. A sua escolha pelo rio Xingu ocorreu após Steinen ter tomado ciência, que o explorador francês Émile-Arthur Thouar algum tempo antes da sua

¹¹ QUEIROZ, M. I. P. de. **Identidade Cultural, Identidade nacional no Brasil**. In. Tempo Social: Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo. I (1): 29-46, 1º semestre de 1989. P. 62-63.

chegada à América do Sul já havia percorrido o mencionado rio. Desta forma, a atenção do pesquisador alemão acabou voltando-se para o rio Xingu, considerado na época como o maior rio da América do Sul ainda desconhecido.

Conforme foi mencionado, após os contatos realizados entre a representação diplomática alemã sediada na cidade de Buenos Aires e o encarregado dos negócios brasileiros naquela cidade, Henrique Barros Cavalcante de Lacerda os expedicionários alemães foram autorizados a viajarem ao Brasil a fim de empreenderem suas pesquisas científicas no interior do Brasil, em especial, no rio Xingu.

Inicialmente, o projeto de Karl von den Steinen e seus companheiros de pesquisa era a realização de uma viagem apenas de caráter geográfico, ficando os estudos e análises antropológicas em segundo plano.

Com isso, só nos resta tratar do rio Xingu, que é a última possibilidade que se oferece. Foi indispensável fazermos, primeiro, a descrição acima, para que o leitor formasse uma ideia exata do nosso plano na exploração do Xingu. O problema geográfico, isto é, a tarefa antro-etnológica interessante, era tida como questão secundária, quando se começou a discutir a nossa empresa, de modo que nosso projeto tinha de início, o seguinte título: Estrada de Cuiabá para Pará¹².

A exploração das nascentes do rio Xingu tratava-se de uma atividade da maior importância para o governo brasileiro. Desta forma, Manuel de Almeida Lobo d'Eça então Presidente da Província do Mato Grosso foi orientado pelo governo imperial a prestar todo apoio necessário aos pesquisadores, o que incluía desde provisões até uma força militar, que deveria acompanhar os exploradores a fim de prestar todo tipo de ajuda necessária ao bom êxito da viagem exploratória.

A fim de cumprir as determinações do Governo Imperial, o presidente da Província do Mato Grosso nomeou o capitão Antônio Tupy Ferreira Caldas como chefe da força militar que acompanharia os alemães, mas as relações entre os expedicionários e o mencionado oficial que aparentemente, foram boas no início, em pouco tempo, começaram a apresentar problemas, principalmente no que se referia aos acertos relativos à compra das provisões para viagem.

Em decorrência dos problemas enfrentados, Karl von den Steinen foi apresentando por um oficial brasileiro de ascendência alemã, ao também capitão

¹² STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central**: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 42.

Francisco de Paula Castro que alimentava o desejo de acompanhar os expedicionários na viagem, mas que não via com bons olhos a proximidade dos exploradores com o capitão Antônio Tupy Ferreira Caldas.

Fruto do contato entre Karl von den Steinen e o capitão Francisco de Paula Castro, foram realizados outros estudos financeiros que permitiram ao alemão apresentar no dia 25 de abril ao governo provincial um planejamento circunstanciado com todos os custos da viagem. No documento apresentado ao Barão do Batovy o pesquisador alemão solicitou ao governo provincial a nomeação do oficial.

Uma vez, aceito seu pedido, Steinen passaria a contar com dois oficiais. Além disso, o pesquisador alemão também solicitou a nomeação de vinte e cinco praças que deveriam ser selecionadas no 8º Batalhão de Infantaria sediado na cidade de Cuiabá. Sobre isso, Karl von den Steinen registrou:

A 25 de abril tivemos uma conferência demorada com o Barão, que sugeriu a ideia de um pequeno relatório, o que fizemos, apresentando a proposta de Castro, isto é, incluindo a cessão de 2 oficiais e 25 homens para a expedição. Referia-se a 2 oficiais, porque havia a eventualidade de doença ou desastre, de modo que um pudesse substituir o outro, dividindo entre si o comando.¹³

A resposta do governo chegou no dia 06 de maio. Nela, o presidente da província ressaltou a importância da viagem exploratória para o país e declarou estar disposto a colaborar com o fornecimento de víveres e ferramentas, além de homens que iriam trabalhar nos serviços de defesa e proteção dos expedicionários, mas sobre a situação dos oficiais, a resposta chegou apenas alguns dias depois, e mesmo sem contar com a satisfação de Karl von den Steinen, a nomeação do capitão Antônio Tupy Ferreira Caldas foi confirmada. O oficial exerceria a função de comandante da tropa que acompanharia os expedicionários.

Sobre o capitão Francisco de Paula Castro, este ficaria encarregado de transmitir ao governo, informações sobre a viagem através de um relatório circunstanciado da expedição, que deveria ser enviado diretamente ao Ministro da Guerra. Nele, o oficial deveria apresentar um detalhamento geográfico das áreas

¹³ *Ibidem*. P. 98.

visitadas que fosse capaz de dimensionar ao governo a possibilidade de construção de *uma estrada de rodagem ligando as províncias*¹⁴ do Mato Grosso e Pará.

As tarefas iniciais para organização da expedição não foram simples. Eram necessários muitos detalhes para sua montagem, entre os quais, a aquisição de animais, ferramentas, víveres e equipamentos de ferro. Foi justamente neste momento, que ganhou destaque o capitão Francisco de Paula Castro. O oficial colaborou arduamente na montagem de todos os preparativos para viagem. Como resultado dos esforços do oficial e dos três alemães, foi formada uma coluna de trinta e sete pessoas¹⁵ que partiu da cidade de Cuiabá no dia 26 de maio de 1884 em direção, ao até então desconhecido, rio Xingu. Sobre a partida da comissão exploradora da cidade de Cuiabá Karl von den Steinen mencionou no seu livro o seguinte:

Decidimos partir à 1 hora. Diante da casa estacionava uma fila de cavalos e mulas encilhadas. Segundo o costume da terra, compareceu um grupo de pessoas nossas conhecidas, a fim de nos acompanhar durante um trecho do cominho. E foi assim que começamos a nossa marcha¹⁶.

Incumbido de auxiliar os expedicionários no que fosse necessário, e decidido a cumprir com todas as atribuições confiadas a ele pelos governos Imperial e Provincial, o capitão de infantaria Francisco de Paula Castro passou a tomar nota de diferentes aspectos e acontecimentos da viagem. Essas informações, mais tarde, foram utilizadas na escrituração do relatório de viagem produzido pelo oficial e endereçado ao Ministro da Guerra.

Desta forma, é possível afirmar que a incorporação de Francisco de Paula Castro nas atividades da Comissão Exploratória do Rio Xingu de 1884, deu-se em meio a um conflito de interesses. Além disso, o oficial possuía algumas incumbências que o colocaram entre armas de fogo, papéis, penas e tinteiros. Assim, teve início a relação entre o oficial e os expedicionários que iria perdurar por quase seis meses, durante a viagem de exploração pelos sertões do Brasil.

¹⁴ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P.1. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

¹⁵ No livro de Karl von den Steinen existe uma referência sobre a presença de um homem conhecido como Bem que *era um conhecido pau d'agua de Cuiabá*. P. 107. Esse Bem não foi oficialmente contabilizado por não ter sido nomeado pelo governo. Ele acompanhava o capitão Antônio Tupy Ferreira Caldas.

¹⁶ STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu**. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 101.

1.1. O capitão Francisco de Paula Castro e sua nomeação como auxiliar da expedição científica ao Xingu em 1884.

Para atender as expectativas do governo com a expedição, o capitão Francisco de Paula Castro se desdobrou em duas frentes, a primeira delas, em colaborar com as atividades diárias da expedição e a segunda, na escrituração de um relatório que fosse capaz de abarcar o maior número possível de informações, ou seja, um documento que oferecesse ao governo, desde informações geográficas até aspectos ligados ao potencial econômico das áreas visitadas pelos membros da comissão ao longo da viagem. Essas informações deveriam contribuir nos estudos relativos à construção de uma estrada ligando a Província do Mato Grosso à Província do Pará.

Mas, o relatório produzido por Francisco de Paula Castro tornou-se mais do que um simples documento de registros geográficos. A forma como o oficial descreveu a viagem tornou o documento uma importante fonte de pesquisa sobre a exploração do rio Xingu. Nele, o oficial registrou, não só, os aspectos cotidianos da viagem, mas também as atividades desenvolvidas pelos exploradores alemães, bem como, a chegada dos membros da expedição às aldeias indígenas que margeavam os rios por onde passaram. Além disso, o oficial também apresentou no texto, algumas opiniões pessoais sobre a viagem exploratória.

Apesar do relatório, apresentar um significativo conjunto de informações sobre a expedição de 1884, o documento produzido por Francisco de Paula Castro não foi utilizado pelos pesquisadores interessados em conhecer a expedição ao Xingu liderada por Karl von den Steinen, mesmo tendo sido publicado duas vezes. A primeira no Diário Oficial do Império no início do ano de 1885, e posteriormente nos *annaes* da Biblioteca e Arquivo Públicos do Pará em 1969¹⁷. Assim, a recuperação deste documento, pouco explorado ao longo do tempo, parece uma tarefa importante, sobretudo, pela dimensão que ganhou a viagem da comissão científica de exploração do rio Xingu.

¹⁷ Anais da Biblioteca e Arquivo Públicos do Pará. Tomo XI. São Paulo: Ed. Monumento S. A. 1969. P. 151-238.

A fim de facilitar a leitura e a análise do relatório, bem como sua edificação como uma importante fonte sobre a viagem de exploração do rio Xingu em 1884, levou-se em conta os ensinamentos de Auxiliomar Silva Ugarte que sublinhou:

Em sendo as crônicas os testemunhos de uma determinada visão de mundo, a partir da qual os conquistadores perceberam o mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia, é necessário que saibamos quem foram seus autores¹⁸.

Este estudo acerca do relatório de Francisco de Paula Castro pretende colaborar com os conhecimentos existentes sobre a expedição ao Xingu, bem como, sobre as comunidades indígenas que habitavam suas margens no final do século XIX. Para que o estudo possa contribuir de forma mais significativa com os estudos sobre a expedição de Karl von den Steinen, uma das preocupações da pesquisa, foi analisar aspectos relacionados à formação e as atividades profissionais do oficial antes da sua nomeação como auxiliar dos expedicionários. A premissa é a de que, sua formação foi decisiva para sua escolha como auxiliar científico da expedição.

Ainda no sentido, de auxiliar o processo de análise do relatório de Francisco de Paula Castro, foram selecionadas outras fontes, na maior parte, documentos pertencentes ao acervo do Arquivo Histórico do Exército, tais como, cadernetas de alterações militares dos oficiais designados pelo governo para acompanhar os expedicionários, Ordens do Dia do Comando do Exército, além de documentos encontrados nos acervos das unidades militares envolvidas com a expedição, entre as quais, o 8º Batalhão de Infantaria.

Sobre a escolha do capitão Francisco de Paula Castro para função de auxiliar da expedição científica, esta não parece ter sido, apenas uma ação meramente administrativa. As fontes indicam que sua nomeação, deveu-se a dois motivos. Primeiro, pelo fato do oficial ter demonstrado interesse em participar da expedição, como foi registrado por Karl von de Steinen. Além disso, parece ter pesado também para sua nomeação, sua trajetória profissional, que incluía entre outras coisas, a formação militar na Escola da Praia Vermelha e sua passagem pelo teatro de operações da Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai na segunda metade do século XIX.

¹⁸ UGARTE, A. S. **Sertões de Bárbaros**: O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI-XVII. Manaus: Editora Valer, 2009. P. 29.

Mas, quem era Francisco de Paula Castro e como foi sua formação militar? Talvez, as resposta para essas, e outras perguntas possam ajudar a compreender seu interesse em participar da comissão científica de exploração do rio Xingu em 1884, ou mesmo, colaborar nas análises do relatório produzido pelo oficial. Assim, conhecer melhor a formação do oficial deverá ser relevante para um melhor dimensionamento do documento.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1851¹⁹, Francisco de Paula Castro era o único filho homem do casal formado por Severiano Joaquim de Castro²⁰ e Dorothea Rosa de Castro. As pesquisas realizadas na documentação encontrada nos arquivos do exército parecem dar conta que Francisco de Paula Castro era proveniente de uma família de poucos recursos. Filho de músico, Paula Castro nasceu e residiu em bairros periféricos do centro da cidade. Essas condições sugerem a condição humilde de sua família e reforça uma tese contida na obra de Celso Castro sobre a origem dos jovens oficiais do exército no final do século XIX.

Inexistem na bibliografia sobre os militares no Brasil dados que permitam determinar com razoável grau de segurança a condição econômica das famílias dos alunos da Escola Militar no final do Império. (...) afirma-se, em geral, que eles eram oriundos de uma “classe média” nascente e que não faziam parte da elite tradicional.²¹

Após ter assentado praça no Exército Brasileiro no ano de 1866, Francisco de Paula Castro foi matriculado nas aulas do Depósito de Aprendizes Artilheiros que ficava sediado no Arsenal de Guerra da cidade do Rio de Janeiro.

As informações contidas em sua fé-de-ofício, durante sua passagem pelo Depósito de Aprendizes Artilheiros, Francisco de Paula Castro demonstrou *boa capacidade intelectual*, sendo aprovado no mesmo ano de sua entrada, com distinção em leitura e aritmética para artilharia, plenamente com grau nove em escrita e com grau sete na classe de infantaria, além de ter sido aprovado nas aulas práticas de esgrima com

¹⁹ Francisco de Paula Castro nasceu no dia 28 de outubro no centro da cidade do Rio de Janeiro. Francisco de Paula Castro possuía ainda outras três irmãs.

²⁰ Severiano Joaquim de Castro era professor de música e musicista e instrumentista do serviço musical da capela imperial na década de 1840. Informação retirada de: CARDOSO, L. de A. Música, poder e sociedade no Brasil (Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX). São Paulo: edição do autor, 2011. P. 352.

²¹ CASTRO, C. **Os militares e a República**: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1995. P. 46.

baioneta, o que lhe valeu duas promoções ainda em 1866, primeiro à graduação de cabo de esquadra e posteriormente a furriel²².

Dois anos após seu ingresso no Exército Brasileiro Francisco de Paula Castro já com a graduação de segundo sargento, matriculou-se nas aulas da Escola Preparatória, que configurava a intenção dos militares em cursarem as aulas da Escola Militar da Praia Vermelha, e foi justamente quando cursava as aulas preparatórias que acabou sendo enviado ao teatro de operações da Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai²³ como Amanuense do 2º Corpo de Exército para Guerra contra o Paraguai. No teatro de operações Paula Castro permaneceu durante os últimos dois anos do conflito.

Após o fim do conflito, Francisco de Paula Castro foi comissionado no posto de 2º tenente da arma de artilharia, o que permitiu sua continuidade na carreira militar. Sua situação estava amparada na legislação vigente na época, que definia o seguinte:

Para conseguir uma patente, a pessoa devia ser maior de 18 anos, alfabetizada, e soldado por dois anos. O tempo passado como praça na Academia Militar era contado para este último requisito. Os que não houvessem estudado na academia, fossem eles cadetes ou sargentos que tivessem progredido nas fileiras, precisavam ter servido como oficiais não patenteados por seis meses, no mínimo, ao passo que estudantes podiam ser promovidos sem serviço nas fileiras²⁴.

Entre os anos de 1870 e 1874, Francisco de Paula Castro cursou a Escola Militar da Praia Vermelha, tendo sido aprovado nas cadeiras do curso preparatório e posteriormente nas disciplinas superiores previstas no regulamento de 1874. Neste período, já com o posto de tenente, Francisco de Paula Castro foi designado para o 2º Batalhão de Artilharia a Pé, não chegando a apresentar-se à referida unidade, em função da continuidade de seus estudos na referida escola, onde realizou o curso superior das armas de Infantaria, Cavalaria e Engenharia.

²² Pasta da Fé-de-Ofício do General de Divisão Graduado Reformado Francisco de Paula Castro. DAD/AHEX I/17/46.

²³O então primeiro sargento Francisco de Paula Castro participou do conflito durante os dois últimos anos (1869 e 1870). Sua primeira função no teatro de operações foi a de Amanuense da repartição do Depósito do Ajudante General do 2º Corpo de Exército. Nessa função, Paula Castro assistiu a chamada Campanha das Cordilheiras.

²⁴ SCHULZ, J. O Exército e o Império. In. HOLLANDA, S. B. de (Dir.) **História Geral da Civilização Brasileira**. O Brasil monárquico, tomo II: declínio e queda do Império. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. P. 245.

Após o término de tais cursos na escola militar, sua confirmação no posto de 2º tenente de artilharia foi efetivada, tendo em seguida sido designado para o 1º Batalhão de Artilharia à Pé localizado na Província do Mato Grosso. Nesta unidade, foi nomeado como oficial subalterno da 4ª Bateria, tendo permanecido nesta função até o início de 1875, quando foi transferido para o comando do Forte de Coimbra, sendo em seguida, nomeado para a função de Quartel Mestre e ajudante interino do 1º Batalhão de Artilharia.

Por ter realizado os cursos de infantaria e cavalaria na Praia Vermelha, foi por decreto de 02 de maio de 1877, transferido para a arma de Infantaria. Após essa transferência, foi classificado em diferentes unidades em curto espaço de tempo, entre as quais, o 8º Batalhão de Infantaria em 1879²⁵, unidade que mais tarde, seria designada para fornecer o efetivo que acompanhou os expedicionários alemães na expedição ao rio Xingu em 1884.

Em 1880, Francisco de Paula Castro foi nomeado pelo Presidente da Província de Mato Grosso para acompanhar uma diligência no sertão daquela Província. Mas, apesar das fontes consultadas informarem sobre essa comissão, nos documentos selecionados não foi possível encontrar maiores informações sobre as atividades realizadas pelo oficial durante tal diligência. Ao que parece, esta comissão em que tomou parte, favoreceu sua nomeação como auxiliar da Comissão de Exploração do rio Xingu em 1884.

Já no posto de capitão²⁶, e servindo no 8º Batalhão de Infantaria, unidade militar sediada na cidade de Cuiabá, Francisco de Paula Castro foi nomeado novamente para uma comissão no interior da Província. Dessa vez, sua nomeação atendia ao interesse do governo que resolveu designá-lo como auxiliar da comissão científica liderada pelo pesquisador alemão Karl von den Steinen que iniciou em maio de 1884 uma viagem de exploração a fim de determinar a localização exata das nascentes do rio Xingu.

²⁵ Neste ano seguiu para cidade do Rio de Janeiro, a fim de matricular-se na Escola de Tiro de Campo Grande, o que ocorreu no mês de janeiro de 1880.

²⁶ Pouco antes de completar 30 anos, Francisco de Paula Castro foi promovido ao posto de capitão. Foi nesta época que contraiu matrimônio com Francisca Pinto de Arruda, natural da cidade de Cáceres.

1.2. O relatório de Paula Castro sobre a expedição ao Xingu em 1884.

O capitão Francisco de Paula Castro possuía 34 anos quando foi nomeado como auxiliar da Comissão Científica de exploração do rio Xingu²⁷. A sua nomeação, e consequente apresentação aconteceu, poucos dias antes do início da expedição. A saída dos membros da comissão ocorreu no dia 26 de maio de 1884, e foi marcada por uma grande comemoração que envolveu boa parte da população local, que compareceu e acompanhou os expedicionários durante um grande trecho do caminho.

Oficialmente a expedição foi composta pelos três expedicionários, pelos capitães Francisco de Paula Castro e Antônio Tupy Ferreira Caldas, vinte e cinco praças do 8º Batalhão de Infantaria, quatro militares do Piquete de Cavalaria, além de dois mateiros contratados e de Valentim Aniceto que foi escolhido como prático, totalizando 37 pessoas. Os componentes da expedição contavam no início da viagem com nove muares e vinte e três bois de carga, dos quais, vinte e um foram adquiridos com recursos dos expedicionários e os outros dois, de propriedade de Francisco de Paula Castro.

Porém, antes do início da expedição, o Presidente da Província recebeu em sua casa os expedicionários que puderam detalhar minuciosamente todos os objetivos da viagem. Em decorrência dessa reunião, onde ficou evidenciado, o interesse do Império nas pesquisas de Karl von den Steinen, os expedicionários receberam a informação, de que contariam com a colaboração do governo para aquisição de ferramentas e provisões necessárias à viagem. Essa informação chegou aos exploradores alemães através de um comunicado do Barão do Batovy datado do dia 06 de maio:

Convencido da importância da empresa para o país em geral, como para Província de Mato Grosso em particular, visto que o conhecimento completo do rio Xingu, até hoje inexplorado, lhes interessa profundamente, sem falar de outras valiosas descobertas que essa vossa viagem poderia proporcionar, resolvi apoiar-vos, não só com uma divisão militar de que precisais para vossa defesa e proteção pessoal, mas, também, fornecendo-vos alguns artigos de ferro e provisões²⁸.

Karl von den Steinen registrou no seu livro, que o capitão Francisco de Paula Castro além de ter demonstrado interesse em participar da viagem exploratória ao

²⁷ Sua nomeação ocorreu no dia 14 de maio de 1884, através da ordem do dia expedida pelo General comandante das armas da Província de Mato Grosso.

²⁸ STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu**. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 98.

Xingu, sua presença foi importante para o bom êxito da expedição, mesmo tendo declarado o oficial no início do relatório, não possuir conhecimentos científicos que permitisse colaborar para escrituração de um documento de grande monta:

Nesta época de viagens por terras desconhecidas habitadas por tribos de índios bravios, e que tantas descrições se tem lido cada qual mais interessantes não só pelas narrações bem organizadas dos exploradores como pelas notícias científicas que eles dão, não deve Vossa Excelência esperar que este relatório feito por um capitão de infantaria dispondo de pouco cabedal de conhecimento, seja um trabalho de grande monta. Conhecendo Vossa Excelência viagens expedicionárias descritas por Stanley, Creveanse, Serpa Pinto, Ivens e Capello e outros, nada tem que aproveitar de um oficial inteiramente separado do mundo científico²⁹.

Esta passagem é interessante, pois, mesmo dizendo-se desprovido de conhecimentos científicos, o oficial demonstrou no relatório conhecer nomes de vários viajantes e pesquisadores que empreenderam viagens exploratórias de cunho científico pelo mundo. A apresentação de nomes como: Stanley, Creveaux, Serpa Pinto, Ivens e Capello parece indicar que Francisco de Paula Castro estava inteirado de algumas experiências da mesma natureza da viagem de Karl von den Steinen no Brasil, ou seja, não era um completo desconhecedor das atividades de pesquisa desenvolvidas naquele período.

O relatório original produzido por Francisco de Paula Castro possui noventa e duas páginas, tendo sido escrito sempre na primeira pessoa. Ele foi dividido em duas partes, a primeira, destinada aos relatos e descrições da viagem, que foi feita através de uma contínua narrativa. Nesta parte do trabalho, o oficial apresentou informações relacionadas aos locais visitados pelos membros da expedição. Para isso, foram utilizadas as primeiras setenta e sete páginas do relatório.

Na segunda parte, ou seja, nas últimas quinze páginas, Francisco de Paula Castro apresentou, alguns dados que foram colhidos ao longo da viagem, como por exemplo, o número de indígenas que foram encontrados e contabilizados nas aldeias que foram visitadas pelos expedicionários. Além disso, também consta na parte final do documento, uma relação de vocábulos montada pelo oficial, onde são apresentadas algumas palavras das línguas: Bacairí, Chuyá e Juruna. Também, ocupou-se o oficial de registrar as distâncias percorridas pelos expedicionários.

²⁹ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P.2. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

Voltando ao início do relatório, Francisco de Paula Castro menciona que a viagem ocorreu em meio a uma época de viagens por terras desconhecidas. Talvez o oficial estivesse querendo fazer menção ao período histórico em que as nações consideradas desenvolvidas investiam em explorações científicas em diferentes partes do mundo na tentativa de estabelecer novos conhecimentos sobre a natureza e sobre o homem³⁰.

Também, nas primeiras páginas do documento, parece ficar evidente, que o capitão Francisco de Paula Castro possuía uma metodologia definida para a escrituração do relatório. A leitura do documento demonstra que o oficial estabeleceu certa linearidade na escrituração do relatório, sobretudo, no que diz respeito, a apresentação de informações como: horários das saídas e chegadas do grupo em certas localidades, os pousos, as coordenadas geográficas de cada região.

Outros aspectos também podem ser utilizados para demonstrar que o oficial possuía uma forma organizada de traduzir suas observações acerca da viagem exploratória. Francisco de Paula Castro ao narrar os acontecimentos vividos pelos membros da comissão científica procurou detalhar os locais visitados pelos membros da expedição ao longo do trajeto, demonstrando assim, o interesse do oficial pelas potencialidades econômicas de cada um desses locais.

Também foi mencionado por diversas vezes, pelo oficial os problemas enfrentados durante a progressão dos componentes da expedição rumo ao desconhecido, entre os quais, as dificuldades de navegação pelos rios, em função das muitas cachoeiras e corredeiras. Outro ponto, que parece ser permanente no relatório é a preocupação do oficial com o registro exato das coordenadas geográficas, algo que estava ligado diretamente à missão de Paula Castro em informar ao governo sobre a possibilidade de construção da estrada que iria tirar a Província do Mato Grosso do isolamento.

Francisco de Paula Castro também esteve preocupado em registrar as dificuldades enfrentadas pelos expedicionários na obtenção dos gêneros necessários a sua alimentação. Apesar da narrativa do oficial descrever em várias ocasiões, aspectos que dão ideia da existência de uma rica fauna e uma abundante flora, na maior parte das vezes, os membros da comissão científica tiveram dificuldades para obter alimentos

³⁰ *Ibidem.* P. 02.

suficientes para todos, chegando a enviarem alguns homens de volta a Cuiabá para aliviarem as dificuldades de alimentação.

Ainda sobre os problemas de navegabilidade dos rios, em quase todas as páginas do relatório, aparecem descrições detalhadas sobre as dificuldades enfrentadas pelos membros da expedição durante os deslocamentos fluviais. São questões que vão, desde os problemas relativos à obtenção de embarcações, entre as quais, as canoas produzidas a partir da casca de árvores da região, até as dificuldades decorrentes de afundamentos, quando perdiam ferramentas, roupas, provisões e equipamentos.

Além dos problemas enfrentados com os rios, ou com a obtenção de provisões de boca para alimentar os membros da expedição, outros aspectos presentes no relatório, merecem atenção. Alguns desses aspectos, que aparecem nas páginas do relatório, também estão presentes no livro de Karl von den Steinen, sobretudo, a partir da página 101, quando a obra do pesquisador alemão passa a tratar especificamente da viagem ao Xingu.

Mas, apesar do relatório possuir alguns pontos que tangenciam na obra do pesquisador alemão, também é possível encontrar uma série de informações e detalhes que não foram encontrados ou mencionados em qualquer outra fonte, ou que torna o relatório de Francisco de Paula Castro de fato, um documento significativo para os estudos sobre a expedição científica ao rio Xingu em 1884. Neste sentido, cabe destacar, as observações e opiniões feitas pelo oficial sobre a expedição, que parecem demonstrar que havia por parte do capitão Paula Castro, algumas perspectivas pessoais sobre as atividades desenvolvidas pelos membros da comissão.

Por meio de um estudo comparativo entre o relatório de Francisco de Paula Castro e o livro publicado na Alemanha em 1886 por Karl von den Steinen é possível perceber que as informações contidas no documento produzido pelo oficial parecem possuir um paralelo com os dados contidos entre as páginas 101 e 329 da obra do alemão. Isso corresponde, a onze capítulos do livro de Steinen, ou mais especificamente, a parte que vai do capítulo VII ao capítulo XVII.

Conforme mencionado anteriormente, além das narrativas e das descrições da viagem, o capitão Francisco de Paula Castro, ao longo das noventa e duas páginas do relatório, em diversas ocasiões apresenta considerações e opiniões pessoais sobre a

atuação dos pesquisadores alemães durante a viagem, sobretudo, na parte final do documento. Um exemplo disso pode ser observado, entre as páginas 74 e 75 do relatório. Nesta parte do texto, Paula Castro apresenta sua opinião sobre a conduta dos expedicionários alemães no final da exploração do rio Xingu. Essas opiniões, quase sempre estavam relacionadas a uma percepção política do oficial, principalmente relacionadas, ao tratamento dado pelo governo brasileiro aos estrangeiros que visitavam o Brasil a fim de realizar pesquisas. Esses posicionamentos do oficial deixam claro que ele não adotou uma posição de mero coadjuvante na expedição.

Ainda sobre as opiniões políticas, registradas pelo oficial no relatório, as análises indicam que estas, parecem estar diretamente relacionadas à sua formação militar. Aluno da Escola Militar da Praia Vermelha na primeira metade da década de 1870, período de grande efervescência do Positivismo, Francisco de Paula Castro foi contemporâneo como aluno do professor Benjamim Constant Botelho de Magalhães, que é considerado um importante difusor da filosofia positivista de August Comte no Brasil, sobretudo, no Exército Brasileiro.

Professor de matemática da Escola Militar da Praia Vermelha, através das aulas de Benjamim Constant que se propagaram as ideias positivistas entre os jovens oficiais do exército. Sobre isso, escreveu José Mauro Gagliardi:

A Escola Militar foi um dos principais centros de propagação da doutrina positivista. Tanto o corpo docente, quanto a orientação dos cursos, foram fortemente influenciados por essa filosofia. Benjamim Constant era o professor que mais se destacava nessa entidade. Ele havia se transformado no principal responsável pela irradiação do positivismo entre os militares jovens (...) ³¹.

As influências recebidas por Francisco de Paula Castro durante sua formação militar ficam aparentes no relatório em vários pontos. São passagens relevantes que ajudam a dimensionar o significado da viagem para o oficial. Algumas dessas passagens demonstram a preocupação do oficial em detalhar o máximo possível à viagem a fim de cumprir com a missão primordial de informar o governo sobre a real possibilidade, do governo imperial, construir ligação entre o Mato Grosso e o Pará.

Mas, além das missões que sedimentavam a participação de Francisco de Paula Castro na expedição, não podem ser descartadas, as ações e opiniões do oficial,

³¹ GAGLIARDI, J. M. **O indígena e a República**. São Paulo: Hucitec, Editora da USP, Secretaria de Estado da Cultura, 1989. P. 43

sobretudo, aquelas diretamente ligadas às mudanças políticas que ocorriam no país naquele período, estando presentes também no Exército, sobretudo, entre a oficialidade mais jovem. Sobre isso, sublinhou Gagliardi:

Também participava da conspiração um segmento do exército composto de jovens oficiais liderados por Benjamin Constant. Esse grupo político, o mais organizado, acreditava que lhe cabia uma missão salvadora na história nacional, e que naquele momento deveria intervir com o objetivo de corrigir as anomalias políticas do regime vigente³².

Ainda com respeito, à preocupação do oficial em registrar de forma precisa a viagem, em algumas ocasiões, Francisco de Paula Castro compartilhou dados produzidos durante a viagem pelos pesquisadores alemães, sobretudo, sobre as condições do trajeto. Comparando o relatório com o livro de Steinen, é possível verificar a existência de dados que foram coletados pelos pesquisadores, que também fazem parte do texto do oficial. Um exemplo disso é a passagem do relatório, referente à localização e as condições gerais do rio Bahú onde foram aproveitadas as informações prestadas pelo engenheiro alemão.

O engenheiro Otto Clauss tomando a latitude do Baú achou 13 graus. O rio Cuiabá corre muito próximo a esse lugar e é já todo encachoeirado e cheio de corredeiras cujas pedras causam grandes embaraços e perigos às canoas que por ali descem. Há no Bahú de 6 a 8 casas sendo duas de telhas e as mais de palhas³³.

Em outro trecho do relatório, o próprio capitão Francisco de Paula Castro tece um comentário sobre as condições geográficas encontradas pelos expedicionários em uma determinada parte do trajeto, mais especificamente, em uma estrada aberta pelo coronel Raymundo Gaioso na região da foz do Tucuruí. Sobre esta estrada, as informações prestadas no relatório pelo capitão Paula Castro relacionam este caminho à possibilidade de construção da estrada imaginada pelo governo brasileiro ligando as Províncias do Mato Grosso e do Pará.

Essa estrada começada naquele ponto devia terminar acima da praia do Curanary e abaixo da cachoeira Itapaiuna; largada de 1872 para cá é preciso ser todo o serviço feito de novo, mas atendendo-se ao grande interesse que traz a província do Pará, deveria ser ela recomeçada o mais breve possível. Uma estrada de rodagem de Cuiabá as cabeceiras do Xingu não é difícil e acima já deixei exposto o meio de ser aberta. Quanto a outra pelas margens

³² *Ibidem*. P. 42.

³³ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P.03. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

do Xingu ligando o Pará a Mato Grosso se não é impossível é pelo menos difícil³⁴.

Além dos detalhamentos geográficos presentes no relatório, Francisco de Paula Castro também procurou descrever de forma minuciosa ao governo a situação dos recursos naturais que foram encontrados ao longo da viagem. Neste sentido, o oficial buscou registrar, com a maior quantidade de detalhes possíveis, as potencialidades econômicas de cada região visitada pelos componentes da expedição. Essa constante preocupação de Francisco de Paula Castro o levou a corrigir em diversas partes do relatório, algumas informações que foram publicadas no livro do cientista alemão Karl von den Steinen.

Sobre essas correções que surgem em vários momentos no texto de Francisco de Paula Castro, foi selecionada a passagem em que o oficial comenta uma informação prestada por Karl von den Steinen no dia 03 de dezembro de 1884 durante uma conferência ocorrida no Rio de Janeiro na presença do Imperador D. Pedro II³⁵ logo após o término da viagem exploratória.

Coincidindo estar escrevendo sobre esse rio na ocasião em que me foi dada a “Gazeta de Notícias” de 05 de dezembro onde vinha inserido um resumo do discurso feito pelo ilustrado e sábio Dor. Carlos Von den Steinen, um dos exploradores do Xingu. O orador em sessão solene de 3 d’aquela mês, no Instituto Histórico e Geográfico, perante S. M. o Imperador declarou que “saindo a 26 de maio a expedição chegou a 28 de junho as terras dos Bacairi que formão duas pequenas aldeãs, junto a um afluente do Arinos” Se o distinto orador não enganou-se em seus apontamentos durante a nossa viagem, foi o taquígrafo ou quem resumiu o discurso que deixou escapar alguns enganos. Saímos com efeito a 26 de maio de Cuiabá, porem as terras dos Bacairí chegamos a 14 de junho e não a 28.³⁶

Apesar de parecer uma simples passagem do relatório, essa e outras correções que foram feitas por Francisco de Paula Castro no relatório sobre o trabalho desenvolvidos por Karl von den Steinen servem para demonstrar que o oficial não era uma pessoa desprovida de conhecimentos científicos como ele quis registrar no início do relatório. É possível pensar que esse trabalho de correção do texto do alemão tenha apenas um caráter informativo, e faça parte de suas percepções pessoais sobre a importância da expedição para o Brasil. Mas, a leitura atenta do relatório nos permite pensar que esse posicionamento, tinha sim, uma conotação política, fruto das

³⁴ *Ibidem* 32.

³⁵ A conferência ocorreu na sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e posteriormente, no dia 05 foi publicado o discurso de Karl von den Steinen no jornal Gazeta de Notícias.

³⁶ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 13. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

orientações recebidas pelo oficial durante sua formação, e que estiveram presentes ao longo de toda viagem, norteando suas ações e ficando evidenciadas no relatório. O que também parece reforçar essa tese é o tom de ironia empregado pelo oficial nessas passagens.

Outro ponto do relatório que merece atenção é o que diz respeito ao conflito formado entre os dois oficiais designados pelo governo para acompanhar os expedicionários alemães. No livro escrito por Karl von den Steinen fica bastante claro que não havia um clima amistoso entre os dois, antes mesmo do início da expedição. Segundo Steinen esse clima era fruto de problemas anteriores à expedição.

Segundo Karl von den Steinen, assim como, o relatório de Francisco de Paula Castro os problemas entre os dois oficiais foram se agravando ao longo da viagem, chegando ao ponto, do pesquisador alemão e do oficial a decidirem em certo momento, ser conveniente ao bom êxito da expedição, a necessidade de afastamento do capitão Antônio Tupy Ferreira Caldas dos trabalhos da comissão científica.

Esse afastamento acabou culminando com o aumento das funções do capitão Francisco de Paula Castro na expedição, ou seja, além de continuar exercendo a função de auxiliar da comissão, também assumiu o oficial, o comando do contingente militar que acompanhava os expedicionários alemães.

Foi justamente, a partir do afastamento do capitão Tupy que Francisco de Paula Castro passou a registrar no relatório, em diversas ocasiões, passagens que demonstram a mudança de sua posição política no contexto da expedição científica. A mudança de cenário após o afastamento do outro oficial levaram Paula Castro a assumir uma posição de liderança, algo que parece ter permitido a ele, tomar decisões e escolhas que deveriam ser exclusivas dos exploradores alemães, sobretudo de Karl von den Steinen em razão dos objetivos da expedição.

Essa condição, que parece ter sido construída pelo oficial após ter assumido o comando dos homens, fica evidenciada em algumas passagens do relatório. Em certas ocasiões, o posicionamento do oficial, o leva a tomar decisões que parecem confrontar com as posições do pesquisador alemão Karl von den Steinen. Como exemplo disso, foi selecionando um trecho do relatório de Francisco de Paula Castro que ilustra uma das muitas ocasiões em que existiram desacordos entre o oficial e o pesquisador alemão:

Fiquei daí para adiante sobrecarregado de serviço por isso que tinha de atender as obrigações de que fora incumbido pela presidência de Mato Grosso e ainda a força que havia ficado sob o meu comando desde vinte de junho, sendo eu por consequência o responsável por toda a expedição³⁷.

O trecho selecionado demonstra que o capitão Francisco de Paula Castro em um determinado ponto da viagem, passou a considerar sua presença como fundamental para o bom êxito dos trabalhos da comissão científica. Isso também parece ficar em evidência em outras ocasiões, como por exemplo, na passagem do relatório que menciona os primeiros contatos entre os expedicionários e os índios Bacairí por volta do dia 11 de agosto de 1884.

A força já sofria demasiado de tanto trabalhar e pela falta de mantimentos. Com mais dois ou três dias de viagens por cachoeiras, tínhamos de ficar com alguns homens fora do serviço. Dei algumas providências para caso de hostilidade da parte dos índios, recomendei toda a prudência e depois deixei três homens cuidando das canoas e cargas, seguimos os demais em busca da habitação. Passamos por terrenos magníficos encontrando um lindo bacaiuval, uma grande derrubada para roça, feita de machado de pedra e demos em um pequeno aldeamento depois de uma hora de viagem. Passei adiante de todos, chamei o índio Bacairí nosso companheiro de viagem e disse-lhe que falasse em seu dialeto a fim de ver se aparecia alguém e tínhamos a felicidade de encontrar gente da mesma tribo dele³⁸.

Nessa passagem é possível perceber, mais uma vez, que o capitão Francisco de Paula Castro em determinado ponto da expedição, resolveu tomar para si a responsabilidade por todas as ações e atividades realizadas pelos membros da expedição, inclusive no que dizia respeito ao contato com os indígenas. Mas, se por um lado, o oficial começou a nutrir essa posição de líder do grupo, ao ponto de informar isso ao governo através do relatório produzido por ele. Essa condição de líder de Paula Castro não parece existir para Steinen, que não descreve isso em momento algum do no livro publicado em 1886.

Comparando o relatório do capitão Francisco de Paula Castro com o livro de Karl von den Steinen surgem várias passagens que demonstram que os dois não possuíam consenso sobre essa questão da liderança, sendo possível, inclusive perceber que ambos se referiram a certos acontecimentos de forma nitidamente diferente. Isso pode ser percebido sobre o mesmo evento.

³⁷ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 12. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

³⁸ *Ibidem*. P. 24-25.

Abaixo temos o trecho de uma passagem retirada do livro de Karl von den Steine sobre o encontro dos expedicionários com alguns índios encontrados à margem do Xingu:

Um índio inteiramente nu sai de dentro; seu corpo é bem conformado e jovem. Ele fecha a porta, adianta-se para nós de arco e flecha, sem ponta, na mão, mantidas em sentido horizontal.

Agora vejamos como Francisco de Paula Castro registrou o mesmo evento:

Digo a Antônio que o cumprimento em linguagem Bacairi. “Kxulino”, exclama Antônio quase sem poder respirar e – salve os antigos – o índio responde em Bacairí.^{39 40}

A comparação dessas duas passagens, retiradas respectivamente do relatório e do livro de Karl von den Steinen parece ficar claro, que o oficial buscou exprimir sua posição de liderança na expedição. Se a obra de Steinen parece estar pautada na imparcialidade, o relatório de Francisco de Paula Castro tenta transmitir a impressão que suas funções superavam a posição de simples auxiliar da comissão, colocando-o em uma situação de comando que superava os expedicionários estrangeiros, sobretudo, o médico alemão Karl von den Steinen.

Para entender como foi construída essa condição de liderança, é necessário voltar a tratar dos problemas decorrentes dos desentendimentos ocorridos entre o capitão Francisco de Paula Castro e os expedicionários alemães com o também capitão Antônio Tupy Ferreira Caldas. Sobre as diversas situações, que resultaram no afastamento de Tupy da expedição exploratória o capitão Francisco de Paula Castro, diferente do pesquisador Karl von den Steinen procurou ser econômico no relatório.

Tendo chegado conosco até Paranatinga o Capitão Tupy falamos-lhe sobre alguns acontecimentos da viagem e depois de algumas discussões havidas entre nós resolveu o Capitão voltar para cidade. De tudo dei novamente parte ao Exmo. Sr. Presidente da Província. Fiquei daí para diante sobrecarregado de serviço (...)⁴¹.

Mas, se por um lado, Francisco de Paula Castro procurou no mínimo, ser cauteloso para lidar com essa questão, que envolvia aspectos disciplinares e regimentais ligados à hierarquia militar, Karl von den Steinen, que não estava sujeito aos

³⁹ STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central**: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 188.

⁴⁰ A palavra ou termo “Kxulino” foi gravada aqui com a letra X, mas na obra de Steinen a grafia da letra é diferente, com uma letra que não foi possível reproduzir aqui.

⁴¹ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 12. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

regulamentos do exército não poupou críticas ao comportamento do capitão Antônio Tupy Ferreira Caldas ao longo dos trabalhos da comissão exploratória, tendo destinado aproximadamente quatro páginas de seu livro para registrar todos os acontecimentos que culminaram com o afastamento do mencionado oficial do convívio dos exploradores.

Ainda sobre esse tema, e também para ilustrar melhor tais conflitos e iluminar a compreensão de tais acontecimentos, foi selecionada uma passagem da obra de Karl von den Steinen que traduz de forma detalhada, o que foi descrito na passagem retirada do relatório do capitão Francisco de Paula Castro.

De posse do nosso papel e das suas instruções, Castro marchou, assim armado, para Tupi e ambos desapareceram atrás da habitação de Caetano. Houve um momento de silêncio, depois ouvia-se falar em voz alta e ambos esses comandantes apareceram como Ajáx e Aquiles, em bate-boca exaltado, diante dos seus subordinados, ali acorridos. “O senhor quer tomar meu comando?”, chalaceava Tupi, que se recusou simplesmente, a aceder, quando o Castro lhe propusera um entendimento amigável. Continuaram a falar muito forte e excitaram-se. “Pois então pague as provisões” Era o que Tupi gritava a todo instante, ao outro, que respondia com um olhar ferino⁴².

Essa discussão que envolveu os dois oficiais de forma reservada, foi alvo de Karl von den Steinen em seu livro, que também menciona vários outros episódios que envolveram os dois oficiais e, principalmente, os problemas ocasionados pela falta de compromisso do capitão Tupy com os homens comandados por ele, assim como, as atividades desenvolvidas pelos exploradores ao longo da viagem exploratória. Ainda sobre essa situação delicada entre os oficiais, o pesquisador alemão afirmou que a relação entre ambos os oficiais não era das melhores:

A questão dos dois oficiais vacilava durante alguns dias. Em qualquer hipótese queríamos Castro, que, aliás, não mostrava muita disposição de seguir ao lado de Tupi, com quem não simpatizava e a quem deveria subordinar-se, embora fossem da mesma categoria militar, mas é que Tupi era mais velho⁴³.

Ao que parece, a animosidade estabelecida entre os expedicionários e o capitão Antônio Tupy Ferreira Caldas estava relacionada às práticas e aos comentários sobre o oficial que circulavam na cidade de Cuiabá. Segundo Karl von den Steinen o comportamento do oficial era reprovado por muitas pessoas na cidade de Cuiabá antes mesmo da chegada dos exploradores alemães:

⁴² STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central**: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 156.

⁴³ *Ibidem*. P. 98.

Eis que agora, não porque, ouvíamos diversas opiniões desfavoráveis sobre o nosso futuro companheiro de viagem. Era um jogador apaixonado, suas finanças não estavam em boa ordem, o que devia ser verdade, pois me pedira, a mim, pequeno auxílio⁴⁴.

Logo após o afastamento de Antônio Tupy Ferreira Caldas das atividades expedição, o capitão Francisco de Paula Castro assumiu todas as atribuições de gerenciamento da tropa, que compreendiam, entre outras coisas, a responsabilidade pelo abastecimento do grupo e o comando das ações militares. Além dessas, e outras funções, o oficial continuou cumprindo o ofício de auxiliar da comissão exploratória do Xingu, o que resultou na produção do relatório.

Esse acúmulo das funções de Francisco de Paula Castro foi registrado por Karl von de Steinen em uma carta enviada ao Presidente da Província do Mato Grosso datada de 03 de julho de 1884. Nesta correspondência, além do pesquisador descrever detalhadamente os fatos ocorridos que determinaram o afastamento de Tupy dos esforços da comissão de exploração do Xingu, ficou evidenciada a satisfação do pesquisador alemão com esta situação. Segundo Steinen, a centralização das atividades na pessoa de Paula Castro, iria garantir a continuidade da viagem:

(...) Uma feliz circunstância resguardou-nos da anulação dos nossos planos e, assim, como o outro comandante, inteiramente digno da nossa confiança, apesar de poucos homens que temos, mas bem escolhidos, reiniciamos a viagem na esperança firme de alcançarmos bom êxito⁴⁵.

Ainda sobre esse episódio, ocorridos durante a expedição científica ao Xingu de 1884, Karl von de Steinen em uma conferência realizada em 1888, na sede da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro por ocasião, de segunda viagem exploratória ao rio Xingu, o alemão demonstrou satisfação em saber, que Francisco de Paula Castro havia sido absolvido das acusações a qual foi submetido em um processo disciplinar que respondeu após o término da viagem de 1884. Sobre isso, registrou:

Lá naquela ocasião ocorreu um epílogo lamentável em relação à nossa expedição anterior. Dos dois oficiais, que o Governo Provincial mandou conosco em 1884, um infelizmente foi tão pouco apropriado àquele mister, que nos forçou a fazê-lo retirar em viagem para evitar o malogro da empresa já em seu princípio.

Este, porém, despeitado, representou contra o Capitão Francisco de Paula Castro, que a nosso pedido, havia tomado o comando da força e neste cargo provou ter grandes merecimentos a ser um excelente companheiro.

⁴⁴ *Ibidem*. P. 98.

⁴⁵ *Ibidem*. P. 158.

No entanto em vista daquela queixa o nosso amigo Castro ficou preso desde março até novembro para responder a conselho – dois anos depois de terminada a nossa expedição. Agora julgo ser de meu dever declarar a grande satisfação que tenho de ter sido unanimemente absolvido o dito capitão pelo conselho supremo militar⁴⁶.

Após os conturbados episódios⁴⁷, a viagem da Comissão Exploratória do rio Xingu teve continuidade. Desta vez, com o capitão Francisco de Paula Castro no comando dos homens que acompanhavam os expedicionários. Além das novas atribuições, o capitão Paula Castro continuou registrando os mais variados aspectos da viagem que serviriam mais tarde, para compor o relatório.

A exploração científica do rio Xingu realizada em 1884, foi alvo de grande interesse de alguns setores da sociedade, que dedicaram algum tempo à expedição. Essa atenção, dada ao evento, não partiu apenas das autoridades políticas, mas de um significativo número de pessoas na cidade de Cuiabá, que tomaram conhecimento sobre a chegada dos três exploradores alemães através dos jornais locais. Foi também, através desses mesmos periódicos que a partida da expedição, foi noticiada. Entre esses, os jornais: “O Expectador” e o “ECHO de Cuiabá”.

No primeiro deles, quando da saída da comitiva em direção ao Xingu foi noticiado o seguinte:

A COMMISSÃO alemã, de exploração do rio XINGU, partiu d’aqui no dia 26 do corrente. Acompanham a Comissão, os senhores Srs. Capitães Paula Castro e Tupy Caldas que vae comandando a força. Boa estrela os guie (sic)⁴⁸.

Ainda sobre a dimensão que trouxe a presença dos exploradores alemães na cidade, comentou Silvia Ramos Bezerra:

Nesta publicação, a expedição ganha proeminência ao ponto de merecer algumas linhas e os votos de boa viagem. Curioso observar que o editor, apesar de destacar a presença dos capitães locais no grupo expedicionário como fonte de conhecimento nativo, importante para a sobrevivência nas

⁴⁶ STEINEN, K. v. d. **Uma expedição ao Xingu**. Brasília: MEC/Fundação Projeto Rondon, 1980. Série Leituras. P. 04.

⁴⁷ O desentendimento ocorrido entre os dois oficiais culminou com a condenação à prisão de Francisco de Paula Castro em 1887. Essa condenação a 15 dias de prisão foi amparada na 1ª parte dos artigos 1º e 8º do Regulamento de 1763 (Regulamento disciplinar do Conde de Lippe), porém a condenação foi reformada pelo Conselho Supremo Militar no dia 28 de setembro de 1887, por não ter deduzido aquele conselho que houvesse provas suficientes e concludentes para condenação de Castro. .

⁴⁸ O Expectador, 1884. P. 2.

matas, enfatiza já no início da nota o fato da comissão ser de origem estrangeira, europeia, mais especificamente, alemã⁴⁹.

A viagem exploratória e as pesquisas advindas dela, sem dúvida suscitaram interesse em algumas pessoas que observavam a presença dos pesquisadores estrangeiros na cidade com um misto de curiosidade e desconfiança. Talvez essa desconfiança tenha ficado mais forte quando Karl von den Steinen realizou sua segunda viagem exploratória ao rio Xingu por volta de 1887, visando completar os estudos iniciados em 1884. Essa segunda viagem acabou gerando alguns questionamentos sobre a real finalidade dessas viagens exploratórias, o que pode indicar uma mudança no cenário político brasileiro, que já se encaminhava para a proclamação da República.

Essas dita desconfiança gerada pela segunda visita de Steinen ao Brasil acabou sendo alvo de alguns periódicos da Província do Mato Grosso, como por exemplo: *O Expectador*⁵⁰ que no dia 07 de abril de 1887 publicou uma matéria que apresentava uma suspeita acerca das verdadeiras intenções do expedicionário alemão.

Na matéria, o jornal registrou que as informações colhidas em nosso território e levadas para fora do país no intuito de sofrerem análises não contribuíam com o país, pois, ainda segundo o jornal, esses resultados científicos não eram informados ao governo brasileiro. Além disso, no mesmo periódico⁵¹, outro artigo, intitulado: *Xingú ou Martyrios* relacionava o rio Xingu à famosa Mina dos Martírios. Isso acabava levantando certa suspeita acerca do interesse científico dos exploradores:

Ha prevenções que não são imprudentes, maxime quando se trata de interesses gerais.

No <Jornal do Comércio> de 12 de Fevereiro ultimo consta que, por carta de Berlin, de 14 de Janeiro próximo passado, noticia-se que no primeiro vapor da linha de Bremen partiria para o Rio de Janeiro uma comissão científica que dai terá de transportar-se para esta Província , a fim de explorar de novo as cabeceiras do Xingu e alguns de seus afluentes.

É constituída a mesma comissão pelos Srs. Drs. Carlos e Guilherme von den Steinen (que fizeram parte da primeira) Vogel e Paulo Ehrenreich.

É de se supor o bem sucesso da primeira, do contrario não secundariam. Que seria?

Convém que S. Exa. o Sr. Presidente da Província esteja de sobre aviso com os científicos exploradores.

⁴⁹ BEZERRA, S. R. **Fazer Jornalístico e Modernidade em Cuiabá**. Rio de Janeiro: Bookess, 2012. P. 43.

⁵⁰ O jornal fundado em 1884 era redigido e editado por Pedro Moseller.

⁵¹ Edição do dia 29 de março de 1887.

Não somos infensos a que se lhes dispense auxílio e proteção, principalmente havendo recomendações do governo geral, porém é de grande vantagem que S. Exa. Escolha pessoas científicas e práticas para acompanhá-los, afim de que a comissão não se afaste do ponto objetivo – oficialmente determinado – para as suas explorações, como aconteceu com a primeira, o que foi causa, segundo dizem, dos factos sediciosos que se deram entre os srs. Capitães Tupy e Paula Castro, pelo que está hoje sendo punido o segundo, e quiçá lhe seja prejudicial o que não desejamos. Com a contumácia dessa comissão deixa-nos alcançar que os seus membros visam um horizonte limitado e circunscrito aos interesses mineralógicos, do contrario eles não se demoveriam e empreender uma viagem tão difícil e a internar-se em regiões inhóspitas, tendo só em vista o estudo de raças indígenas – como dizem- há mistério!

A lenda da Mina dos Martírios era conhecida pelos estudiosos europeus, pelo menos, desde 1812, após a publicação do livro *Travel in the Interior of Brazil – particularly in the gold and diamond districts* de autoria de John Mawe.

...uma tradição entre os guias dos sertões do Pará e os índios estabelecidos nas margens do Xingu, segundo a qual, depois de transpor a primeira grande cachoeira deste rio, nele se encontrava muito ouro de que os jesuítas, grandes exploradores, extraíam enorme quantidade. É provável que a mina dos Martírios, agora desconhecida, famosa por ser a primeira descoberta por Bartolomeu Bueno, e sobre a qual ouvi várias vezes referências em S. Paulo, esteja localizada num dos muitos braços que formam o rio Xingu⁵².

Além dessa passagem retirada da obra de John Mawe a chamada Mina dos Martírios também aparece em um texto publicado por Inge Thieme.

O que ainda mais os entusiasmava era a eventual redescoberta dos “Martírios”, os três morros que o bandeirante Anhanguera e seus companheiros teriam encontrado cobertos de ouro. O verdadeiro objetivo da viagem era-lhes totalmente inimaginável⁵³.

Mesmo que a presença de Karl von den Steinen no Brasil em 1884 e, posteriormente em 1887, tenha suscitado em algumas pessoas certa desconfiança, é fato que, a contribuição científica trazida ao país foi bastante significativa, sobretudo, para o esforço de integração territorial e populacional que se processou durante o Império, que também buscava conhecer as potencialidades econômicas do país, o que poderia contribuir para elevar o Brasil à condição de nação civilizada.

E é, justamente nesse contexto, que se insere a necessidade de recuperar o relatório de Francisco de Paula Castro como fonte de análise para as pesquisas

⁵² MAWE, J. **Travels in the interior of Brazil, particularly in the gold and Diamond districts of that country**. London: Printed for longman, hurst, rees, orme and brow, partenoster-row. 1812. Obra traduzida para a língua portuguesa com o título: Viagens ao interior do Brasil: principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944. P. 277.

⁵³ THIEME, I. Karl von den Steinen: Vida e Obra. In. COELHO, V. P. (org.) **Karl von den Steinen: Um Século de Antropologia no Xingu**. São Paulo: Editora da USP, 1993. P. 49.

referentes à viagem exploratória de 1884. As narrativas e descrições produzidas pelo oficial permitem ao menos duas coisas. Primeiro, no estabelecimento de um conjunto de reflexões que auxiliam as investigações acerca da viagem científica liderada por Karl von den Steinen, que estão contidas nas páginas do relatório, em suas variadas temáticas.

Os estudos sobre a expedição realizados a partir do relatório produzido por Francisco de Paula Castro, também permitem entender aspectos envolvidos na expedição sob uma nova ótica. Por seu ineditismo, a recuperação deste documento, produzido por alguém que tomou parte na viagem, enriquece a historiografia sobre a viagem de Karl von den Steinen. Além disso, o relatório torna-se importante para os estudos sobre a expedição de 1884, na medida, que em, além de apresentar novas informações sobre a comissão científica, também apresenta opiniões pessoais do oficial sobre a viagem.

No que se refere ao término da expedição, Francisco de Paula Castro terminou a escrituração do relatório na cidade de Belém do Pará no dia 12 de fevereiro de 1885, conforme consta na página 77 do documento. E, mesmo registrando que as notícias científicas acerca da viagem deveriam ficar a cargo do pesquisador alemão, o oficial não deixou de tecer seus comentários pessoais no documento, sobretudo, acerca de sua posição política, como é possível observar na passagem abaixo:

(...) o soldado servir de criado, não comer, ficar nu e afinal sofrer ainda de sua saúde em consequência de viagens e pesados trabalhos por pantanaís, rios e matas, é horrível. Feitas estas considerações que V. Ex^a sem dúvida não as levará a mal, atendendo a que todo cidadão deve sempre indicar a seu governo o que julga acertado fazer se para o bem de seu país (...) ⁵⁴

Este trecho do relatório demonstra a preocupação do capitão Francisco de Paula Castro com o papel desempenhado pelos homens sob seu comando durante a Comissão exploratória do rio Xingu. Para ele, os soldados brasileiros eram os responsáveis pelo êxito dos trabalhos desenvolvidos por pesquisadores estrangeiros no Brasil, como por exemplo, na exploração do rio Xingu.

Segundo Paula Castro, mesmo devendo ser considerados como uma espécie de sustentáculo dessas expedições científicas, esses homens eram privados de qualquer conforto durante vários meses e ao fim das atividades, não recebiam nenhum tipo de reconhecimento por parte do governo brasileiro.

⁵⁴ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 75. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

O oficial também afirmava que os esforços depreendidos durante meses pelos soldados envolvidos nas expedições científicas não eram compensados. Sua afirmação baseava-se no fato, das pesquisas científicas realizadas em território brasileiro não representarem um ganho real para o país. Para ele, as informações colhidas pelos estrangeiros no Brasil eram quase sempre utilizadas pelos pesquisadores em seus países de origem, não sendo divulgadas por aqui.

Além do posicionamento sobre as pesquisas científicas, demonstrado pelo capitão Francisco de Paula Castro no relatório, o oficial também teceu algumas críticas sobre o fato desses pesquisadores estrangeiros, contarem com um ajuda financeira do governo, que para ele, não tinha nenhum retorno para o país.

Os ilustrados exploradores felizmente não desabonarão a força expedicionária na sessão do Instituto Histórico e Geográfico, que tiveram a honra de merecer. E não era de esperar outro procedimento dos três sábios que devem conhecer perfeitamente que são imutáveis a verdade e os princípios de justiça – Se fosse essa expedição feita só por brasileiros eu creio que trazia muito mais interesse ao país e seria muito mais útil. O governo concedendo de vez em quando força militar a estrangeiros que se apresentam para explorar o interior do país, sujeita-se a graves consequências, por isso que dá lugar a familiarizarem-se demais os soldados com esses estrangeiros e daí aparecerem muitas vezes acontecimentos bem desagradáveis⁵⁵.

Ainda neste sentido, Francisco de Paula Castro defendeu que as pesquisas científicas deveriam ser realizadas por pessoas que possuíssem recursos para tais empresas, ou seja, que fossem completamente capazes de arcar sozinhas com todos os custos envolvidos nos empreendimentos.

Sendo a ciência universal é muito justo que todos os governos auxiliem aqueles que para Ella trabalham, porém é muito mais justo ainda que este auxílio seja prestado aos de seu país. Me parece, que é mais consentâneo com a razão que quem queira fazer explorações em um país estranho vá munido do “quantum” necessário para bagagens, animais, criados, ... O soldado servindo de criado, não comer, ficar nu e a final sofrer ainda de sua saúde em consequência de viagens e pesados trabalhos por pantanais, rios e matas, é horrível⁵⁶.

Para o capitão Francisco de Paula Castro a concessão do governo brasileiro de uma força militar para acompanhar as expedições exploratórias realizadas nos sertões do país colocava em risco, ao mesmo tempo, os militares e suas famílias. Os primeiros, pois acabavam ficando sujeitos a vários riscos durante a viagem, inclusive de vida.

⁵⁵ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 74-75. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

⁵⁶ *Ibidem*. P. 74-75.

Quanto às famílias dos militares, para o Francisco de Paula Castro, estas ficavam completamente desamparadas durante o tempo de afastamento dos mesmos, que muitas vezes, passavam meses, envolvidos nessas expedições científicas.

Em um trecho situado na parte final do relatório parece ficar registrado seu descontentamento com a situação que atingia a ele e seus homens:

Chegamos todos a ilha só com a roupa do corpo e esta em péssimo estado. Os três dignos estrangeiros foram mais felizes que nós; encontrarão em Arandahy uma ordem para o Capitão José Nunes fornecer-lhes até a quantia de cinco contos. Não tendo eu e as praças quase recurso algum e não querendo os insignes exploradores se utilizarem da referida ordem, segundo declarou o sábio Dr. Carlos von den Steinen, vi-me em sérios embaraços para alimentar a força⁵⁷.

Por fim, o capitão Francisco de Paula Castro através do relatório, informou ao Ministro da Guerra como ocorreu o término da expedição, tanto para ele, como para seus comandados. Mais uma vez, reafirmando sua condição de dirigente da comissão exploratória, o oficial apresentou ao ministro um quadro geral das atividades desenvolvidas e das condições em que todos apresentavam quando da chegada dos militares que tomaram parte nas atividades da Comissão Científica, na cidade de Belém no final do ano de 1884.

Segundo Francisco de Paula Castro a maior parte dos militares chegaram na cidade de Belém ainda sofrendo de doenças decorrentes da viagem, dois homens estavam feridos e necessitaram de tratamento médico. No relatório, o oficial declarou que alcançaram a capital paraense vinte pessoas, os três alemães, ele, doze praças e mais quatro paisanos.

Ainda segundo o oficial, logo após a chegada dele e de seus homens na mencionada cidade, abordo do vapor “Rio-Xingu” proveniente do porto de Sousel ele tratou de informar ao governo do Pará sobre sua chegada. Assim, dirigiu-se ao palácio do governo a fim de esclarecer ao Presidente da Província os objetivos da viagem e solicitar ajuda para ele e seus subordinados.

Em seguida, o capitão Francisco de Paula Castro informou através do relatório que conseguiu obter do governo do Para alguns vencimentos para ele e para as praças. Também deixou registrado que escapou de ficar sem vestimentas por muitos

⁵⁷ *Ibidem*. P. 72

dias em função de ter encontrado na cidade de Belém alguns amigos e companheiros que evitaram que o oficial passasse por essa decepção.

Ao encerrar seu relatório Francisco de Paula Castro escreveu:

Neste relatório de uma viagem de cinco meses e dezesseis dias encontrará V. Ex.^a. incorreções de linguagem, falta de descrições científicas e poéticas, e muito assumpto árido, mas sabendo já V. Exa., a que tenho a subida honra de dirigir-me que disponho de poucos conhecimentos e mais ainda, que escrevi sempre verdade, tal como ela deve aparecer, espero se dignará relevar as minhas desalinhas narrações e tudo quanto houver nelas de enfadonho⁵⁸.

Após o término da escrituração, o relatório de Francisco de Paula Castro foi enviado ao gabinete do Ministro da Guerra através de um ofício datado do dia 09 de março de 1885, e logo após seu recebimento, o Ministro e Secretário dos Negócios da Guerra, o conselheiro Cândido Luís Maria de Oliveira, resolveu em função do cumprimento da missão, elogiar o capitão Francisco de Paula Castro nos seguintes termos:

Por portaria de 30 de março próximo passado foi declarado elogiar o Sr. Capitão do 8º Batalhão de Infantaria Francisco de Paula Castro, pela confecção do relatório que apresentou, em virtude de instruções que recebeu da presidência da província de Mato Grosso, sobre a viagem exploradora que fez daquela província à do Pará, pelo rio Xingu⁵⁹.

Após o término dos trabalhos da “Viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo rio Xingu”, o capitão do Exército Brasileiro Francisco de Paula Castro e seus homens foram desmobilizados e mandados retornar às suas unidades militares na cidade de Cuiabá. Francisco de Paula Castro ao retornar ao 8º Batalhão de Infantaria assumiu a função de instrutor militar, dando sequência à sua carreira como oficial do exército.

As fontes selecionadas e consultadas para essa pesquisa não foram capazes de informar como ocorreu o retorno de Francisco de Paula Castro e seus homens à cidade de Cuiabá. Também não foram encontradas informações mais significativas sobre a carreira profissional das praças que acompanharam os expedicionários alemães em 1884, principalmente em razão do péssimo estado de conservação da documentação das unidades militares envolvidas.

⁵⁸ *Ibidem*. P. 77.

⁵⁹ Ordem do Dia n. 1920 de 06 de abril de 1885 (Documento n. 3.345 – Divisão de História do AHEX).

Capítulo 2. O relatório de Francisco de Paula Castro e a descrição dos contatos realizados com os indígenas do Xingu.

A proposta deste capítulo é percorrer atentamente o relatório do capitão do exército Francisco de Paula Castro a fim de recuperar, através de suas anotações, as descrições e narrativas, especificamente relacionadas aos contatos realizados entre os expedicionários e os grupos indígenas que foram encontrados ao longo da expedição científica em que tomou parte.

A expedição científica liderada por Karl von den Steinen em 1884 foi a primeira de duas viagens científicas realizadas por ele no Brasil. Após essa expedição científica, o pesquisador produziu alguns trabalhos onde ficaram registrados os aspectos mais significativos da viagem. Entre as mais variadas informações contidas nos textos de Steinen, as que mais atraíram a atenção dos pesquisadores, foram aquelas que envolviam aspectos da cultura das populações indígenas encontradas pelos membros da comissão científica durante a viagem, sobretudo, os que habitavam às margens do rio Xingu.

Levando em conta, um estudo realizado por Maria Helena Ortolan Matos, é possível afirmar que, as viagens realizadas por Karl von den Steinen no Brasil estão inseridas em um contexto, onde as explorações científicas eram tratadas como uma espécie de investimento. Determinados agentes financiadores, esperavam que as pesquisas e descobertas realizadas por esses viajantes, fossem capazes de determinar as potencialidades econômicas das regiões visitadas⁶⁰.

A presença de Karl von den Steinen no território brasileiro, sobretudo, nas áreas margeadas pelo rio Xingu, ao que parece, foi diretamente influenciada pela presença de outros europeus na região amazônica, como fica constatado no primeiro capítulo do livro publicado por ele, sobre a visita ao Xingu em 1884. Neste capítulo, o

⁶⁰ MATOS, M. H. O. Barbosa Rodrigues e o indigenismo brasileiro: quando o naturalista viajante faz mais que olhar e anotar, ele incomoda. *In.* CARVALHO JÚNIOR, A. D. de.; NORONHA, N. M. (orgs.) **A Amazônia dos Viajantes: História e Ciência.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2011. P. 168.

pesquisador alemão menciona o nome de vários viajantes, exploradores e cientistas que estiveram na região desde o século XVI⁶¹.

Esse conhecimento prévio acerca das áreas que pretendia visitar em sua jornada de pesquisa, demonstra que Karl von den Steinen já possuía um conjunto de informações bastante diversificado sobre a região, o que facilitou, de alguma forma, suas investigações.

De todos os viajantes mencionados no livro de Karl von den Steinen sobre a exploração do rio Xingu em 1884, a que mais parece ter influenciado o pesquisador a realizar pesquisas no Brasil, foi o Príncipe Adalbert von Preussen. O nobre prussiano esteve visitando a floresta amazônica em meados do século XIX, ocasião em que navegou a parte norte do rio Xingu, mais especificamente em 1843. Nessa oportunidade, o príncipe entrou em contato com algumas comunidades indígenas que habitavam a região conhecida como Piranhacoára, que mais tarde, também seria visitada por Steinen.

Os registros produzidos pelo príncipe Adalbert von Preussen dão conta que as regiões visitadas naquela ocasião, eram consideradas, até então, desconhecidas. Talvez tenha sido essas informações que acabaram atraindo o interesse de Karl von den Steinen em explorar o rio Xingu. Assim, é possível pensar que a obra de Adalbert von Preussen tenha sido a principal motivação para Karl von den Steinen realizar a viagem exploratória do Xingu em 1884. A obra do príncipe alemão foi publicada na década de 1840.⁶²

Além do interesse em investigar os aspectos geográficos que envolviam aquele rio, mais especificamente o local exato de suas nascentes, também interessava a Karl von den Steinen a realização de pesquisas antropológicas entre as populações nativas que habitavam às margens do Xingu. Foi justamente, com as informações obtidas durante essa viagem científica, que o pesquisador pode publicar o livro que mudaria significativamente o percurso das pesquisas etnológicas no Brasil.

⁶¹ Karl von den Steinen menciona, entre outros, Francisco de Orellana, Pedro Teixeira, Christoval Acuña, Maurício de Heriarte, Samuel Fritz, além dos padres Manoel de Souza e Rochus Hundertpfund.

⁶² O livro escrito pelo príncipe Adalberto da Prússia ganhou pelo menos duas traduções no Brasil, entre elas, a que foi publicada pelo Senado Federal: PRÚSSIA, A. da. **Brasil: Amazonas – Xingu**. Trad. Eduardo de Lima e Castro. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Coleção: O Brasil Visto por Estrangeiros.

Lançado em 1886 na cidade de Leipzig na Alemanha, o livro ganhou sua única tradução para língua portuguesa na década de 1940, tendo sido publicado no Brasil sob o título: *O Brasil Central*.

As pesquisas antropológicas realizadas pelo médico alemão entre às populações indígenas no Brasil foram fortemente influenciadas pela teoria das ideias elementares e dos círculos culturais que foram difundidas por Adolf Bastian⁶³, que esteve com Karl von den Steinen na Polinésia em 1880. E, foi justamente após este encontro, que o pesquisador alemão passou a interessar-se pelas pesquisas etnológicas, acarretando o início de suas viagens científicas.

Foi dentro desse contexto, que Karl von den Steinen e seus companheiros de pesquisa chegaram ao Brasil. Munidos de algumas informações e conhecimentos sobre o rio Xingu, alguns recursos financeiros e equipamentos, os três desembarcaram no Brasil a fim de realizarem uma longa viagem entre as cidades de Cuiabá na Província do Mato Grosso e Belém na vizinha Província do Pará. Seu objetivo, como foi dito anteriormente, era a identificação exata do local onde o Xingu nascia.

Como foi dito anteriormente, as pesquisas desenvolvidas por Karl von den Steinen acabaram sendo facilitadas em função do apoio do governo brasileiro que, além de designar dois oficiais do exército, várias praças do 8º Batalhão de Infantaria e do piquete de cavalaria, guias e prático para acompanharem dos exploradores em sua viagem científica, também ajudou a financiar a viagem. O fruto da viagem foi a publicação de um livro com os resultados da expedição. O livro de Karl von den Steinen foi lançado no ano de 1886 sendo composto por vinte e quatro capítulos e nove apêndices.

Nessa obra, Karl von den Steinen registrou informações sobre a Província do Mato Grosso, bem como, alguns aspectos referentes à viagem fluvial realizada pelos expedicionários entre a cidade de Assunção no Paraguai e Corumbá no Mato Grosso, também reservou um espaço para informar como foi a viagem entre Corumbá e Cuiabá.

⁶³ Karl von den Steinen foi um discípulo do etnólogo Adolf Bastian que criou a corrente teórica que ficou conhecida como Teoria das Ideias Elementares ou *Elementargedanken*. Segundo Robert Lowie, Bastian defendia a ideia da existência de uma unidade psíquica na humanidade que produz em todos os homens um conjunto de ideias semelhantes, mas que os estímulos externos provocariam reações diferentes nos mesmos, o que acabaria por resultar em diferenças ou similitudes entre os povos que estavam organizados em áreas culturais. In. LOWIE, R. **História de la Etnologia**. México: Fundo de Cultura Económica, 1946. P. 50.

Além das informações geográficas presentes no livro de Karl von den Steinen, outros dados também são informados pelo pesquisador em sua obra. Entre essas, destacam-se aquelas relacionadas aos grupos indígenas que foram localizados pelos pesquisadores nas margens dos rios que foram percorridos pelos membros da comissão científica.

Para registrar os contatos realizados entre os expedicionários e os índios, foram destinados treze capítulos da obra. Nessa parte da obra, os indígenas ganham destaque, aparecendo inclusive no título dos capítulos. Além desses treze capítulos, outros três também apresentam informações sobre os grupos indígenas identificados durante a expedição. Sobre a disposição dessas informações no livro, elas estão situadas entre os capítulos doze e vinte e quatro, onde aparecem dados sobre os índios Bacairí, Trumai, Suiá, Manitsauá e Juruna.

Os registros de Karl von den Steinen estavam carregados com os discursos naturalistas da época, que demonstrava uma evidente preocupação com a ação devastadora, do contato dos indígenas com a civilização. Para Steinen isso provocaria prejuízos irreversíveis para as populações indígenas, sobretudo, aquelas que eram ainda consideradas primitivas. Em função do temor que essas comunidades pudessem desaparecer, o pesquisador alemão, além de realizar suas pesquisas antropológicas, também tratou de recolher peças da cultura material que pudessem documentar a existência de tais grupos:

O que os nossos museus conservam da imagem de antigos tempos é no fundo uma miserável coleção de coisas em série. Dentro de um armário de vidro está a vida de um povo. Mas, na falta de coisa melhor, esses trapos coloridos e esses vasos maravilhosos servirão para testemunhar às gerações vindouras o desenvolvimento da humanidade, e, por isso, assumem progressivamente a importância de documentos, embora pareçam bagatelas⁶⁴.

Mas a preocupação em registrar os contatos feitos pelos expedicionários e os indígenas das regiões visitadas não foi uma ação exclusiva do pesquisador alemão. O registro desses contatos também foi realizado pelo capitão Francisco de Paula Castro através do seu relatório. Nele, o oficial procurou descrever, com o maior detalhamento possível, a forma de abordagem utilizada durante os contatos feitos entre membros da Comissão e os grupos indígenas.

⁶⁴ STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central**: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 378.

No relatório de Francisco de Paula Castro os registros dos contatos realizados entre os membros da comissão e os índios aparecem entre as páginas oito e sessenta e sete. Nelas, o oficial narrou como ocorreram essas aproximações. Através de sua narrativa é possível dimensionar as dificuldades encontradas pelos membros da comissão na realização de algumas abordagens com os indígenas.

Ainda sobre esses contatos iniciais, o texto de Francisco de Paula Castro parece transportar o leitor para dentro das situações enfrentadas pelos expedicionários. Em dados momentos, a narrativa é carregada de drama e tensão que refletem bem como esses contatos foram difíceis de serem realizados em algumas ocasiões. Nesses momentos, através das descrições do relatório, o oficial parece assumir o papel de líder da expedição, superando até mesmo Karl von den Steinen.

Além das descrições dos contatos que foram feitos, o capitão Francisco de Paula Castro procurou dotar o relatório com o máximo de informações possíveis sobre os índios que foram encontrados pela comissão científica. Desta forma, a todo tempo, no relatório aparecem informações relativas às habitações, ao número de habitantes existentes em cada uma das aldeias visitadas, a quantidade de índios por sexo, as atividades econômicas desenvolvidas por cada grupo, o número de crianças, além de várias outros dados.

No intuito de pensar uma metodologia que fosse capaz de auxiliar no estudo do relatório, além de buscar uma melhor organização para este capítulo, o mesmo procurou seguir a própria organização estabelecida por Francisco de Paula Castro no relatório, ou seja, os grupos indígenas serão apresentados aqui na seguinte ordem: Bacairí (mansos e selvagens), Trumaí, Suiá, Manitsauá e Juruna.

2.1. Os primeiros contatos entre a Comissão Exploratória do rio Xingu e os índios Bacairí (mansos e selvagens).

Os primeiros relatos de Francisco de Paula Castro sobre contatos realizados entre os membros da Comissão Científica de Exploração do rio Xingu e os grupos indígenas aparecem entre as páginas sete e oito do seu relatório. Trata-se da chegada dos pesquisadores alemães e seus companheiros de viagem à primeira aldeia Bacairí no dia 14 de junho de 1884, por volta do meio dia.

Saímos a 14 as 7 horas da manhã e chegamos ao aldeamento dos índios Bacairí a margem esquerda do rio Novo ao meio dia, depois de passarmos os ribeirões do Pantanalzinho e do Retiro, todos tributários do Arinos desaguando primeiramente no rio Novo. Tendo chegado a este lugar, distante cinco léguas do Marrote resolvemos para alguns dias (...).⁶⁵

Segundo registros do oficial, os índios encontrados nesse aldeamento estabelecido às margens do rio Novo eram considerados civilizados, pois todos os habitantes conheciam e falavam a língua portuguesa, apesar de não “terem esquecido seu dialeto”⁶⁶.

No relatório, Francisco de Paula Castro ocupou-se em registrar os aspectos que estavam mais visíveis aos seus olhos, ou seja, ele procurou dotar as páginas do documento com informações sobre as habitações onde viviam os indígenas, o número de habitantes existentes no aldeamento, além de alguns dados sobre as práticas econômicas desenvolvidas pelos habitantes.

Esse pequeno aldeamento de índios, já civilizados falando todos o português, sem terem esquecidos o seu dialeto, contem seis casas de palha quadradas e bastante velhas. Duas léguas ao N do aldeamento há uma grande roça de mandioca, milho, arroz, feijão e cana. Tem 55 habitantes sendo adultos do sexo masculino 16, feminino 19 e crianças vinte⁶⁷.

Os registros da chegada dos expedicionários a esse primeiro aldeamento visitado ao longo da viagem, também foi alvo de interesse de Karl von den Steinen. No livro do alemão a narrativa que assinala esse contato, aparece no capítulo VIII, mais

⁶⁵ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 07. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

⁶⁶ *Ibidem*. P. 08

⁶⁷ *Ibidem*. P. 08.

especificamente na página 125, onde descreveu detalhadamente como ocorreu o encontro.

Além das práticas agrícolas desenvolvidas pelos índios na aldeia, Francisco de Paula Castro também observou que a pecuária era uma atividade muito expressiva entre os habitantes do local, registrando que os índios ocupavam-se “na criação do gado vacum e outros animais domesticados”⁶⁸.

Outra informação que aparece no texto de Paula Castro diz respeito à direção dos índios. Segundo ele, os Bacairí encontrados naquela aldeia eram dirigidos pelo índio Reginaldo da Silva Nogueira que havia sido nomeado pelo Diretor Geral dos Índios que residia na cidade de Cuiabá. Ainda segundo o oficial, Reginaldo recebia o tratamento de capitão entre os habitantes da aldeia, que o respeitavam muito⁶⁹.

Também mereceu destaque nos registros feitos pelo oficial no relatório, o início das atividades científicas por parte dos pesquisadores alemães:

Ocuparam-se os três exploradores alemães em diversos serviços, o Dor. Carlos em estudos antropológicos, o engenheiro Clauss em desenhos topográficos e o desenhista Guilherme em paisagens e retratos de diversos índios.^{70, 71}

A chegada dos expedicionários a esse primeiro aldeamento marcou o prolongado contato entre os membros da comissão científica e os índios Bacairí, isso porque, foram várias as aldeias dessa etnia que foram visitadas por eles. Francisco de Paula Castro também registrou que, após seis dias de permanência do grupo nesse primeiro aldeamento, ele próprio teria decidido sobre a continuidade da viagem, mesmo com todas as dificuldades, sendo a mais latente delas, a falta de gêneros alimentícios que não foram distribuídos em quantidade adequada pelo capitão Antônio Tupy Ferreira Caldas:

Não tendo regressado o Capitão Tupy até o dia 20 e faltando já mantimentos para as praças resolvi continuar a viagem, fazendo seguir para cidade parte e recomendando-lhe toda velocidade nas marchas, a fim de chegar em Cuiabá

⁶⁸ *Ibidem*. P. 08.

⁶⁹ Segundo o Regulamento das Missões de 24 de julho de 1845, competia ao diretor geral de índios a designação de índios dos aldeamentos para serviços públicos. Informação retirada de: CUNHA, M. C. da. Política Indigenista no Século XIX. In. CUNHA, M. C. da. (org.) **História dos Índios no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, Fapesp, 1992. P. 148.

⁷⁰ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 08. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

⁷¹ As imagens produzidas pelo desenhista alemão Wilhelm von den Steinen na aldeia Bacairí aparecem a partir da página 124 do capítulo VIII da obra de Karl von den Steinen.

sem ter sofrido fome em caminho, sendo o Capitão Tupy o comandante da força e encarregado de fornece-la, para o que trouxe a importância suficiente, era perigosa a demora por mais dias de toda a gente nesse ponto, estando ausente a muito tempo o Capitão e não havendo quase gêneros para alimentá-la⁷².

A solução encontrada por Francisco de Paula Castro para cumprir as determinações do governo, foi a de enviar de volta à cidade de Cuiabá parte da força militar que formava a comissão⁷³. Essa ação, considerada necessária e legítima pelo oficial visava diminuir as demandas de manutenção de todos os envolvidos na expedição. Junto com os homens que voltaram, foram remetidas duas cartas para o Presidente da Província do Mato Grosso. Uma delas, escrita por Karl von den Steinen⁷⁴ e outra pelo oficial. Os militares escolhidos para retornar à capital também conduziam uma carta que deveria ser entregue ao capitão Antônio Tupy Ferreira Caldas. Nela, Karl von den Steinen declarava não querer mais a companhia do referido oficial nas atividades desenvolvidas pela expedição.

Assim, no dia 21 de junho, por volta das treze horas e trinta minutos, os expedicionários deixaram a aldeia indígena, e deram prosseguimento à viagem. Por ocasião de sua partida, os mesmos passaram a contar com a companhia do tenente Bacairí Joaquim que serviu como guia dos expedicionários em troca de algumas peças de roupa⁷⁵.

⁷² CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 08-09. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

⁷³ Karl von den Steinen registrou no seu livro esse afastamento de parte da força. Segundo seus registros, após os problemas de abastecimento decorrentes do sumiço do capitão Tupy teria partido dele próprio, Steinen, a solicitação para que Paula Castro assumisse a chefia da tropa. Em decorrência dessa nova função, o capitão Castro determinou que 12 homens voltassem para capital do Mato Grosso, permanecendo com ele, outros onze: Clementino, o ativo magarefe e José Maria, do piquete, o sub-oficial Norberto, Israel, Sátiro, Quintiliano, Meireles, Irineu, Rufino, Braga, Chico, Manuel e o Corneta. STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu**. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 132-133.

⁷⁴ Segundo Steinen a ação de Paula Castro foi de fato necessária para o êxito da expedição, uma vez que, no dia 20 de junho, a quantidade de mantimentos disponíveis era insuficiente para manutenção dos membros da comissão: Feijão – 4 alqs., farinha – 3 ¼ alqs., sal – 3 scs., arroz – 3 ¼ alqs, uma ração de rapadura e um pouco de tabaco. STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu**. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 131.

⁷⁵ Sobre essa ocorrência informou Steinen: “Saímos à 1 e 30 da tarde. Acompanha-nos o tenente bacairí, montado num velho cavalo branco, que nos vai mostrar o caminho mais curto. Felizmente ele não quer dinheiro pelo serviço, contenta-se com algumas camisas e calças”. STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu**. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 135.

Ainda sobre a permanência dos expedicionários na aldeia Bacairí, o capitão Francisco de Paula Castro mencionou no relatório, que ele havia se ocupado em organizar uma lista de vocábulos do dialeto dos Bacairí. Essa relação de palavras foi colocada nas páginas finais do relatório e é composta por duzentos vocábulos que foram traduzidos para língua portuguesa. Além disso, o oficial organizou as palavras através das seguintes temáticas: corpo humano com 28 palavras, aspectos da natureza com 50 vocábulos, cinco palavras ligadas à cor da pele humana e por fim, uma lista com 117 palavras que compreendem objetos e/ou aspectos do cotidiano.

Francisco de Paula Castro continuou descrevendo a viagem no relatório, mencionando os acidentes geográficos encontrados ao longo do percurso, bem como, os locais escolhidos para descanso, que eram definidos basicamente pela proximidade com água potável, como por exemplo, no caso do ribeirão Beija-flor⁷⁶. Logo após o pouso no mencionado ribeirão, os expedicionários deram prosseguimento à viagem, alcançando no dia 26 do mesmo mês, uma fazenda denominada Córrego Fundo, onde permaneceram durante quatro dias.

Paula Castro não descreveu muitos detalhes sobre essa propriedade no relatório, limitando-se apenas a comentar, que o proprietário da fazenda ocupava-se em criar bois e porcos⁷⁷. Além disso, informou também, que os moradores da fazenda comentaram sobre a existência de uma povoação denominada Puebó que ficava a uma distância que variava entre 60 e 66 quilômetros da propriedade onde estavam.

Ainda durante a estada da comissão nesta localidade, Francisco de Paula Castro narrou no relatório que o capitão Antônio Tupy Ferreira Caldas voltou a aparecer após uma ausência de vinte e dois dias. Junto com ele, retornaram também os homens que haviam sido enviados à Cuiabá no dia 20 de junho. Sem comentar como foi recepcionada essa volta de Tupy, o oficial limitou-se a informar que a comissão

⁷⁶ Nesta parada, ocorrida no dia 24 de junho em horário não informado, Steinen comentou no livro publicado por ele que os expedicionários encontraram uma caravana liderada por um cuiabano de nome Eliseu. A caravana buscava seringueiras para serem exploradas.

⁷⁷ Segundo Karl von den Steinen a chegada na fazenda ocorreu na parte da tarde. O alemão descreveu a propriedade como um lugar bem situado e propício à criação do gado, com inúmeros espaços de pastagem e água potável.

científica prosseguiu viagem no dia 1º de julho com “os mantimentos indispensáveis calculados para três meses”⁷⁸.

Após deixarem o rio Novo, os expedicionários marcharam em direção ao rio Paranatinga. Já, estando próximos desse rio, tendo percorrido, aproximadamente quatro léguas e meia, os expedicionários chegaram à segunda aldeia Bacairí, que estava localizada na margem esquerda do Paranatinga. Sobre esse aldeamento, Francisco de Paula Castro registrou a existência de nove habitações quadradas, todas construídas de palha. Também informou que essas casas, juntas, abrigavam 19 pessoas⁷⁹.

A primeira impressão registrada pelo capitão Francisco de Paula Castro sobre os indígenas dessa aldeia diz respeito a sua mansidão. Também comentou que os índios falavam a língua portuguesa. Sobre os aspectos físicos dos índios, o oficial observou que eles furavam as orelhas e as membranas do nariz. Outro detalhe que mereceu destaque no relatório foi o fato de terem encontrado nesta aldeia, uma índia Parecí e duas Cajibí⁸⁰.

Após permanecerem por aproximadamente cinco dias nesse aldeamento, os expedicionários deixaram o mesmo no dia 06 de julho por volta das dez e meia da manhã. Por ocasião do registro da saída do grupo desse aldeamento, Francisco de Paula Castro comentou que, além dos homens que foram selecionados para continuar a viagem, após o afastamento definitivo do capitão Tupy, também permaneceram mais quatro praças do piquete da cavalaria.

Desta forma, reorganizada a coluna, os expedicionários deixaram a aldeia do Paranatinga. Nesta ocasião, os expedicionários passaram a contar com a companhia

⁷⁸ Apesar de Paula Castro não informar a quantidade e quais gêneros foram adquiridos, Karl von den Steinen informou no seu livro as quantidades e valores: 4 arrobas (a 16 ks.) de farinha de mandioca, 4 idem farinha de milho, ambas a 3\$000, totalizando 24\$000; 2 arrobas de arroz, a 4\$000, totalizando 8\$000; 5 arrobas de toucinho, a 9\$000, totalizando 45\$000; 2 bois, a 18\$000, totalizando 36\$000. A soma total de todos esses gêneros: 113\$000. STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central**: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 143.

⁷⁹ No livro de Steinen o número de habitantes desta aldeia seria 20, pois o pesquisador alemão contabilizou: 5 homens Bacairí, 5 mulheres Bacairí, 3 crianças, 1 mulher Parecí, 2 mulheres Cajibí, 2 seringueiros (um de nome Luiz que era boliviano e outro de nome Martim), além de Carlota (esposa de Martim) e um filho deste casal. STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central**: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 146.

⁸⁰ Curiosamente Francisco de Paula Castro e Karl von den Steinen descreveram essas duas índias Cajibí da mesma maneira, comentando que elas apresentavam traços físicos semelhantes aos dos japoneses.

de um índio Bacairí que foi levado por Francisco de Paula Castro a fim de servir como interprete.

Logo após saírem da área onde o aldeamento estava localizado, os membros da comissão cruzaram o rio Paranatinga em canoas construídas com a casca do Jatobá que foram descritas pelo oficial no relatório da seguinte forma:

O jatobá é uma grande arvore pertencente a família das leguminosas e de cuja casca aproveitam-se os índios para fazerem pequenas canoas que durão de 1 a 2 anos quando bem secas ao tempo e viajam em rios sem cachoeiras⁸¹.

Para Francisco de Paula Castro a saída da comissão da aldeia Bacairí localizada às margens do Paranatinga representou “verdadeiramente a procura do Xingu”⁸². Também destacou que resolveram tomar o rumo leste, que os conduziu a terras desabitadas e que nunca haviam sido pisadas por gente civilizada, o que culminou com a necessidade dos expedicionários nominarem os acidentes geográficos por onde passaram:

Fomos dando nome aos diversos lugares. Passamos em ribeirões e uma cabeceira. O primeiro chama das Formigas, o segundo da Bacova e a cabeceira o Mesmo. Descansamos junto à cabeceira ao ½ dia tendo percorrido uma légua de caminho. Deste ponto avista-se ao S. a serra do Capistrano⁸³.

Francisco de Paula Castro continuou narrando a viagem, procurando descrever com o maior detalhamento possível, os acidentes geográficos encontrados. Além disso, também foi alvo de interesse, os aspectos relacionados à vegetação, o relevo e as distâncias percorridas. No dia 08 de junho, o oficial registrou que as águas que iam sendo encontradas, dirigiam-se para o lado contrario ao do rio Paranatinga.

Essa observação, feita por alguns membros da expedição, acabou permitindo que desconfiassem estarem se aproximando do rio Xingu, o que confirmaria as informações obtidas pelos expedicionários, tanto da aldeia do rio Novo quanto na Aldeia do Paranatinga.

Após acamparem nas proximidades de um ribeirão, batizado por eles com o nome de Profundo, prosseguiram viagem no dia 09 de julho. Após alguns dias de caminhada, os expedicionários encontraram no dia treze de julho um rio bastante largo

⁸¹ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 14-15. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

⁸² *Ibidem*. P. 16.

⁸³ *Ibidem*, p. 16-17.

que passaram acreditar tratar-se do Xingu, mas sem terem ainda as confirmações necessárias. A fim de comprovarem a tese de que estavam, de fato no Xingu, Francisco de Paula Castro e os três expedicionários alemães realizaram duas excursões para procurarem provas de que o rio não era mais um afluente do Paranatinga.

Essas duas excursões foram realizadas respectivamente nos dias 14 e 16 de julho. Mas, segundo o oficial, a primeira delas teria sido pouco produtiva. Sobre a segunda, Francisco de Paula Castro descreveu os horrores que passou ao lado de Karl von den Steinen. Ficou registrado no relatório que tiveram que pernoitar em um local de pasto que havia sido todo queimado. Além disso, comentou que esse pouso ocorreu após um enorme esforço que ambos fizeram, os que havia deixado ambos, demasiadamente cansados e com frio.

Ao voltarem ao local onde a tropa encontrava-se, relataram o que haviam visto e resolveram nominar o rio como Batovy e uma das serras que haviam subido com o nome de Maria, tudo em homenagem ao Barão do Batovy e sua esposa. Em seu relatório Paula Castro informou que acreditava que a viagem a partir daquele ponto deveria seguir margeando o rio Batovy que parecia ser um afluente do Xingu. Ainda segundo o oficial, os índios Caetano e Reginaldo haviam prestado informações que poderiam corroborar com sua hipótese, que a principio foi divergente da opinião de Otto Clauss que aos poucos foi sendo convencido que essa tese poderia ser a mais conveniente.

No dia 21 de julho, logo após a decisão de continuarem a viagem através do Batovy, Paula Castro informou ter enviado de volta a Cuiabá o sargento Januário e mais duas praças do Piquete de cavalaria com os muares, além de seis bois que não aguentariam continuar a viagem. Também informou que o sargento conduziu as correspondências que davam conta de informar as ações dos membros da comissão até aquela data.

Segundo Paula Castro foi a partir desse momento que teve início as maiores dificuldades da viagem. Com pouca comida, tiveram que sacrificar dez bois para produção de carne seca, pois não sabiam o que iriam encontrar pela frente. Além disso, tiveram que acampar por aproximadamente seis dias a fim de construírem canoas de

Jatobá que pudessem acondicionar todos os membros da comissão e mais cinco cães⁸⁴ que os acompanhavam desde sua saída de Cuiabá e colaboravam no fornecimento de pequenas caças ao longo da viagem.

Os dias seguintes seriam alguns dos mais difíceis de toda viagem. Os relatos de Paula Castro dão conta da falta de comida, das canoas que foram perdidas no rio após virarem e das roupas e equipamentos que desapareceram no fundo do Batovy. Mas foi, justamente, em meio a essas e outras dificuldades que os membros da comissão encontraram no dia 06 de agosto os primeiros sinais de “índios que não tinham ainda tido comunicação com a gente civilizada”⁸⁵.

Após a abertura de uma picada que tinha como finalidade facilitar a progressão da comissão que não tinha como transpor uma cachoeira, encontraram três trempes preparadas com paus finos e cipós que não apresentavam sinais que pudessem comprovar a utilização de equipamentos de ferro, o que acabou gerando a desconfiança de que os índios não conheciam pessoas civilizadas. Durante vários dias de caminhada, os expedicionários encontraram vestígios da presença dos índios, tais como, pegadas nas margens do rio, riscos feitos nas árvores, além de armações de casas de palha que haviam sido abandonadas.

O encontro com esses índios era muito esperado por Francisco de Paula Castro que registrou em seu relatório sua ansiedade.

Ansiava eu travar diariamente pelo encontro da habitação de tal gente, não só porque havia probabilidade de algum recurso para nós como por irmos travar conhecimento com uma nova gente, que muito se admiraria da nossa presença em suas terras⁸⁶.

Mas, apesar dessa ansiedade do oficial, também havia receio por parte dos membros da comissão que os índios fossem bravos e ferozes e não quisessem travar amizade. Mas isso não afastava a necessidade do contato em função do estado em que se encontravam e que, carecia de grande socorro.

⁸⁴ Karl von den Steinen comentou em seu livro que, no início da viagem, os membros da comissão foram acompanhados por seis cães, cujos nomes eram: Campeão, Tarugo, Maroto, Tubarão, Leão e Leoa. STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu**. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 106.

⁸⁵ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 23. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

⁸⁶ *Ibidem*, p. 24.

Paula Castro registrou no relatório, que após as conjecturas feitas sobre os indígenas, os membros da comissão alcançaram no dia 11 de agosto uma cachoeira com três quedas onde puderam avistar “uma canoa de jatobá muito bem feita e toda bordada”⁸⁷. Em seguida, os expedicionários encontraram um caminho que ligava a margem do rio ao interior da mata, suscitando o interesse dos membros da comissão em conhecer os índios que habitavam aquelas terras.

Assim, Paula Castro registrou ter dado instruções aos membros da expedição para o caso de hostilidade por parte dos índios, em seguida, foram escolhidos três homens para ficarem cuidando das canoas e das cargas, enquanto os outros seguiriam em busca da aldeia, o que teria ocorrido após uma hora de caminhada. Paula Castro em sua narrativa informou que no percurso até a aldeia encontraram um bacaiuval e logo em seguida uma roça feita com machado de pedra.

Após chegarem ao aldeamento, o oficial solicitou que Antônio, o índio Bacairí que os acompanhava falasse em seu dialeto para tentar estabelecer contato com os moradores do local, que ele acreditava tratar-se de uma aldeia Bacairí⁸⁸. Mesmo com medo, Antônio acompanhado por Castro e o índio Daniel foram à frente dos homens, até que avistaram os primeiros habitantes da aldeia que estavam no interior das casas e movimentavam-se rapidamente.

Em seguida, de uma das habitações saiu um índio jovem de idade aproximada entre 16 e 18 anos que não apresentava sinais de querer guerra. Segundo Paula Castro, o indígena aproximou-se do grupo com um ar de riso e travou uma conversa amigável com Antônio, apesar de ambos estarem literalmente “tremendo” de medo. O contato entre os membros da comissão e os indígenas do aldeamento foi muito satisfatório, pois segundo a narrativa de Castro após conhecerem os objetivos da expedição, os índios teriam fornecido alimentos aos expedicionários.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 24.

⁸⁸ Essa informação confronta-se com a narrativa de Karl von den Steinen. Segundo o pesquisador alemão, logo após o jovem Bacairí ter deixado o interior da habitação, ele teria orientado a Antônio que cumprimentasse o indígena em sua língua. STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central**: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 84.

O oficial também informou no relatório, que no dia 12 de agosto trocaram ferramentas, roupas e botões com os índios por armas e ornamentos, que serviu para os pesquisadores alemães montarem uma coleção etnológica. Para celebrar o encontro com os indígenas da aldeia, Paula Castro informou que resolveram chamar a cachoeira de Salto d'Alegria. Além dos alimentos fornecidos pelos índios, também obtiveram canoas para o prosseguimento da viagem.

Em sua narrativa, Paula Castro descreveu aspectos da vida na aldeia. Segundo ele os indígenas habitavam duas casas de palha redondas ladeadas por uma espécie de galpão destinado para realização de festas, acomodação de hóspedes e guarda de seus ornamentos, armas e preciosidades. Também registrou que esses índios praticavam a agricultura, cultivando milho, algodão que utilizavam para fabricarem redes de dormir e outros artigos artesanais. Além disso, também possuíam uma roça de mandioca brava que utilizavam para fabricação de farinha, polvilho e bebidas. Também observou o oficial que os índios da aldeia possuíam uma indústria de machados de pedra, de conchas, dentes e ossos de peixes que eram transformados em instrumentos, como facas.

Outros aspectos também ganharam destaque no relatório de Francisco de Paula Castro. Em sua narrativa, o oficial informou que os homens da aldeia andavam completamente nus, enquanto as mulheres usavam um pequeno pedaço de palha triangular para cobrir as partes pudendas. Além disso, também registrou que os índios Bacairí selvagens utilizavam arcos, flechas e massas nos combates, que produziam fogo pela fricção e que viviam da caça e da pesca. Comentou no texto que eram apreciadores das aves, sobretudo, papagaios, araras e jacus, que eram considerados como companheiros em suas casas. Também deu destaque ao fato dos índios utilizarem madeiras como a aroeira, a piúva, o vinhático e o cedro para fabricação de instrumentos musicais e outros objetos.

Segundo as contas de Francisco de Paula Castro até conseguirem alcançar a aldeia dos Bacairí selvagens, os expedicionários haviam transposto 112 cachoeiras, 11 corredeiras e sete saltos que variavam de três a seis metros de altura. Também registrou que o rio apresentava voltas muito acentuadas e próximas uma das outras, além de ter contabilizado 16 afluentes pela margem esquerda e 9 pela direita. Também comentou

que, a maior parte desses afluentes era na verdade, córregos que desaguavam no rio que era formado por muitas pedras e cascalho.

Os índios da aldeia informaram os expedicionários sobre a existência de um grande rio que recebia as águas do Batovy que eles nominavam Tamitotoale. Além dessas águas, o rio mencionado também recebia as águas de outros dois rios da região, seriam eles, o Ronuro e o Colysêo.

Após alguns dias convivendo com os índios, a viagem continuou no dia 15 de agosto. A fim de vencerem as dificuldades do rio, os expedicionários passaram a contar com quatro canoas feitas de casca de jatobá, que trocaram com os indígenas por roupas e ferramentas. Os viajantes foram informados pelos indígenas que os membros da comissão iriam encontrar outras cinco aldeias Bacairí no trajeto e que os índios seriam avisados sobre a presença dos expedicionários. Também foram avisados sobre a existência de outros índios, como por exemplo, os Custanaú, Vaurá, Trumaihy e Chuyá.

Pouco tempo após a saída dos expedicionários da aldeia, os membros da comissão encontraram a primeira aldeia Bacairí informada. Nela Paula Castro contabilizou 12 homens, 13 mulheres e 19 crianças. Foram recebidos por um índio de nome Panága. O segundo aldeamento foi encontrado no dia 17 de agosto. Nele viviam 18 homens, 17 mulheres e 7 crianças que se dividiam em quatro casas que formavam um quadrado. Segundo Paula Castro a chegada da comissão ocorreu no período em que os índios se preparavam para uma festa. Nessa aldeia foram realizadas algumas trocas pelo oficial que declarou ter obtido dos índios uma canoa.

Ainda sobre a presença dos expedicionários nesse aldeamento, Francisco de Paula Castro informou no relatório, que em uma das casas os indígenas guardavam ornamentos, armas e figuras produzidas em cera, folhas e cipós que representavam os animais conhecidos por eles. Segundo o oficial, este conjunto formava uma espécie de museu⁸⁹. No dia 18 de agosto a comissão alcançou a terceira aldeia Bacairí que estava situada à margem esquerda do rio. Nela existiam quatro casas de palha irregulares que abrigavam 13 homens, 12 mulheres e 19 crianças.

⁸⁹ Karl von den Steinen apresenta uma descrição minuciosa desse espaço em sua obra nas páginas 202 e 203.

Nesse aldeamento os expedicionários foram recebidos de forma amigável pelos índios que realizaram uma apresentação musical com uma espécie de flauta de madeira de vinhático que era chamada de mêní. Paula Castro registrou que nesta aldeia foi encontrado um instrumento de ferro, em formato de talhadeira que, segundo os índios, havia sido trazido pelo avô de um dos índios por certo de alguma região próxima ao rio Paranatinga.

Relatou Paula Castro que saíram deste aldeamento no dia 22 de agosto e dois dias depois, ou seja, no dia 24 do mesmo mês alcançaram a 4ª aldeia Bacairí. Segundo os cálculos do oficial a distância da terceira aldeia para esta era de aproximadamente 20 léguas. Ao chegarem nessa aldeia foram bem hospedados pelos índios. Castro informou que esta era a maior de todas as aldeias Bacairí visitadas. Era composta por sete casas dispostas em círculo onde habitavam 30 homens, 21 mulheres e 37 crianças, das quais, 29 eram meninas.

Francisco de Paula Castro informou ainda no relatório que apesar dos expedicionários terem sido informados sobre a existência de cinco aldeamentos Bacairí ao longo do percurso, encontraram apenas quatro deles. A permanência dos expedicionários nessa aldeia foi breve, e já no dia seguinte deixaram a mesma na parte da manhã. A saída do grupo desse último aldeamento Bacairí localizado às margens do rio Batovy marcaria o encontro dos membros da comissão com outros índios.

2.2. A comissão científica encontra os índios Custenaú.

O capitão Francisco de Paula Castro informou no final da página 31 do relatório que, no dia 27 de agosto os expedicionários encontraram por volta das oito e meia da manhã uma canoa de casca de jatobá que não possuía as características das embarcações daquele tipo que eram construídas pelos índios Bacairí. Logo em seguida, por volta das nove e cinquenta da manhã encontraram outras, três canoas com as mesmas características da primeira, o que os levou a acreditar tratar-se de indígenas diferentes dos que haviam sido contatados até aquele momento.

Após o encontro com essas embarcações, Paula Castro afirmou ter dado algumas providências para os homens por acreditar que estavam próximos de encontrar índios até então desconhecidos. Desta forma, desembarcaram e seguiram em uma estrada que encontraram à margem do rio e pouco tempo depois avistaram uma velha casa de palha com duas índias trabalhando e um índio também velho em pé.

Segundo a narrativa do oficial, os três índios ao serem surpreendidos pelo grupo, ficaram assustados e trêmulos e deram uma clara demonstração de temor. A partir daí, teve início um período de grande confusão, com os indígenas gesticulando muito e falando em voz alta. Ainda segundo Paula Castro, o índio Bacairí que os acompanhava como interprete informou não conhecer a língua de tais índios.

Após algum tempo, teriam aparecido outros indígenas do mesmo grupo acompanhados por dois Bacairí que conseguiram estabelecer contato com o interprete do grupo. Francisco de Paula Castro informou que esse primeiro grupo que surgiu era formado por 9 homens, 7 mulheres e duas crianças, além dos dois índios Bacairí. Paula Castro também informou no relatório que os expedicionários souberam pelo interprete que os índios encontrados eram denominados Custenaú e que habitavam um aldeamento na margem esquerda do rio Batovy. Segundo apontamentos do oficial, a aldeia era formada por cinco casas grandes, todas construídas de palha.

Segundo informações contidas no relatório, os índios Custenaú não eram tratáveis como os Bacairi⁹⁰. Além disso, foi possível aos expedicionários perceberem que na língua desses indígenas havia muitos traços da língua Guarany.

Em sua conversação dizem muitas palavras da língua Guarany, como ajucá (matar), iguatá-tereô (va-se embora), petum (fumo). Dizem: papá, ipramã, palavras estas que nos levam a crer que em tempos remotos andou por aí gente civilizada que falava o português⁹¹.

Paula Castro também apresentou outras informações no relatório sobre a presença dos expedicionários nas proximidades da aldeia dos índios Custanaú. Segundo ele, os exploradores alemães tiveram muita dificuldade para realizarem os trabalhos de Antropologia e Craniometria. Castro registrou que, em um dos primeiros contatos que teve com um dos índios, realizou a troca de um colar de contas com uma medalha por uma das flechas de um índio velho⁹².

A permanência dos expedicionários na localidade foi breve. Paula Castro informou que no dia 28, quando estavam preparados para deixarem a região, os índios Custanaú apareceram com bijus e convidando todos para irem até o aldeamento, o que não teria ocorrido. A razão para isso, segundo Castro residia na ansiedade de todos os membros da comissão em encontrarem o Xingu, que parecia estar próximo daquele local.

Ainda sobre os Custanaú, o oficial registrou no relatório que eles usavam o cabelo em forma de coroa, ou seja, cortava-os de uma forma que os fazia parecer frades católicos. Para ele, isso sugeria que, em algum momento, teria ocorrido algum tipo de contato. Além disso, os índios não usavam barba. Sobre sua economia, Paula Castro informou que os indígenas plantavam mandioca, milho, cará, batata doce, favas, além de um tipo de feijão miúdo. Também produziam o fumo que era enrolado em uma folha comprida e lanceolada que dava à fumaça um cheiro agradável de balsamo⁹³. Por fim,

⁹⁰ Curiosamente Karl von den Steinen comenta que os botões que foram trocados com os índios que ficaram muito admirados com eles, de nada adiantava com os Custanaú que nem atenção deram a eles. STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu**. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 214.

⁹¹ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 32. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

⁹² *Idem, ibidem*, p. 32-33.

⁹³ Para Karl von den Steinen o fumo oferecido por esses índios era o melhor do rio Batovi. STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu**. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 214.

Paula Castro informou que os índios Custanaú utilizavam como forma de saudação e cumprimento a prática de mostrar a palma da mão e dizer a palavra Icatú.

2.3. A chegada dos expedicionários ao Xingu e o encontro com suas populações.

A chegada dos membros da comissão científica às margens do rio Xingu ocorreu, segundo a narrativa de Francisco de Paula Castro no dia 30 de agosto por volta das três horas da tarde. A seguir o oficial oferece em seu relatório uma descrição do encontro do Batovy com o Xingu.

Na saída da foz do Batovy demos algumas descargas em regozijo do nosso encontro com o rio. Logo abaixo da foz do Batovy há uma linda baía a margem direita. As águas do Batovy e do grande rio caem em outro maior vindo de SE, apresentando uma foz de 380 metros de largura parecendo o rio principal⁹⁴.

Apesar de Francisco de Paula Castro parecer confiar que o rio encontrado era de fato o Xingu, tendo inclusive argumentado com os expedicionários alemães e demonstrado suas teses para confirmar sua posição, os exploradores alemães ainda apresentavam dúvidas, chegando os mesmos, acreditarem que ainda estavam no Paranatinga.

Pairavam sobre o espírito dos ilustrados exploradores dúvidas sobre o rio que eles supunham ainda que fosse o Paranatinga que mais ao N. podia ir tomando o rumo O. e cair no Tapajós, não concordarão eles com elas, e por isso guardei uma ocasião de poder reforçar a minha opinião⁹⁵.

Segundo a narrativa de Paula Castro o primeiro contato entre os membros da comissão e os habitantes do Xingu ocorreu no dia 30 de agosto por volta das seis da tarde. Tratava-se de quatro indígenas que estavam a bordo de uma pequena canoa e desciam pelo rio Coliseu. Paula Castro registrou que houve uma tentativa de contato com esses índios através de sinais feitos por ele com lenços e bandeiras, mas quando acreditavam que os indígenas iriam se aproximar, os mesmos ficaram assustados com os latidos de um dos cães e acabaram voltando rio acima com muita pressa.

Ainda segundo o oficial, foi apenas no dia seguinte, ou seja, em 31 de agosto que o contato foi feito. Nesse dia, por volta das nove horas da manhã, 43 três

⁹⁴ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 37. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

⁹⁵ *Ibidem*. P. 38.

índios Trumaí abordo de 15 canoas⁹⁶ de casca apareceram no rio. Após avistarem os indígenas, Paula Castro teria prevenido os membros da comissão para que empregassem todos os meios possíveis para estabelecer contato com tais nativos, o que teria sido feito, com o uso de acenos, lenços e roupas.

Em sua narrativa, o capitão Paula Castro informou que, os índios fizeram nesse primeiro contato uma grande algazarra. Todos falavam ao mesmo tempo e batiam contra o peito gritando a palavra icatú trumãihy. Tendo em vista a necessidade de tentar uma aproximação com esses indígenas, teria o oficial, mandado encostar uma canoa da expedição com três homens armados, em uma das canoas dos índios, o que pareceu a decisão mais acertada.

Resolvi mandar encostar a eles uma de nossas canoas com três praças armadas para o caso de serem atacados. Foi uma acertada medida. Assim que virão a nossa canoa unir-se a uma deles, deram todos um grito de alegria e imediatamente desembarcarão⁹⁷.

Logo após o desembarque dos indígenas, um dos índios que parecia o chefe aproximou-se do capitão Paula Castro e estendeu-lhe o braço. Em seguida, o oficial informou em sua narrativa que colocou seu chapéu na cabeça do índio e posteriormente o conduziu até o local onde estavam acampados, tendo presenteado o índio com alguns peixes.

A partir desse ponto a narrativa de Francisco de Paula Castro fica dramática, pois após o estabelecimento desse primeiro contato com os índios e parecendo que as coisas estavam sobre total controle, teria ocorrido o pior. Um tiro foi disparado, causando grande desespero entre os indígenas; o que resultou na fuga dos mesmos e no estremecimento das relações amigáveis estabelecidas até aquele momento. Para Francisco de Paula Castro o tiro:

Foi como uma corrente elétrica estabelecida por todos os índios! Deram ao mesmo tempo um grito de horror, atiraram-se n'agua e tratarão de fugir. Na fuga conduziram o meu chapéu e do desenhista Guilherme e duas armas que tinham pedido aos soldados para ver⁹⁸.

⁹⁶ Karl von den Steinen informou em sua obra que os 43 indígenas estavam em 14 canoas. STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu**. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 226.

⁹⁷ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 39. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

⁹⁸ *Ibidem*. P. 39.

Após terem os índios se afastado dos expedicionários, Paula Castro enviou outra canoa na tentativa de recuperar os chapéus e as armas, mas os indígenas não estavam interessados em conversar com os expedicionários e faziam sinais para que se afastassem, chegando inclusive a ameaçar o grupo apontando suas flechas, tornando a situação bastante tensa, fazendo com que, os soldados também pensassem em atirar. Sobre essa situação Paula Castro narrou:

Os soldados vendo esta resolução dos índios perguntam-me se podem atirar - falavam-me de grande distancia de maneira que pouco se podia ouvir o que dizia um ao outro. Eu respondi-lhes que não, eles supõem o contrario e fazem fogo⁹⁹.

O oficial registrou no relatório que a decisão dos homens em atirar contra os índios de maneira alguma refletia sua intenção, pois segundo ele, desde o início da expedição havia orientado os militares que acompanhavam os exploradores na viagem científica que nunca atirassem contra nenhum indígena, e caso fosse necessário abrir fogo como sinal de defesa do grupo, que fizessem isso apontando suas armas para o alto, justamente o que teria ocorrido nesta ocasião¹⁰⁰.

De acordo com a narrativa de Castro, logo após terem atirado para o alto, os indígenas pularam na água e em seguida nadaram até a barranca do rio, deixando para trás, suas embarcações, com seus pertences, entre os quais: arcos, flechas e ornamentos, além do seu chapéu e das armas, sendo perdido o chapéu do desenhista Wilhelm von den Steinen.

Francisco de Paula Castro continuou sua narrativa informando que logo após esse incidente, os membros da comissão trocaram suas canoas pelas embarcações dos índios. O oficial também informou que, após uma breve análise das canoas e do conteúdo que foi encontrado, chegaram à conclusão que os indígenas estavam preparados para a paz e a guerra, pois carregavam bijus, fumo e ornamentos,

⁹⁹ *Ibidem*. p. 40.

¹⁰⁰ Sobre esse episódio, Karl von den Steinen narrou em seu livro que os tiros teriam ocorrido logo após um dos índios atirar uma flecha na canoa onde estavam os homens que tentavam reaver os equipamentos e demais objetos que foram pegos pelos indígenas. Também registrou que Francisco de Paula Castro após ouvir os tiros teria ordenado aos homens que parassem de atirar gritando “Descansem as armas!”. STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu**. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 230.

provavelmente para troca, bem como, “grande quantidade de flechas, bem aguçadas, e grossos cacetes”¹⁰¹.

Para Paula Castro o fato de não ter havido uma guerra representou um final feliz para o episódio. Ao indagar posteriormente sobre a origem do tiro, o oficial ouviu do desenhista Wilhelm que o disparo havia ocorrido acidentalmente após a tentativa de um índio em retirar sua arma a todo custo. Segundo Castro essa explicação foi aceita com certa desconfiança, pois na aldeia dos índios Custenaú o desenhista também havia feito um disparo proposital com sua arma para o ar.

Mas, apesar do tiro ter afastado os índios Trumaí dos expedicionários, isso não impediu Francisco de Paula Castro realizar algumas observações que foram apresentadas no relatório. Segundo ele, esses indígenas usavam um corte de cabelo parecido com os Bacairí. Também notou que os índios puxavam o prepúcio até formar um bico onde atavam um cordão.

Se o encontro com os índios Trumaí não foi proveitoso cientificamente, o próximo seria mais produtivo. Após conversarem bastante e refletirem sobre o ocorrido, os expedicionários resolveram continuar a viagem. Castro relatou que a expedição partiu ainda no dia 31, por volta do meio dia, e após navegarem por aproximadamente quatro horas observaram em um terreno elevado à margem direita do rio, algumas casas de palha.

A partir daí, Paula Castro informou que foram aproximando suas embarcações da margem na esperança de fazerem contato com indígenas que já podiam ser avistados. Em seguida, uma canoa da aldeia aproximou-se do grupo na tentativa de estabelecer alguma comunicação, mas a língua completamente desconhecida pelos expedicionários teria impedido uma maior interação entre ambos os grupos. Segundo o oficial, os índios passaram então, através de acenos, a convidar que todos desembarcassem em sua aldeia.

Francisco de Paula Castro narra em seu relatório que, o primeiro contato foi tenso, pois os índios se encontravam em um estado de confusão, alguns querendo a aproximação e outros desejando que os expedicionários se afastassem. Em decorrência

¹⁰¹ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 40. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

desta situação, o oficial teria decidido desembarcar em um areal localizado em frente à aldeia, o que teria, segundo ele, servido para acalmar os indígenas. Logo após seu desembarque, os índios teriam realizado uma aproximação, levando aos membros da expedição, batatas doces e bijus.

A exigência dos indígenas, teria sido, para que os membros da expedição aproximassem deles, um a um, o que teria servido para acalmar os nativos, que antes do anoitecer já estavam entre os exploradores. Paula Castro informou que, no dia seguinte, os índios levaram mais bijus aos expedicionários e realizaram as primeiras trocas. A partir desse ponto da narrativa, o oficial identificou o grupo como sendo os Chuyá ou Suyá e passou a apresentar uma série de aspectos relacionados às características físicas e culturais dos índios.

Segundo ele, os indígenas desse grupo, possuíam armas semelhantes às encontradas com outros índios contatados pela expedição até aquele momento. Também observou que os homens da aldeia desfiguravam-se completamente ao rasgarem o pavilhão da orelha ou lóbulo para introduzirem no rasgo, de aproximadamente 6 a 8 centímetros, uma roda de palha confeccionada a partir da palmeira bacaba. Outra observação feita pelo oficial ainda neste sentido foi o fato dos índios também rasgarem o lábio inferior para colocarem um pedaço de madeira.

No lábio inferior tem também um grande rasgo em que colocam um pedaço de madeira muito leve em forma mais ou menos elíptica e preparada como todo esmero com uma gola onde se ajusta o rasgo. Este pedaço de madeira colocado no lábio conserva-se na posição horizontal e parece um pires de pau que está preso aos cantos da boca. Quando tirão a madeira ficam com a boca horrível, por causa da forma irregular do beijo que se franze todo¹⁰².

Paula Castro registrou também, que os Suyá cortavam o cabelo “rente da parte média da cabeça para a diante e da parte media para traz deixam crescer ate quase a cintura”¹⁰³. Quanto às mulheres, essas também furavam suas orelhas da mesma forma que os homens, mas não os lábios. Outro registro feito sobre as mulheres da aldeia refere-se à sua aproximação para tratar com os expedicionários, que pareceu mais corajosa que a dos homens. Sobre seus cabelos, estas usavam deixa-los crescer até os ombros. Além disso, também foi observado, que todos os índios da aldeia andavam nus.

¹⁰² CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 42. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

¹⁰³ *Ibidem*. p. 43.

Teria sido através dessa interação entre os índios e os expedicionários que ficou evidente a adoração dos índios pelos botões, contas, ferros e roupas. Paula Castro narrou que, tais objetos, eram escondidos sempre que estavam fora das vistas de seus donos. Durante as tentativas de conversa com os índios da aldeia, os expedicionários souberam que os Suyá estavam em guerra com os Trumaí.

Castro informou que a economia desses índios não era muito diferente do que havia sido encontrado em outras aldeias visitadas até aquele momento, ou seja, os indígenas cultivavam a mandioca brava, batata doce, milho, algodão, fumo, fava, mandubi¹⁰⁴ e abóbora. Também produziam belas peças de barro que era feitas com toda simetria e formosura, que pode ser comprovada quando:

Um deles trouxe-me uma panela grande toda bordada e trabalhada com muita arte. Fiz-lhe ver que não podia conduzi-la porque ainda tínhamos de fazer uma viagem longa e com certeza se quebraria uma tão importante preciosidade. O índio sentiu muito eu não receber a panela e eu mais ainda não poder apresentar esta prova da arte desenvolvida em um lugar até então desconhecido ao mundo civilizado¹⁰⁵.

Também observou o oficial do exército que os Suyá possuíam os dentes muito estragados, o que era uma constante entre os indígenas com os quais os exploradores haviam feito contato ao longo da viagem. Outra informação prestada por Paula Castro em sua narrativa foi sobre as castanhas que receberam dos índios que informaram que recolhiam as mesmas no interior da mata e local afastado do rio.

Em sua narrativa, Francisco de Paula Castro informou que, em uma manhã, grande quantidade de índios, se aproximaram do areal, onde estavam os membros da expedição, munidos de arcos, flechas e cacetes, o que teria levado o oficial a ordenar que os homens a título de cautela segurassem as armas, o que levou os índios a se afastarem com certo receio. Logo em seguida, Paula Castro informou ter chamado um dos índios e solicitado que colocassem as armas nas canoas para que os seus homens pudessem abaixar suas armas, o que foi compreendido pelos índios que obedeceram sem maiores problemas.

No dia 04 de setembro os expedicionários alemães, acompanhados de dois homens armados, escolhidos por Francisco de Paula Castro foram à aldeia para tentar

¹⁰⁴ O mandubi é um dos nomes do amendoim (*Arachis hypogaea L.*) no interior do [Brasil](#).

¹⁰⁵ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 43. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

realizar trabalhos científicos. Segundo a narrativa do oficial, o grupo teria saído do areal por volta das 10 ½ da manhã, tendo recebido os homens escolhidos pelo capitão, a incumbência de contar o número de casas e habitantes existentes na localidade. Segundo os relatos feitos pelo oficial a tentativa dos alemães não teria sido satisfatória, pois voltaram pouco depois sem terem conseguido fazer nada.

Sobre as ordens recebidas pelos soldados, Castro informou que, foram contadas por eles, cerca de doze casas de palha, todas redondas. Ao se referirem aos habitantes, eles haviam contado aproximadamente 96 homens, mas o número deveria ser maior, pois também observaram muitos outros afastados. Além disso, perceberam a presença de um grande número de mulheres e crianças, que não puderam contar, mas chegaram a uma estimativa de aproximadamente 50 crianças e cem mulheres.

Além das características externas das casas e o número aproximado de habitantes, outros aspectos foram mencionados pelos soldados que acabaram sendo registrados pelo oficial em seu relatório. Foi observado que as casas não eram asseadas, que os índios dormiam mais em esteiras do que redes. Outra informação recebida pelo capitão Castro foi sobre a presença de índios que haviam sido feitos prisioneiros pelos Suyá. Seriam indígenas muito amarelos com olhos amortecidos e cabelos parecidos com os Bacairí.

Ainda segundo o relatório, um índio velho que supunham ser o chefe da tribo, informou conhecer diversas outras tribos, a maioria delas ao sul e a leste. De posse dessa informação, o oficial listou em seu relatório o nome dos grupos indígenas identificados pelo indígena.

Em dois afluentes do Xingu acima da confluência deste com o Ronuro, Trumaí, Uariuití, Arití, Minacú, Jaguaraquára, Cuicurú, Amairicá, Aratá, Uanakirí, Cuafurú, Iamuricuma, Nativí, Cajufará, Amú, Tapacuyá, Camayurá, Ianarabichí; à margens do Ronuro: os Cuiarí¹⁰⁶.

Ainda segundo a narrativa do oficial, a aldeia dos Suyá estava próxima a uma região de mata que propiciava a caça e facilitava a coleta de frutas silvestres. Além disso, no rio havia muita abundância de peixe que eram pescados pelos índios através de armadilhas preparadas com pedras e paus ou através de flechas.

¹⁰⁶ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 46. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

Após os expedicionários tomarem mais algumas informações sobre o Xingu com os índios, resolveram que era necessário continuar a viagem. Para o bom êxito da exploração do rio, realizaram algumas trocas com os índios, obtendo assim, algumas embarcações e mantimentos. A partida ocorreu no dia 06 de setembro por volta das dez e meia da manhã. No dia seguinte passaram por uma região habitada pelos índios Mariçauá a uma distância aproximada de 10 a 12 léguas da aldeia dos Suyá.

Francisco de Paula Castro informou que no dia 08 de setembro por volta das nove da manhã apareceram no local onde estavam repousando, cinco índios Suyá que passaram a acompanhar os expedicionários até a manhã do dia 10 do mesmo mês. Neste mesmo dia, alcançaram uma ilha onde encontraram canoas e alguns índios, mas não conseguiram fazer uma aproximação com os mesmos naquele momento, o que somente ocorreu mais tarde, em outra ilha distante aproximadamente três quilômetros dali.

Segundo Francisco de Paula Castro tratavam-se também de índios Suyá. No dia seguinte, novamente os alemães tentaram realizar algumas pesquisas entre os indígenas, mas a tentativa não foi satisfatória, pois ao retornarem à ilha onde havíamos avistado os índios no dia anterior a mesma estava vazia. Os índios haviam retornado para o seu aldeamento ainda de madrugada.

Assim, resolveram continuar a viagem no dia doze de setembro. Os registros de Paula Castro dão conta que, no dia 19 do mesmo mês encontraram três paus fincados em um areal. Pelas características, pareciam ser armadores de seda e também apresentavam sinais característicos de terem sido produzidos com facas. Mais adiante, relatou Castro terem encontrado um rancho bem construído e coberto com folhas de bananeira brava, o que animou a todos, pois há alguns dias estavam sem mantimentos.

A partir daquele momento Francisco de Paula Castro e os demais membros da expedição passaram a ansiar por um encontro com os índios que habitavam aquelas terras, pois acreditavam se tratar de um grupo indígena já civilizado. No dia 20 de setembro por volta do meio dia, Paula Castro desembarcou para examinar uma construção avistada por ele. Ao retornar, comentou que a tanto a casa, como os objetos encontrados nela, estavam destruídos, aparentando terem sido queimados durante uma batalha.

A narrativa de Castro levou os exploradores alemães a acreditarem que a destruição poderia ter sido causada por índios Munducurú. Essa hipótese foi descartada pelo oficial do exército, pois, segundo ele, “nunca tinha ouvido falar na existência desses índios pelo Xingu”¹⁰⁷. Para Castro tais indígenas habitavam as margens do rio Tapajós onde afugentavam outros índios que ameaçassem suas aldeias.

Após esse episódio, continuaram a viagem alcançando no dia 21 por volta das oito e meia da manhã uma roça onde encontraram mandioca, cará, batatas e bananas. Esse achado teria sido providencial, pois os expedicionários estavam quase sem mantimentos. Após o abastecimento das canoas, Francisco de Paula Castro informou que enfim ocorreu o encontro tão esperado com os índios que habitavam a região.

Os membros da comissão científica já estavam deixando a roça, quando apareceram três índios a bordo de uma canoa. Logo em seguida, ocorreu uma aproximação amistosa entre os indígenas e o grupo de expedicionários, sobretudo, após a apresentação de um dos indígenas, que disse chamar-se José. Esse índio, que não falava bem o português, afirmou ser o chefe do seu aldeamento.

Francisco de Paula Castro escreveu que os indígenas encontrados eram Jurunas. O oficial registrou ainda que, logo após os índios conhecerem os objetivos e circunstâncias da expedição, convidaram todos a visitarem sua morada, onde procurou abastecer os expedicionários com tudo que foi possível. Em sua narrativa, o capitão Paula Castro também registrou que o índio José informou que a destruição e o incêndio da casa encontrada pelo oficial, havia sido obra dos índios Carajás que acabaram forçando a mudança do aldeamento. Castro também informou que durante a estada do grupo na aldeia, os exploradores alemães puderam realizar vários trabalhos e estudos.

Em seguida, o oficial em sua narrativa, apresentou uma série de informações sobre a aldeia, bem como, vários acontecimentos ocorridos durante a estada do grupo na comunidade chefiada pelo índio José que, segundo Paula Castro estabeleceu um bom relacionamento ele, indo a sua barraca todos os dias. O oficial registrou em seu relatório que os Jurunas possuíam na área do aldeamento bananas, cará, mandioca mansa e brava,

¹⁰⁷ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 49. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

além disso, mantinham uma criação de galinhas e possuíam alguns cães. O capitão Francisco de Paula Castro mencionou também no relatório que os índios Jurunas possuíam algumas armas de fogo que necessitavam de manutenção:

Trouxeram-me algumas espingardas, sem ouvidos pedindo para concerta-las. Tendo eu felizmente alguns “ouvidos”, mandei por uma praça que tinha ofício de serralheiro ver se podia arranjar-lhes as armas, o que conseguiu facilmente pelo que ficarão os jurunas satisfeitíssimos.¹⁰⁸

Paula Castro registrou que, estando às canoas da comissão, em péssimo estado, conseguiram com o índio José quatro embarcações feitas de ubás que, segundo o oficial, era uma madeira leve muito parecida com o cedro e que, no Mato Grosso era conhecida pela alcunha de Araputanga. Também informou que as embarcações feitas com essa madeira eram próprias para cachoeiras e corredeiras, pois nunca iam ao fundo. As embarcações foram obtidas através de uma troca que fizeram, dando aos indígenas algumas espingardas de caça, pólvora, chumbo, espoleta, algumas roupas e uma garrucha de dois canos.

Além das quatro embarcações conseguidas por Francisco de Paula Castro também foram adquiridas outras duas. Uma delas foi comprada por Karl von den Steinen e a outra foi adquirida por duas praças que pediram permissão do oficial para tal aquisição. Castro informou que distribuiu os 20 membros da comissão nessas seis embarcações de forma conveniente para seguirem viagem. Além dos barcos, também obtiveram dos índios Jurunas, artigos como: farinha, galinhas, frutas e outras coisas necessárias à viagem.

Francisco de Paula Castro registrou no relatório vários aspectos que observou durante sua estadia na aldeia dos índios Jurunas. Ele escreveu que as casas estavam situadas em ilhotes de pedra nas partes mais difíceis de chegar. Em um desses ilhotes, ele observou uma grande criação de galinhas e uma roça com provisões de boca. Fruto dessa observação, o oficial comentou que os Jurunas poderiam ser chamados de “insulanos do Xingu”¹⁰⁹, pois brincavam, dormiam pescavam e faziam uma série de outras coisas, tudo sobre as ilhas. A única ocasião em que deixavam as ilhas ocorria durante a cheia do rio. Segundo o relato, os Jurunas optavam por viver nas ilhas como

¹⁰⁸ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 50. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

¹⁰⁹ *Ibidem*. P. 51.

forma de proteção contra os ataques dos índios Carajá. Para que isso ocorresse, tais índios teriam que atravessar uma grande extensão de pantanais.

O capitão Francisco de Paula Castro contabilizou no aldeamento liderado pelo índio José cinco pequenos ranchos e três casas grandes. Nessas habitações residiam doze homens, doze mulheres e seis crianças, sendo dois meninos. Observou o oficial que os Jurunas gostavam de contas, que utilizavam para confeccionar adereços para cintura e pescoço.

O oficial registrou que os jurunas eram “índios já muito conhecidos no Pará e prestam importantíssimos serviços aos que viajam pelo Xingu”¹¹⁰. A afirmativa foi feita por Francisco de Paula Castro em função do constante apoio recebido por José e seus camaradas durante o tempo que os membros da expedição estiveram no aldeamento. O apoio frequente, a obtenção das embarcações e das provisões já seria o suficiente para reforçar a opinião do oficial, mas uma passagem do relatório provavelmente contribuiu para cristalizar a visão de Paula Castro sobre os índios Jurunas.

Segundo o oficial, logo após a conclusão dos preparativos para continuidade da viagem, no dia 24 de setembro os expedicionários deixaram o aldeamento dos índios Jurunas por volta das seis e meia da manhã. Paula Castro narrou que após as embarcações iniciarem a viagem, ele teria ido despedir-se de José a fim de agradecer pessoalmente pela ajuda recebida e foi nesse momento que ouviu do índio a seguinte frase:

Capitão, eu não quero que você morra; vou mandar meu irmão com você até encontrar outra aldeia de onde saíra gente também para lhe servir de guia. Se você fosse só com sua gente descer o rio, todos morriam. O caminho é perigoso e difícil de acertar.”¹¹¹

Mesmo tendo achado graça e acreditado tratar-se de uma brincadeira de José o oficial foi informado por seus companheiros de canoa que desde o momento em que deixaram a aldeia, uma embarcação com uma tripulação juruna estava seguindo a expedição. Em pouco tempo os indígenas se aproximaram e informaram que foram enviados por José. Na embarcação estavam: um índio moço chamado Pedro, sua esposa, uma filhinha de 3 ou 4 anos e um índio velho.

¹¹⁰ *Ibidem*. P. 52.

¹¹¹ *Ibidem*. P. 52.

Segundo a narrativa de Francisco de Paula Castro é possível concluir que a presença desses índios foi valiosa para o bom êxito da viagem. O oficial informou que, mesmo não falando a língua portuguesa, Pedro colaborou significativamente com os expedicionários, pois conhecia todos os pontos perigosos do rio e por isso mesmo, guiou todos com segurança durante o percurso até a chegada do grupo na segunda aldeia Juruna no dia 30 de setembro.

O índio Pedro não falava português, mas fazia-se compreender perfeitamente nas passagens difíceis, por acenos e exclamações. Não me desamparava. Nos lugares perigosos entrava na minha ubá, depois de ter passado a sua, e acenava aos companheiros que o seguissem (...). Pedro parecia dominar as águas e pedras das furibundas cachoeiras em que passávamos: colocava-se na proa da ubá com o remo na posição vertical tendo sempre a extremidade da pá dentro d'água e fazia prodígios com a ubá que obedecendo a todos os movimentos do remo, parecia compreender as vontades do Juruna¹¹².

Francisco de Paula Castro ficou tão despreocupado com as cachoeiras em função da presença de Pedro, que passou a desejar encontrar as mesmas. Em uma das passagens do relatório o oficial declarou que “cada uma que aparecia era uma alegria”¹¹³. Tal contentamento talvez fosse o resultado do entusiasmo de Pedro que dava saltos na proa da ubá que o levavam a dar gritos de animação que ressoavam positivamente em todos os membros da comissão.

Ainda sobre a companhia de Pedro e sua família, Francisco de Paula Castro declarou em sua narrativa que a presença deles entre os expedicionários ficou gravada na memória de todos, sobretudo, pela dignidade de todos durante os seis dias de viagem em que estiveram juntos. Paula Castro declarou que Pedro foi um grande amigo que só queria dormir junto dele, que sempre comia ao seu lado e alegrava-se em ouvir que o oficial voltaria a sua aldeia. Por fim, registou Castro que, ao chegar à segunda aldeia Juruna compreendeu a preocupação de José e sua iniciativa em enviar Pedro com eles.

Após uma parada para repouso, no dia de 30 de setembro por volta das seis e meia da manhã, os expedicionários resolveram continuar a viagem e aproximadamente uma hora depois avistaram ao longe alguns índios Jurunas, que começaram a atirar por pensarem que os expedicionários eram inimigos. Pedro sugeriu que atirássemos também. Além disso, ele começou a tocar um instrumento com a boca, numa espécie de sinal que avisava aos índios Jurunas que os membros da comissão não eram inimigos.

¹¹² *Ibidem*. P. 53.

¹¹³ *Ibidem*. P. 53.

Após os entendimentos, os expedicionários foram guiados até o aldeamento do grupo que estava localizado em duas ilhas no Xingu. Nessas duas ilhas, foram contabilizados três ranchos que abrigavam oito homens, seis mulheres e seis crianças, das quais, três meninas. Dos homens, um aparentava ter mais de cem anos. Sobre a distância entre os dois aldeamentos, Paula castro acreditava que, o segundo distava do primeiro algo em torno de 60 léguas por água. Observou o oficial que, os índios desse aldeamento não possuíam muitos recursos, mas procuraram ajudar os membros da comissão no que foi possível.

A saída da comissão do aldeamento ocorreu no mesmo dia por volta de treze e quarenta e cinco da tarde. O índio Pedro permaneceu na aldeia com sua família enquanto outros índios passaram a acompanhar os expedicionários. Após, pouco mais de meia hora de viagem, encontraram outra aldeia Juruna com quatro casas grandes e duas pequenas fixadas em duas ilhotas no Xingu. Nessas casas contabilizou Paula Castro doze homens, dezoito mulheres e dez crianças, sendo seis meninas. Fizeram pouso neste aldeamento, de onde saíram no dia seguinte por volta das sete da manhã acompanhados por quinze¹¹⁴ Jurunas divididos em cinco canoas.

Segundo a narrativa de Paula Castro somente no dia cinco de outubro encontraram o 4º aldeamento. Nele, Castro contou dez homens, doze mulheres, oito meninas e sete meninos. O aldeamento possuía três casas grandes e três pequenos ranchos. O oficial registrou que os membros da comissão passaram o dia seis de outubro na companhia dos Jurunas desse aldeamento, justamente no dia que os indígenas comemoravam a festa do Caxiri¹¹⁵. O capitão Castro comentou no relatório que todos seus companheiros tomaram parte nos festejos.

A participação dos expedicionários nos festejos acabou resultando em uma detalhada descrição da festa no relatório de Paula Castro. Segundo o oficial:

¹¹⁴ Eram eles: 5 mulheres, 3 meninas, 4 homens e 3 meninos. CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 55. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

¹¹⁵ Segundo a narrativa de Paula Castro o Caxiri era uma bebida preparada a partir da farinha da mandioca brava que era reduzida pelos índios a um mingau bastante ralo e do qual enchem uma ubá, as vezes bem grande. Em seguida, faziam uma pasta de farinha seca que mastigavam para azeda-la e logo depois, jogavam dentro da ubá que era coberta até que fosse completada a fermentação da bebida. CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 56. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

No dia em que o caxiri esta pronto reúnem-se as pessoas presentes, convidam os vizinhos mais próximos e depois de todos juntos começam a cantar e dançar até esvaziarem a ubá. Nesta cantiga ouve-se constantemente o nome carapanã (...). Parece-me que os Jurunas nesta canção bachica suplicam aos carapanãs¹¹⁶ que lhes deixem tranquilos – ficam todos embriagados e a casa transforma-se em uma verdadeira torre de Babel. É uma confusão horrível. Uns gritão, outros chorão, estes riem-se aqueles cantão, um grupo dança, outro toca. Finalmente ninguém se entende. Vem depois a reação que é uma prostração geral até o dia seguinte em que retomam as suas ocupações ordinárias e aguardam a vinda de outra festa do caxiri daí a um mês pouco mais ou menos¹¹⁷.

A saída dos expedicionários desse aldeamento ocorreu no dia sete de outubro por volta das seis e meia da manhã. Após percorrerem três léguas pelo rio, a comissão alcançou a quinta aldeia Juruna. Na localidade, residiam nove homens, sete mulheres, quatro meninas e dois meninos. A viagem dos expedicionários até este aldeamento foi acompanhada de perto por nove Jurunas que estavam divididos em três canoas. Esses indígenas eram liderados por um índio de nome Caetano. No dia oito de outubro às duas e meias da tarde os membros da comissão chegaram no 6º aldeamento Juruna. Segundo Paula Castro a distancia desta aldeia para anterior era de aproximadamente 15 léguas. Na localidade encontraram sete homens, dez mulheres e cinco crianças.

Após pernoitarem nesta comunidade, os expedicionários seguiram viagem em direção ao aldeamento do índio Caetano. A chegada ocorreu no dia 10 de outubro por volta das sete da manhã. Esta era a 7ª aldeia dos índios Jurunas visitadas pelo grupo. Segundo a narrativa do oficial, nesta localidade encontraram índios bem trajados. No local havia duas grandes casas de palha onde residiam oito homens, seis mulheres e quatro crianças. A permanência neste aldeamento também foi breve tendo deixado o grupo esta localidade aproximadamente menos de duas horas depois da chegada.

Ainda no dia dez alcançaram o aldeamento do Nunes que era o oitavo. Essa aldeia era formada por uma grande casa de palha e por outras duas pequenas. Francisco de Paula Castro comentou que permaneceram nesta comunidade por todo dia onze de outubro, dia em que ocorreu outra festa do caxiri. Na parte da noite os membros da

¹¹⁶ O oficial informou que o carapanã era uma quantidade de mosquitos que eram abundantes no Xingu. A quantidade era tão grande, que acabavam atrapalhando o sono.

¹¹⁷ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 56 - 57. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

comissão foram convidados para assistirem uma apresentação de dança que foi alvo da narrativa do oficial:

Para sua dança formão uma roda de diversos indivíduos, ficando dois ao meio, cada um com um instrumento de taquara. Seguem depois os que formão roda, um após outro a passo acelerado, figurando acompanharem um que apresenta-se como chefe, e os que estão ao meio um ao lado do outro e sempre na mesma frente ora avançam ora recuam, dirigindo-se quando avançam para cada um dos da roda, que vae sucessivamente passando por diante dos dois. Estes dois executam uma musica no compasso de 2/4 em que cada um da 2 notas a tempo e contratempo, em moderato, batem fortemente sobre o solo com os pés estando sempre a perna direita de um junto a esquerda do outro¹¹⁸.

Francisco de Paula Castro registrou ainda, que durante a dança, todos os índios estavam nus e com suas respectivas armas, exceto um deles, que se achava vestido, com uma grande capa de algodão, tendo à cabeça uma espécie de diadema de penas de arara e papagaio, e na parte inferior da mesma, havia uma espécie de barra confeccionada com penas de mutum.

O oficial foi informado por um dos índios que aquela dança era utilizada pelos Jurunas como forma de recordação das festas e danças antigas que eram realizadas para receberem um chefe índio de fora, que não evento é representado pelo indivíduo que na dança é o portador da capa.

Sobre os índios e seus costumes, Francisco de Paula Castro registrou que os Jurunas andavam nus, mas estavam sempre muito enfeitados com contas. Outra observação feita no relatório destacou que os Jurunas colocavam no membro viril um pedaço de palha em forma de cone que abrigava o membro e o deixava sempre virado para cima. Também informou que os cabelos dos homens eram grandes, até quase a cintura e suas orelhas furadas para acomodarem algumas penas que colocavam aí como adereço. As mulheres usavam tangas, cabelos até o ombro, colares de contas e brincos.

Outro registro feito pelo capitão Paula Castro foi com respeito aos mortos. Informou que os Jurunas enterravam seus mortos dentro de casa. As sepulturas ficavam situadas abaixo das redes do parente mais próximo. Além disso, todos os parentes do finado cortavam seus cabelos a escovinha. No aldeamento do Nunes foram

¹¹⁸ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 58. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

contabilizados quatorze homens, dez mulheres e seis crianças. Também foi observado que, na aldeia encontravam-se três prisioneiros, um índio Arara¹¹⁹ e duas índias Carajá.

A saída desta última aldeia ocorreu no dia 12 de outubro por volta das seis em meia da manhã. Por ocasião da partida, Paula Castro informou em sua narrativa que, o índio Nunes escolheu um indígena de nome Manoel para guiar os expedicionários. Segundo Castro esse índio foi o único guia ruim que teve o grupo em toda viagem.

A partida deste último aldeamento representou de maneira geral, o fim dos contatos entre os expedicionários da Comissão de Exploração Científica do rio Xingu com as populações indígenas. O capitão Francisco de Paula Castro informou em sua narrativa que, por volta do dia 15 de outubro de 1884, ele e seus comandados, bem como os exploradores alemães reencontraram gente civilizada, a quem ele trata por brasileiros, bem diferente do tratamento dispensado aos índios, que foram sempre apresentados no relatório pelo nome da etnia à qual pertenciam.

A chegada do grupo à localidade de Piranhaquará possibilitou aos expedicionários, entre outras coisas, a obtenção de sal, que já faltava desde 29 de setembro. Logo após os primeiros contatos com os seringueiros Heleodoro e Sabino que habitavam com suas famílias em uma das ilhas do Xingu, os expedicionários dirigiram-se às terras de propriedade do coronel Raymundo Gaioso que ficavam localizadas ao sul da chamada grande volta do Xingu.

O contato com Raymundo Gaioso garantiu aos exploradores todo auxílio necessário ao bom êxito da expedição exploratória do Xingu. Castro conseguiu mantimentos e três muares que foram trocados, segundo ele, pelas canoas de ubá que ele havia adquirido junto aos índios Jurunas. A partir deste ponto do relatório, o oficial concentrou sua narrativa nos aspectos geográficos relacionados ao rio Xingu e às últimas localidades visitadas por ele e seus homens antes da chegada a cidade de Belém, afastando-se completamente dos relatos dedicados aos indígenas.

¹¹⁹ Segundo Francisco de Paula Castro os índios Arara tinha em cada face um traço azul que era feito com uma tinta indelével preparada do Jenipapo, partindo da parte média da pálpebra inferior e terminando em baixo do queixo. CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 60. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

Capítulo 3. Francisco de Paula Castro: da formação na Praia Vermelha aos registros da viagem ao Xingu em 1884.

As pesquisas desenvolvidas por Karl von den Steinen no Brasil no final do século XIX, apesar de parecer com outras viagens realizadas por estrangeiros no país, acabou ganhando uma projeção científica diferente. Mesmo, que a expedição visasse, tomar conhecimento de características únicas do território brasileiro, a expedição ao Xingu liderada pelo pesquisador alemão, representou mais do que isso, na medida em que serviu como modelo para outros pesquisadores, bem como, uma importante referência para outros estudos.

A expedição científica organizada pelo médico e etnólogo Karl von den Steinen percorreu durante mais de cinco meses uma vasta extensão do território do Império com o objetivo inicial de pesquisar aspectos geográficos, mas acabou gerando também pesquisas voltadas aos estudos ambientais e relacionados à vida e os costumes das populações que habitavam as regiões visitadas pelos membros da expedição.

Neste sentido, o médico alemão Karl von den Steinen acabou ocupando-se em registrar informações sobre a fauna e a flora brasileira, além de, aspectos ligados à vida das populações indígenas que habitavam às regiões do entorno do rio Xingu, como por exemplo, as práticas agrícolas, e os hábitos diários das comunidades visitadas pelos membros da expedição.

Durante praticamente, todo o tempo em que esteve no país, Karl von den Steinen e seus, outros dois companheiros de viagem, foram acompanhados por um grupo de militares nomeados e designados pelo governo brasileiro para apoiar as atividades científicas desenvolvidas pelos pesquisadores. Esse grupo de militares foi liderado pelo capitão de infantaria Francisco de Paula Castro que produziu o relatório que é alvo de interesse dessa investigação.

Os trabalhos de investigação científica desenvolvidos por Karl von den Steinen no Brasil ocorreram no segundo reinado, ou seja, em uma época de significativo avanço e progresso para o país. Neste período, o governo procurou incentivar estudos que pudessem ajudar no aprofundamento dos conhecimentos sobre o território nacional,

pois acreditava que os conhecimentos produzidos pelos pesquisadores poderiam contribuir com importantes informações acerca dos recursos e das riquezas naturais existentes no país, bem como, auxiliar na resolução de alguns problemas, com a apresentação de algumas soluções que fossem viáveis ao governo.

Essa fase política é comumente apontada como um período de crescimento econômico. Segundo Renato Braga “vivia o Brasil um momento de renovação política, econômica, social e urbana”¹²⁰. E foi, justamente neste cenário de mudanças que atingia o país – que tinha no imperador um de seus grandes incentivadores e principal mecenas das pesquisas científicas – que chegou ao Brasil Karl von den Steinen, com o objetivo de investigar a localização geográfica das nascentes do rio Xingu.

Para acompanhá-lo, foram designados alguns militares que serviam em unidades do exército sediadas na Província do Mato Grosso. Eram homens do 8º Batalhão de Infantaria e do Piquete de Cavalaria que foram chefiados inicialmente por dois oficiais, e depois de algum tempo, unicamente pelo capitão Francisco de Paula Castro, que acabou envolvendo-se diretamente com as atividades científicas desenvolvidas pelos pesquisadores alemães, sobretudo, no que diz respeito aos contatos realizados com indígenas que foram localizados habitando as regiões onde estiveram os membros da comissão.

Como resultado desta efetiva participação do oficial na expedição científica, superando muitas vezes, o simples papel de auxiliar dos expedicionários alemães, foi produzido um relatório pelo capitão Francisco de Paula Castro. Neste documento, o representante do governo brasileiro na expedição, buscou detalhar todas as atividades desenvolvidas pelo grupo ao longo do tempo em que esteve acompanhando as pesquisas de Karl von den Steinen no interior do país.

A viagem ocorreu entre os meses de maio e novembro de 1884, ou seja, durante uma época marcada pela maturação das ideias difundidas pela geração de 1870¹²¹. Justamente no período em que Francisco de Paula Castro realizou estudos na Escola Militar da Praia Vermelha, apontada como um dos redutos do Positivismo no Brasil na segunda metade do século XIX.

¹²⁰ BRAGA, R. **História da Comissão Científica de Exploração**. Ceará: Imprensa Universitária do Ceará, 1962. P. 17.

¹²¹ Geração marcada pela conjunção de ideias que reuniu em um mesmo período, liberais, republicanos, positivistas e federalistas.

Além disso, o final do século XIX também é marcado pela profícua aproximação da intelectualidade brasileira com o discurso científico. Essa proximidade acabou contribuindo para formação de um conjunto de ideias, entre as quais, aquelas consideradas românticas, que povoaram a construção de uma identidade nacional e que foi permeada pela presença constante dos aspectos naturais existentes no país, como por exemplo, os indígenas brasileiros que, para alguns intelectuais, deveriam ser protegidos contra as ameaças do cientificismo.

Neste cenário, o capitão Francisco de Paula Castro foi nomeado como auxiliar dos três exploradores que desejam conhecer o Xingu. Contando um pouco mais de trinta anos, o oficial já havia realizado atividades no interior do Mato Grosso. Talvez tenha sido essa experiência anterior que o tenha capacitado para as atividades que seriam desenvolvidas ao longo da expedição.

O capitão Francisco de Paula Castro foi aluno da Escola Militar da Praia Vermelha na segunda metade da década de 1870, época em que, os currículos da referida escola aos poucos, foram alinhados com as propostas positivistas de Comte, que se pautava na ideia, de que a ciência, deveria ser capaz de explicar os mais variados aspectos relacionados à humanidade, através de procedimentos investigativos fundamentados nas leis da natureza¹²².

As ideias de Augusto Comte já eram difundidas na Escola Militar da Praia Vermelha desde 1850, quando da defesa de uma tese de matemática por Miguel Joaquim Pereira de Sá¹²³. Nos anos seguintes, outras teses foram apresentadas nos concursos realizados, visando o preenchimento das vagas de lentes, tornando-se uma constante as citações à obra de Comte.

Essa difusão do Positivismo no “Tabernáculo da Ciência”¹²⁴ ficou mais acentuada na década de 1870, após a chegada de Benjamin Constant Botelho de Magalhães em 1872. A presença do tenente-coronel e professor de matemática na Praia Vermelha ficou marcada pela consolidação da filosofia de Comte na mencionada escola militar desde, seu exame para a vaga de repetidor realizada por ele, em 1873 na presença de Pedro II. O doutor Benjamin, como era chamado por seus alunos, possuía

¹²² COMTE, A. **Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. P. 07.

¹²³ A defesa tratava dos princípios da estatística e foi apresentada no dia 02 de março de 1850.

¹²⁴ Segundo Celso Castro essa era a “expressão pela qual os alunos se referiam informalmente à escola, deixando desde logo evidente a alta estima em que era tido o estudo das ciências”.

interesse na parte da obra do filósofo francês, sobretudo, na parte que estava voltada à ciência, algo que parecia combinar com a estrutura curricular da referida escola, que há muito, investia nos estudos matemáticos e científicos¹²⁵.

O cenário que foi sendo construído na Escola Militar da Praia Vermelha a partir da segunda metade do século XIX, e posteriormente reforçado com a chegada de Benjamin Constant acabou resultando na formação de uma geração de jovens militares que passaram aos poucos a rivalizar com a classe bacharelesca civil formada nas escolas de direito e medicina da época. Sobre isso enfatizou Celso Castro:

O conteúdo mais “técnico” do ensino militar diferenciava-se claramente da educação centrada nos “estudos clássicos” dos bacharéis das escolas de direito e medicina do Império. Era, por isso, considerado pela elite um tipo de conhecimento inferior, embora, como já vimos, os militares formados pela Escola Militar invertessem essa avaliação.¹²⁶

A formação centrada em preceitos cientificistas, pautadas nas lições matemáticas, de professores como, Benjamin Constant acabou contribuindo para formação de uma juventude militar engajada que passou a produzir um amplo espaço de socialização que transcendeu a própria formação acadêmica recebida por eles na mencionada escola militar.

(...) a socialização informal que ocorria fora das salas de aula, comandada pelos próprios alunos, foi também muito mais importante para formação da mentalidade característica da “mocidade militar” do que aquilo que se aprendia com os professores.¹²⁷

Essa dita socialização, que acabou gerando na chamada mocidade militar, o interesse particular em teorias científicas difundidas por pesquisadores como Herbert Spencer (1820 – 1903) e Ernst Haeckel (1834 – 1919) acabaram servindo como uma espécie de divisor de águas dentro do próprio exército que viu surgir uma “nova” classe de oficiais que passaram a ser tratados como “bacharéis fardados”, em detrimento de outros oficiais que foram enquadrados como “tarimbeiros”, que possuíam um perfil mais prático.

A partir dessas perspectivas que nortearam a formação dos jovens oficiais do exército nos últimos anos do Império, nitidamente fundamentadas em um modelo científico, que aos poucos, foi combinando aspectos importados da Europa com

¹²⁵ CASTRO, C. **Os Militares e a República**: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. P. 52.

¹²⁶ *Ibidem*. P. 55.

¹²⁷ *Ibidem*. P. 57.

realidades nacionais, é possível afirmar que a aproximação dos alunos da Praia Vermelha com os princípios positivistas favoreceu o início de uma ruptura política no país.

Sem dúvida, a presença de teorias como, o determinismo geográfico, o darwinismo e o spencerismo¹²⁸ nas reuniões acadêmicas promovidas pelos alunos da Escola Militar contribuíram para a criação de um discurso político e social que lançou as bases para um conjunto de mudanças que ficariam evidenciadas no final daquele século.

E foi, justamente nesse período, em que os ideários positivistas ecoavam nos corredores da Escola Militar e produziam reflexos entre os mais jovens, que desejavam romper com certas tradições que pareciam estar cristalizadas no país, que chegou à escola Francisco de Paula Castro, que realizou os cursos previstos nos currículos da mencionada escola, considerados à época, obrigatórios para formação dos oficiais do exército.

A formação de Francisco de Paula Castro ocorreu em uma época de profundas reformas no ensino do exército. Em 1874, foi introduzida uma reforma curricular na Praia Vermelha que tinha, entre outras, a finalidade de diminuir a tendência “bacharelesca” introduzida na escola em 1845¹²⁹. Mas, as alterações trazidas na reforma de 1874, apesar de parecerem equilibradas¹³⁰, sobretudo, em razão dos investimentos que visavam melhorias nas instruções práticas e o aperfeiçoamento dos estudos científicos, não afastava os alunos de algumas temáticas da época, tais como, o abolicionismo, a República e o Positivismo, que juntas, serviram para por em risco a mencionada reforma.

A passagem de Francisco de Paula Castro na década de 1870 na Praia Vermelha, como foi dito, culminou com a chegada de Benjamin Constant que combinou em suas aulas, o discurso cientificista, com alguns aspectos contidos nos ensinamentos

¹²⁸ Herbert Spencer advogava a ideia de que as diferenças sociais seriam resultado natural de um processo evolutivo, oriundo do conflito e da competição entre os homens. Aplicando a tese darwiniana da seleção natural às sociedades humanas, Spencer procurou justificar as diferenças de classe, de poder aquisitivo, de habilidades cognitivas, de valores morais. Retirado de: <http://www.ibamendes.com/2010/11/o-positivismo-e-o-spencerismo-no-brasil.html>.

¹²⁹ Em 1º de março de 1845 ocorreu uma reforma curricular que permitiu aos formados na Escola Militar ostentarem o grau de doutor e o título de bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas.

¹³⁰ O termo equilibrado foi utilizado pelo coronel José de Lima Figueiredo na sua obra: “Caserna e Escolas”. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1945.

de Augusto Comte, como por exemplo, o pacifismo, que foi traduzido por Constant como a ciência da paz¹³¹. E, ao que parece, a introdução de alguns desses ensinamentos produziram efeitos práticos em alunos, como Francisco de Paula Castro e Candido Mariano da Silva Rondon¹³².

Paula Castro e Rondon fizeram parte de uma geração de alunos que compuseram a chamada mocidade militar da Praia Vermelha que, diretamente influenciados pelo Positivismo, passaram a condenar a monarquia e defender, entre outras coisas, o progresso, que possibilitaria a evolução da humanidade. Para isso, a difusão da ciência positiva possibilitaria a integração de diferentes segmentos da sociedade brasileira¹³³. A partir dessa perspectiva, Laura Antunes Maciel comentou:

Os militares – sujeitos ativos na proclamação da República -, imbuídos da doutrina de Comte, difundida entre professores e alunos da Escola da Praia Vermelha, acreditavam ser papel do ensino militar formar o “cidadão armado”, agente dinamizador do progresso e legítimo defensor da República. Eram os chamados “oficiais científicos”, com uma visão positivista do exército, que defendia o pacifismo e desprezava as proezas bélicas, representada, dentro da escola militar, principalmente por Benjamin Constant, com grande influência sobre os alunos¹³⁴.

O pacifismo presente, de forma marcante, durante os trabalhos da comissão de linhas telegráficas liderada por Rondon nos sertões do Mato Grosso, também foi registrado, anos antes, por Francisco de Paula Castro no seu relatório sobre a expedição científica de exploração do rio Xingu, quando o oficial declarou que desde o início da viagem, deixou bem claro para seus comandados, que nunca deveriam apontar armas em direção aos índios e quando fosse necessário atirar, que o fizessem para o ar.

Sem dúvida, essa preocupação de Francisco de Paula Castro é demonstrada em seu texto em diferentes ocasiões. Elas servem para demonstrar quanto os ensinamentos do professor Benjamin Constant foram significativos para sua geração na Praia Vermelha. Mas, não foi apenas o pacifismo, que produziu efeitos nas ações de Francisco de Paula Castro em 1884, ou mais tarde, nas atividades desenvolvidas por Candido Rondon. Ambos oficiais, formados na mesma escola, em décadas diferentes,

¹³¹ LINS, I. **História do Positivismo no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964. P. 311.

¹³² Rondon foi aluno da Escola Militar da Praia Vermelha entre 1884 e 1890. Ao final de sua permanência na mencionada escola, recebeu o diploma de bacharel em matemática e ciências físicas e naturais, além do título de engenheiro militar. Retirado de: MACIEL, L. A. **A nação por um fio**: Caminhos, práticas e imagens da “Comissão Rondon”. São Paulo: EDUC, 1998. P. 18.

¹³³ *Ibidem*. P. 18.

¹³⁴ *Ibidem*. P. 18.

mas sob a égide do mesmo regulamento, compuseram a geração de jovens oficiais que conviveram com a difusão das ciências e da técnica.

E foi, justamente nesse contexto, que ocorreu a viagem de Francisco de Paula Castro ao lado de Karl von den Steinen, ou seja, em meio a uma época que as explorações geográficas ganhavam cada vez mais espaço nos meios científicos. As viagens geográficas, realizadas naquele período, buscavam desvendar aspectos novos sobre a natureza e sobre o homem. Além disso, as viagens também colaboravam com os governos, na medida em que, alimentavam os mesmos, com informações sobre os recursos naturais, potencialidades, além de vários outros aspectos presentes nos sertões.

Com a viagem exploratória de 1884 não foi diferente. A presença dos expedicionários nos sertões das Províncias do Mato Grosso e do Pará a fim de determinarem o local exato das nascentes do rio Xingu e produzir conhecimentos sobre as populações que habitavam suas margens, acabou contribuindo de forma significativa para formação do imaginário brasileiro, pois serviam para alimentar a intelectualidade nacional com informações que permitiam a constante relação entre o progresso que o país necessitava alcançar com o romantismo que valorizava as riquezas naturais do Brasil que parece ficar evidenciado no relatório do capitão Paula Castro em diversas ocasiões, como por exemplo, em uma passagem que o oficial comentou que a “cabeceira do Estivado é uma espécie de sitio sobre uma elevação com terrenos férteis e lindas pastagens”¹³⁵.

De fato, era necessário conhecer o território brasileiro, o que levou o governo de Pedro II a investir, desde o início, de forma acentuada, em pesquisas e viagens que pudessem resultar em informações capazes de melhor dimensionar as potencialidades do país, como ocorreu em 1856, quando da formação da Comissão Científica de Exploração ao Ceará, organizada pelo IHGB e formada por diversos estudiosos, entre os quais, alguns militares do exército e da marinha, que passaram pelos bancos da escola militar no início dos anos de 1850, e obtiveram o título de doutor em matemática.

E, foi neste contexto, que se inseriu a expedição científica de 1884, ao rio Xingu. Responsável por colocar, lado a lado, um pesquisador alemão que estava

¹³⁵ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu** 1884. P. 06. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

determinado a explorar uma parte do planeta ainda desconhecida, e um oficial do exército, formado sob a égide da filosofia positivista, que contagiou os jovens oficiais na Praia Vermelha a partir da década de 1870. Tudo isso, encimado pelo interesse do Governo Imperial que realizava seu projeto modernizador do país desde os anos de 1850.

3.1. Francisco de Paula Castro e a viagem aos sertões do Mato Grosso.

Conhecer o território nacional, dimensionar suas potencialidades, demarcar suas fronteiras, levar a presença da civilidade aos povos nativos que habitavam os sertões brasileiros, realizar estudos detalhados de plantas e animais. Esses, e outros objetivos faziam parte do escopo das expedições científicas que vasculharam o território brasileiro no século XIX, onde também se insere a expedição de Karl von den Steinen.

Foi a partir do final da Guerra do Paraguai que o governo imperial passou a investir sistematicamente no seu projeto modernizador, a fim de conduzir o Brasil o mais próximo possível dos países europeus. E foi, em virtude deste cenário, que o positivismo acabou ganhando um significativo espaço, sobretudo, por defender princípios científicos que seriam capazes de dotar o país de toda modernização que, segundo alguns setores da sociedade, eram necessárias, ao progresso da nação.

Esse movimento foi aos poucos, colaborando para formação de uma mentalidade cientificista e elitista que acreditava e defendia a ideia de que, o Brasil deveria ser administrado de forma autoritária por uma elite especialmente preparada para governar, e isso, sem dúvida incluía os jovens oficiais formados na Praia Vermelha, entre eles, Francisco de Paula Castro.

A formação de Francisco de Paula Castro na Escola Militar ocorreu justamente, durante a intensificação da busca por esse progresso e desenvolvimento. Esse período, foi marcado também, pela presença constante de viajantes europeus que chegavam ao Brasil motivados em pesquisar, entre outras coisas, aspectos da natureza, aspectos humanos, bem como, a geografia do país que, por sinal, havia sido a mola propulsora da viagem exploratória de Karl von den Steinen.

Neste cenário, inseriu-se o capitão de infantaria do Exército Brasileiro, Francisco de Paula Castro que foi nomeado para prestar todo apoio necessário aos expedicionários alemães durante o período de exploração do rio Xingu.

Além do oficial, ficar encarregado de apoiar as atividades científicas dos exploradores alemães, também foi orientado e realizar um estudo sobre a possibilidade do governo construir uma estrada ligando as duas províncias envolvidas na exploração.

E, foi em decorrência desta missão específica que Francisco de Paula Castro apresentou ao final da viagem seu relatório. Nele, o oficial informou ao governo, entre outras coisas, aspectos geográficos dos lugares por onde estiveram os membros da comissão científica ao longo dos quase seis meses de viagem pelos sertões das províncias do Mato Grosso e do Pará.

Em seu relatório de viagem, o oficial descreveu, com a maior minúcia possível, aspectos da geografia e da paisagem que, entre as quais, incluía informações sobre a vegetação e suas potencialidades econômicas, sobretudo, para criação de gado e capacidade agrícola. Além disso, sempre que possível Francisco de Paula Castro procurou informar ao governo as condições específicas de cada trecho da viagem que pudesse colaborar com o planejamento da estrada de ligação tão desejada pelo governo da Província do Mato Grosso.

No relatório, o oficial também mencionou em diversos momentos, as condições topográficas e hidrográficas das regiões onde a comissão científica passou. Em função da tarefa de verificar a possibilidade de construção de uma estrada, que pudesse ligar as duas províncias, é aparente a preocupação do oficial em registrar informações sobre os rios, lagos, ribeirões e cachoeiras que iam surgindo ao longo da viagem. Um, dos muitos exemplos desses registros, aparece nas páginas 9 e 10 do relatório:

Começamos a 23 nossa marcha as 6 $\frac{3}{4}$ da manhã chegando ao rio verde as 9 horas onde descansamos. As matas deste rio são altas alagadiças e cheias de seringais; os terrenos sazonalmente e a água límpida cristalina deixando ver claramente o leito apresenta em razão das falhas das arvores que a ensombram numa cor avermelhada de onde vem o nome que se dá ao rio. É afluente do Paranatinga pela margem esquerda e dista cinco léguas da cabeceira Cosuntupa. Continuamos a caminhar ao $\frac{1}{2}$ dia chegando ao ribeirão das pedras as 3 horas da tarde depois de passarmos duas cabeceiras denominada a segunda cabeceira do Baptista e um estreito ribeirão que corre entre os chapadões. O ribeirão das pedras corre entre o declive de duas colinas e é de água cristalina.¹³⁶

Também é possível verificar a preocupação de Francisco de Paula Castro em mensurar o tempo que o grupo levou de um ponto a outro, além de seu permanente cuidado em estabelecer a conexão entre o tempo e as distâncias percorridas.

¹³⁶ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 09 - 10. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

Ao sair do caixão depois de caminhar-se 2 quilômetros pouco mais ou menos apresenta-se a vista de um magnífico panorama da natureza que ai formou uma soberba baixada, entre os chapadões, que parece de longe um imenso soalho forrado de um lindo tapete de veludo verde e as matas cultiváveis que formam jarros de flores de variegadas cores que realçam a formosura do tapete.¹³⁷

Também são constantes, as passagens que apresentam as dificuldades encontradas pelo grupo para progredirem em certos trechos da viagem exploratória. Geralmente, estas dificuldades estão associadas à transposição dos rios ou de áreas alagadiças, podendo fazer menção também às constantes elevações que surgiam ao longo do percurso, que por vezes, eram facilitadas pela presença de índios que conheciam as dificuldades dos trechos mais complicados.

O caminho percorrido fora horrível, canais estreitos ocultos pelas ilhas, cachoeiras ziguezagueando entre alas de cachapos ponteagudos que mal se distinguem a flor d'água, corredeiras em que a velocidade das águas, apenas permitia-nos percebermos as árvores passarem por nossa vista, foram os obstáculos que a cada momento encontramos e que seriam inexpugnáveis para nós, se não tivéssemos o Pedro que parecia um filho das Naiades com poderes discricionários para dirigir as águas a seu modo.¹³⁸

Mas, apesar dos problemas enfrentados pelo grupo, entre os quais, as dificuldades de transposição das cachoeiras, os problemas de navegação pelos rios ou a falta de alimentos, Francisco de Paula Castro também registrou em seu relatório, os vários momentos de encantamento com a geografia que encontrou nos sertões do Brasil.

No dia 13, continuamos a nossa viagem as 6 ½ da manhã tendo passado 5 cabeceiras, descansamos aos meio dia. Próximo as duas cabeceiras que estão mais a L, há uma grande montanha em que subimos com alguma dificuldade por ser bastante íngreme com grande quantidade de pedras soltas que resvalavam debaixo dos pés. O seu cume com uma área bastante regular permite caminhar-se livremente. O espetáculo que daí se apresenta a vista é maravilhoso, vê-se circulando a serra grande quantidade de vertentes ou cabeceiras e ribeirões que dirigem-se em todos os sentidos em uma imensa campina verdejante, indo pouco a pouco ao longe reunirem-se formando pequenos rios. Descobrem-se imensas serras longínquas que parecem fechar completamente em círculo os grandes chapadões sobre as quais se eleva a montanha em que subimos e demos o nome de Boa vista. Ao N. da montanha uma linda colina como sua companheira nesta solidão apresenta ao viajante uma vegetação variada cujos matizes deleita a vista e alegro o espirito.¹³⁹

Mas, apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelos membros da comissão científica, Francisco de Paula Castro apresentou informações em seu relatório

¹³⁷ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 10. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

¹³⁸ *Ibidem*. P. 54.

¹³⁹ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 19-20. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

que podem ser consideradas significativas ainda hoje, para os conhecimentos geográficos sobre as regiões visitadas na época da expedição.

Entre tais contribuições, pode-se mencionar a série de nomes que foram dados pelo grupo a vários acidentes geográficos encontrados no caminho, como por exemplo, “Ribeirão do Bugio”, “Ribeirão Jatobá”, “Cabeceira da Boa-esperança”, “Ribeirão Profundo”, “Rio do Batovy” e “Serra Maria”, estes dois últimos em homenagem ao presidente da Província do Mato Grosso e sua esposa.¹⁴⁰

Se for levado em consideração, que no fim do século XIX, a difusão da geografia não estava completamente institucionalizada no Brasil as informações apresentadas por Karl von den Steinen e Francisco de Paula Castro tornam-se valiosas, pois serviram para corrigir mapas existentes na época, ou mesmo, permitir a confecção de novas cartas geográficas com informações precisas sobre certos lugares.

Mesmo que se deva levar em conta, a tarefa de registrar no relatório as condições geográficas da viagem, não se pode deixar de lado o fato, de que Francisco de Paula Castro frequentou a Praia Vermelha na segunda metade do século XIX, ou seja, em uma época que, as perspectivas da ciência geográfica ligavam-se “diretamente com a produção do espaço, sendo um dos seus subsídios essenciais do planejamento”.¹⁴¹

E, ao que parece, foi justamente essa a ideia do governo ao nomear um oficial “científico” para acompanhar a comissão exploratória de Karl von den Steinen. Francisco de Paula Castro deveria ser capaz de observar os trabalhos da comissão e ao mesmo tempo, apresentar um estudo detalhado sobre as condições geográficas dos sertões do Mato Grosso a fim de determinar a possibilidade ou não, da construção de uma estrada que ligasse a mencionada província a outros pontos do país. E foi, imbuído destas tarefas que o oficial desde o início, passou a registrar todas as ocorrências da viagem:

Tendo saído de Cuiabá como disse a 26 de maio, levamos mais ou menos o rumo NO e fizemos pouso as 6 horas da tarde na cabeceira do Manduca. A estrada até este lugar não é boa e tem uma ponte velha. No dia 27 tivemos de esperar um boi que havia desaparecido e um mular que disparara; as 11 horas encontrando-se os animais continuamos a viagem as 3 da tarde parando as 5. Saímos no dia 28 as 6 e 30' da manhã, passamos o rio da Ibiá as 8 ¼ e descansamos até as 2 e 20' da tarde em que prosseguimos na viagem passando por duas pontes em mau estado (...) A 29, saímos as 6 ¼ da manhã,

¹⁴⁰ *Ibidem*. P. 21.

¹⁴¹ MORAES, A. C. R. de. **Ideologias geográficas**. São Paulo: Annablume, Hucitec, 2002. P. 112.

chegamos na Freguesia da Guia depois de passarmos o pequeno rio Coxipó-assú, cujas águas vão ao Cuiabá sendo o tempo da nossa viagem o chamado da seca em razão de não haver chuvas, pudemos passar, a vau este rio que em tempo das chuvas enche extraordinariamente e dificulta as comunicações entre Cuiabá e Guia¹⁴².

Esse trecho inicial do relatório de Francisco de Paula Castro parece deixar claro que o oficial estava disposto a detalhar ao máximo as condições encontradas por ele ao longo do trajeto. Essas informações atenderiam o governo em seu projeto de expansão e ocupação do território, sobretudo, em função dos interesses econômicos da época.

Mesmo levando em conta, que trabalhos como esse, apresentado por Francisco de Paula Castro não possuam uma análise detalhada, resumindo de certa forma, apenas sua visão acerca do território com seus aspectos mais gerais, é impossível negar a importância desse tipo de conhecimento e informação para as políticas de ocupação territorial. Assim, toda e qualquer informação sobre as condições geográficas, climáticas e geológicas eram importantes para o governo.

Essa preocupação com as condições geográficas e sua relação com a potencialidade econômica de cada região parece ficar evidente no relatório no trecho sobre o rio Bahú e suas proximidades:

O engenheiro Otto Clauss tomando a latitude do Bahú achou 13 graus. O rio Cuiabá corre muito próximo a esse lugar e é já todo encachoeirado e cheio de corredeiras cujas pedras causam grandes embaraços e perigos às canoas que por aí descem. Há no Bahú de 6 a 8 casas sendo duas de telha e as mais de palha. Os moradores empregam-se em criação de gado vacum e plantação de milho, arroz, cana, feijão e fumo do que mandão parte para Cuiabá¹⁴³.

Essa constante preocupação de Francisco de Paula Castro em detalhar as condições da viagem ao governo, com o maior número possível de informações, o levou a apresentar no relatório, em diversas ocasiões, correções de informações prestadas ao governo pelo pesquisador alemão na sessão realizada na cidade do Rio de Janeiro, na

¹⁴² CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 02-03. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

¹⁴³ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 03. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro logo após o término da viagem, que contou com a presença do Imperador Pedro II.¹⁴⁴

A primeira dessas correções feitas por Francisco de Paula Castro versou sobre o rio Paranatinga e a chegada do Grupo à aldeia Bacáiri:

Coincidindo estar escrevendo sobre esse rio na ocasião em que me foi dada a “Gazeta de Notícias” de 05 de dezembro onde vinha inserido um resumo do discurso feito pelo ilustrado e sábio Dr. Carlos Von den Steinen, um dos exploradores do Xingu. O orador em sessão solene de 3 d’aquela mês, no Instituto Histórico e Geográfico, perante S. M. o Imperador declarou que “saindo a 26 de maio a expedição chegou a 28 de junho as terras dos Bacáiri que formão duas pequenas aldeias, junto a um afluente do Arinos” – se o distinto orador não enganou-se em seus apontamentos durante a nossa viagem, foi o taquígrafo ou quem resumiu o discurso que deixou escapar alguns enganos. Saímos com efeito a 26 de maio de Cuiabá, porem às terras dos Bacáiri chegamos a 14 de junho e não a 28.¹⁴⁵

Esta passagem é singular por dois motivos. Primeiro, porque demonstra que Francisco de Paula Castro procurou apresentar dados precisos sobre a viagem exploratória, além de querer deixar claro, que o esforço de explorar o rio Xingu foi coletivo, o que fica evidenciado ao tratar Steinen como um dos exploradores do Xingú.

Mas esta correção, não foi à única apresentada pelo capitão Francisco de Paula Castro. O oficial procurou corrigir informações prestadas por Karl von den Steinen em outras partes do relatório, algo que tomou como tarefa, e que ficou registrada na página 14 do documento, logo após o primeiro registro desta natureza:

Feita essa correção do engano do sábio orador; engano que só posso atribuir ao resumidor do discurso, por isso que estou muito convencido da exatidão das notas do preclaro explorador e do cuidado que sem duvida teve quando percorreu sobre a viagem, passo a continuar o meu árido relatório, não deixando de declarar que tratarei de mais alguns enganos que encontrei na exposição do nobre doutor, sempre que se ofereça ocasião¹⁴⁶.

Essa tarefa, de corrigir possíveis erros ou enganos sobre a viagem exploratória, ao que parece, estava diretamente relacionada ao papel que Francisco de Paula Castro passou a ter na comissão, principalmente após a saída do capitão Antônio Tupy Ferreira Caldas. O relatório parece deixa evidenciado que Paula Castro aos poucos foi deixando para trás o papel de coadjuvante na expedição para atuar, segundo a visão dele, como um dos responsáveis diretos pelo êxito da viagem científica, deixando

¹⁴⁴ O discurso de Karl von den Steinen foi posteriormente publicado no Jornal Gazeta de Notícias da cidade do Rio de Janeiro (periódico publicado entre agosto de 1875 e 1942).

¹⁴⁵ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 13. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

¹⁴⁶ *Ibidem*. P. 14.

registrado que os resultados da viagem eram importantes para a carta geográfica do Brasil e que, por isso, não poderia ele “deixar passar despercebidos enganos”¹⁴⁷.

Esse papel, que chamou para si, parece ficar evidenciado no trecho do relatório onde o oficial registrou:

Eu que também fiz parte da expedição e com instruções para tomar notas de toda viagem, não devo estar inibido de apontar erros quer geográficos quer de qualquer outra natureza, embora não seja eu uma notabilidade de científico como qualquer dos três insignes viajantes alemães¹⁴⁸.

Outra passagem em que Francisco de Paula Castro corrigiu Karl von den Steinen versava sobre o uso de canoas de casca de jatobá.

O jatobá é uma grande arvore pertencente a família das leguminosas e de cuja casca aproveitam-se os índios para fazerem pequenas canoas que durão de 1 a 2 anos quando bem secas ao tempo e viajam em rios sem cachoeiras. O ilustrado Dor. Carlos Von den Steinen disse em seu discurso que essas canoas “são próprias para os rios encachoeirados”. Creio que o Doutor distraiu-se quando tratou desse assumpto, deixando escapar grande engano. Estas canoas são as mais impróprias para os rios encachoeirados.¹⁴⁹

Também ficou evidente a discordância do oficial com o pesquisador alemão no que disse o último sobre as condições de sobrevivência do homem no interior do Brasil:

O ilustrado e sábio Dor. Carlos Von den Steinen disse na mesma sessão de 3 de dezembro que “a nossa fauna é escassa e que só por si a caça seria insuficiente para alimentar a expedição” – Não é possível que a expedição esteja toda de acordo nisto. Creio mesmo que o ilustre explorador enganou-se. É verdade que nos chapadões não pode haver abundancia de caça, por isso que nesses terrenos só há quase pasto. A expedição porem lembra-se perfeitamente que sempre encontrava veados, jabotis e outros animais nos chapadões. Os chapadões que como já disse e todos sabem quase que contêm só pasto não deixam de ter matas destacadas que os sertanejos chamam ilhas; e a expedição passou por muitas destas matas encontrando muitas vezes caça. Por não se ver caça a todo momento em um lugar não se deve concluir que aí ela é escassa.¹⁵⁰

Mais uma vez, Francisco de Paula Castro procurou corrigir uma informação prestada por Karl von den Steinen utilizando o recurso da coletividade, em uma clara demonstração de discordância com a posição do pesquisador alemão. Ainda sobre essa situação da caça, o oficial apresentou uma posição pessoal sobre o assunto:

¹⁴⁷ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 14. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

¹⁴⁸ *Ibidem*. P. 14.

¹⁴⁹ *Ibidem*. p. 14-15.

¹⁵⁰ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 35. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

Os índios protestam com certeza contra quem disse que a nossa fauna é escassa. Se uma expedição não pudesse alimentar-se da caça pelo interior do Brasil, como viveriam os índios? Eles que moram nas matas, onde procurariam o seu alimento? É certo que os moradores do Batovy vivem mais da pesca do que da caça, porem cação também muito e quando saem para as matas vão em grande numero trazendo de regresso, muitas aves e outros animais que guardam por muitos dias conservando-os que moqueados – Se porem a abundancia de caça consiste em não fugir esta do viajante e ao contrario vir procura-lo e colocar-se nos caminhos, então creio eu que todos concordam em que a caça no Brasil é pouca, quase não há.¹⁵¹

É possível perceber nesta passagem do relatório que o capitão Francisco de Paula Castro comenta com certa ironia a posição de Karl von den Steinen sobre o tema da caça. Neste ponto, o relatório de Paula Castro parece aproximar-se de outros documentos produzidos na época por outros viajantes que percorreram o interior do Brasil. Sobre as viagens científicas daquele período, mencionou Eduardo Giavara:

Durante esse período, os viajantes desempenharam papel importante na observação dessas mudanças, pois capturaram e construíram um panorama da região, preciso em seus aspectos geográficos e ideológicos ao tratarem das políticas de terra, dos índios e das comunidades locais. Por terem pouco ou nenhum vinculo pessoal, tais exploradores conseguiram elaborar análises que ora pendiam para relatos mais amigáveis ora para relatos com críticas mais contundentes (...)¹⁵².

Nessas passagens do relatório, Francisco de Paula Castro parece querer demonstrar que ele e os demais militares envolvidos na comissão exploratória, tiveram papel destacado na viagem, sobretudo, no que dizia respeito à verdade das informações prestadas ao governo. É possível, perceber que havia uma preocupação do oficial com a forma precisa de informar o Estado sobre as condições do interior do Brasil. Sobre isso, ele comentou:

Os ilustrados exploradores felizmente não desabonarão a força expedicionária na sessão do Instituto Histórico e Geográfico, que tiveram a honra de merecer. E não era de esperar outro procedimento dos três sábios que devem conhecer perfeitamente que são imutáveis a verdade e os princípios de justiça – se fosse essa expedição feita só por brasileiros eu creio trazia muito mais interesse ao país e seria muito mais útil¹⁵³.

Por fim, chega-se a conclusão que a escrituração do relatório na primeira pessoa, além de dar, um ar personalíssimo ao texto, também visa deixar registrado o papel que Francisco de Paula Castro passou a acreditar ter na comissão científica.

¹⁵¹ *Ibidem*. P. 36.

¹⁵² GIAVARA, E. **Viagem ao desconhecido**: agricultura e ciência nas fronteiras do oeste paulista. Tese de doutorado defendida na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP). São Paulo, 2008.

¹⁵³ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 74. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

Palavras como, chegamos, saímos e continuamos, ajudam dimensionar isso, pois parecem querer reafirmar a presença do oficial como representante do governo na expedição.

Também fica evidente a preocupação do oficial com o detalhamento das informações contidas no relatório, pois, para ele, o resultado prático da viagem de exploração do rio Xingu, seria o aperfeiçoamento dos mapas sobre as regiões visitadas pelos membros da expedição, o que implicaria na necessidade do relatório dar conta de informar de forma minuciosa aspectos como: distâncias percorridas, hora de partida e de chegada em cada localidade, localização dos rios, ribeirões e cachoeiras, locais de parada e descanso, número de habitantes encontrados em cada aldeia, além de várias outras informações.

3.2. O encontro tão esperado: a comissão científica encontra o rio Xingu.

Como foi dito anteriormente, o objetivo inicial da viagem científica liderada por Karl von den Steinen era a descoberta das cabeceiras do rio Xingu e sua posterior exploração, ou seja, foi a possibilidade de explorar a fundo o rio que já havia sido, em parte, navegado por Adalberto da Prússia que animou o pesquisador alemão a empreender a viagem exploratória nos sertões brasileiros em 1884.

Mas, se por um lado, o interesse de Karl von den Steinen e seus companheiros de viagem em encontrar o rio era grande, por outro, a tarefa não foi tão simples. Tendo partido de Cuiabá no dia 26 de maio de 1884, os expedicionários conseguiram alcançar o rio apenas no dia 30 de agosto, por volta das 15 horas.

A chegada ao rio Xingu foi marcada pela dúvida. Segundo Francisco de Paula Castro não havia a completa certeza quanto a localização do grupo e se o rio encontrado tratava-se do Xingu ou se era ainda o Paranatinga que havia tomado outro rumo. Sobre isso registrou o oficial no relatório:

Chegamos como disse a 30 as 3 horas da tarde em um grande rio tendo entrado nele pela margem direita. À saída da foz do Batovy demos algumas descargas em regozijo do nosso encontro com o rio. Logo abaixo da foz do batovy há uma linda baía a margem direita. As águas do Batovy e do grande rio caem em outro maior vindo de S.E., apresentando uma foz de 380 metros de largura parecendo o rio principal. Em frente a esta foz vê-se outra grande baía, tendo uma grande ilha em sua entrada são estes três rios, o Ronuro de S.O., o Batovy seu afluente pela margem direita e o Colysêo de S.E., recebendo as águas dos dois primeiros pela margem esquerda, que constituem as grandes e principais cabeceiras do Xingu engrossadas pelos pequenos rios, ribeirões e vertentes dos chapadões, limitados a Oeste pelo Jatobá e Bugio que formão o Ronuro e a L. por outras aguas que correm de 8 a 16 léguas do Batovy.¹⁵⁴

Esta primeira informação sobre o Xingu no relatório do capitão Francisco de Paula Castro deu conta de apresentar a exata localização do rio que, para os expedicionários alemães, ainda não tinham a completa certeza se o rio encontrado tratava-se do Xingu, pois segundo o oficial pairava “sobre o espírito dos ilustrados

¹⁵⁴ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 37. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

exploradores duvidas sobre o rio que eles supunham ainda que fosse o Paranatinga que mais ao Norte podia ir tomando o rumo Oeste”¹⁵⁵.

Ainda segundo Francisco de Paula Castro sua opinião sobre o rio foi apresentada aos expedicionários alemães por ocasião do encontro do grupo com o rio, mas seus argumentos de que, aquele rio não ia ao Tapajós foram afastados, preferindo o oficial guardar, para outro momento, suas considerações.

O encontro com o rio Xingu também marcou o encontro dos expedicionários com os índios Trumaí que ocorreu no dia 31 de agosto por volta das 9 horas da manhã. No dia 03 de setembro mais uma vez Francisco de Paula Castro teve a oportunidade de reafirmar sua opinião sobre o rio encontrado ser o Xingu.

Neste lugar em que estávamos parados apresentei aos ilustrados exploradores a prova de estarmos ou no Xingu ou em algum rio que não ia ao Tapajós. Pescando nós todos os dias nunca apanhávamos dos peixes grandes que haviam no Paranatinga, afluente do Tapajós. Fiz então ver ao engenheiro dizendo-lhe que era um sinal de que as águas não se misturavam. Concordou ele comigo declarando-me que eu apresentara realmente uma boa prova.¹⁵⁶

Além dos Trumaí, também foram encontrados no Xingu, os índios Suyá, que travaram contato com os expedicionários e os apoiaram fornecendo alimentação e canoas para que os mesmos pudessem prosseguir viagem. Durante a presença dos membros da comissão na aldeia desses índios, tomaram mais algumas informações sobre o Xingu que era chamado de Paraná¹⁵⁷ pelos Suyá.

Para Francisco de Paula Castro a prova definitiva que convenceu os exploradores de estarem, de fato, no rio Xingu, veio apenas no dia 24 de setembro. Sobre isso, o oficial registrou:

Sabendo os ilustrados exploradores que os índios eram Jurunas convenceram-se então que estávamos no Xingu, em razão da notícia do príncipe Adalberto da Prússia que viajou por ele em 1843 até 4 graus de latitude e falou dos Jurunas que aí encontrou.¹⁵⁸

¹⁵⁵ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 38. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

¹⁵⁶ *Ibidem*. P. 44.

¹⁵⁷ Paraná é uma palavra Tupi guarani que define um braço de rio, largo e extenso, que forma uma ilha, e que encontra o mesmo rio mais adiante. Retirado de: www.dicionarioinformal.com.br/significado/paran%c3%A1/6252. Acesso em 1º de abril de 2015.

¹⁵⁸ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 50. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

Segundo os registros do capitão Francisco de Paula Castro a primeira vez que ouviu a palavra Xingu ocorreu apenas no dia 15 de outubro quando já se encontravam em meio de gente civilizada. Isso teria ocorrido na localidade conhecida como Piranhaquára. Neste local, os membros da expedição tiveram contato com dois brasileiros que exploravam seringa em uma das ilhas da região¹⁵⁹.

A partir da página 63 do relatório de viagem, o capitão Francisco de Paula Castro reserva um espaço significativo do seu texto para tratar do rio Xingu. Tais informações são relativas à parte do rio compreendida a partir da chegada da comissão na chamada Grande Volta, nas proximidades da fazenda do coronel Raymundo Gaioso.

A primeira informação sobre o rio Xingu, a partir deste ponto, dá conta sobre a existência de aproximadamente 50 cachoeiras com muitos saltos e grande quantidade de pedras, com destaque para Juruquá. Situada na parte do rio denominada alto Xingu essa cachoeira possuía aproximadamente 40 metros de altura. Ainda sobre essa região, Francisco de Paula Castro informou ser habitada por “diversas tribos de índios pacíficos e amáveis que facilitam a navegação fluvial”¹⁶⁰.

Segundo o capitão Francisco de Paula Castro, o nome Xingu não era conhecido pelos índios que habitavam as regiões mais ao sul, em uma nítida demonstração que o nome do rio havia sido posto por outros índios, ou mesmo, por gente civilizada. Também destacou o oficial que o rio estava dividido em três partes:

A primeira desde perto das cabeceiras a cem léguas pouco mais ou menos para baixo da foz do Batovy, livre, navegável, mas não por embarcações de grande calado em razão dos grandes baixios que tem, a segunda daí a extremo N. da grande volta toda encachoeirada e a terceira desde a cachoeira Itapaiuna até a foz também navegável como a primeira admitindo porem navios de grande calado.¹⁶¹

De acordo com o relatório de Francisco de Paula Castro nos lugares mais estreitos o Xingu possuía menos de 300 metros de largura e nos lugares mais largos o rio excedia a cinco quilômetros. Sobre a velocidade do rio, o oficial informou que na parte sem cachoeiras era de aproximadamente três quilômetros por hora. Também destacou que em alguns trechos as águas eram cristalinas, podendo ficar pardas em alguns lugares em função do cascalho.

¹⁵⁹ Os brasileiros eram Heleodoro e Sabino que viviam na ilha com suas famílias.

¹⁶⁰ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 63. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

¹⁶¹ *Ibidem*. P. 65.

Também foi alvo das observações do oficial uma série de outros aspetos relacionados ao rio. Ele mencionou na página 66 do relatório que o número de ilhas existentes na região do Alto Xingu era muito elevado, chegando impossível conta-las. Também comentou que um estudo minucioso sobre o rio somente seria possível após um “grande número de viagens”¹⁶².

Sobre as ilhas encontradas no Alto Xingu Francisco de Paula Castro registrou que estas eram cheias de cajueiros, enquanto as margens dos rios possuía grande quantidade de vegetais, tais como, castanhais, seringais, pés de coco de copaíba e de Puchirú. Também eram encontrados em abundância a salsa, o cravo e as palmeiras que crescem nas margens do Xingu.

No relatório também aparecem informações sobre a fauna. Segundo Francisco de Paula Castro existia nas proximidades do alto-Xingu um significativo número de tracajás, além de muitas aves aquáticas. Sobre os peixes, esses não eram muitos em variedade, mas os que existiam, eram abundantes. Também registrou que havia algumas aves que povoavam a região, tais como, jacus e canoras.

Além das informações mencionadas acima, o capitão Francisco de Paula Castro encerrou seus comentários sobre o rio Xingu apresentando dados específicos relacionados à construção de uma estrada ligando a região do alto-Xingu ao Tucuruí. É possível que tais informações estejam ligadas à tarefa de Paula Castro de informar ao governo sobre a possibilidade da abertura de uma estrada ligando Mato Grosso ao Pará.

Sobre isso, comentou Francisco de Paula Castro:

Ultimamente o coronel Gaioso abriu uma picada partindo de traz de sua casa e indo sair perto de um morador chamado Saraiva, acima da foz do Tucuruí, essa picada a que o coronel dá o nome de estrada é horrível, atravessa muitos lugares péssimos e tem muito mais de nove léguas que ele lhe dá. E os moradores do alto-Xingu dizem que antes de Gaioso – Há um terreno porem que deve ser o procurado para a abertura desta estrada que é de grande interesse e utilidade para todos: é o estudado pelo engenheiro Pimentel que em 1872 subiu o Xingu até 8° 30' de latitude procurou cuidadosamente resolver esta questão de suma importância para a província do Pará e deu logo começo ao serviço principiando a estrada, a margem esquerda, na grande volta em o lugar denominado enseada do Taperituba abaixo do Igarapé-açú; tendo já trabalhado bastante e segundo dizem os moradores estando quase a concluir, foi obrigado a retirar-se por doente. Essa estrada começada naquele ponto devia terminar acima da praia do Curunary e abaixo

¹⁶² CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 66. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

da cachoeira Itapaiuna; largada de 1872 para cá é preciso ser todo serviço feito de novo, mas atendendo-se ao grande interesse que traz a província do Pará, deveria ser ela recomeçada o mais breve possível.¹⁶³

Após apresentar estas informações sobre o projeto que existia desde 1872, Francisco de Paula Castro comentou que a abertura da estrada de rodagem que ligaria a cidade de Cuiabá às margens do rio Xingu não seria difícil, mas daí para frente, segundo o oficial “se não é impossível é pelo menos difícilíssima”.¹⁶⁴

Para ele, os grandes afluentes do rio Xingu, bem como, as muitas montanhas que existiam nas duas margens seriam os grandes obstáculos para construção da tão almejada estrada. Ainda sobre a possibilidade de construir essa ligação, Paula Castro comentou no relatório que, em função de não existirem estudos sobre a região entre os rios Anapú e Pacajá, não era possível afirmar, se por aí poderiam passar tal estrada, mas registrou que a construção de tal caminho nesta região iria beneficiar as duas províncias e também Goiás, pois “o gado de um exorbitante preço no Pará tinha de diminuir de seu valor uma vez remetido de Mato Grosso e Goiás onde ele é muito barato.”¹⁶⁵

O capitão Francisco de Paula Castro também informou no relatório o nome dos afluentes do baixo Xingu que foram encontrados e identificados pelo grupo de expedicionários. Os rios, ribeirões e igarapés da margem direita seriam: Paraná-mucú, Juraná, Tariú, Tamanduá, Araparí, Curumatá, Machiacá, Tucanaquará, Juquerí, Maruá, Muchipaná, Acahy, Turú, Cariní e Majari. Quanto à margem esquerda, foram identificados os seguintes: Jua, Tucuruí, Guará, Uiriarituba, Cariá e Acarahy.¹⁶⁶

Por fim, informou o oficial, sobre a existência de uma vila no baixo Xingu. Tratava-se da Vila de Sousel¹⁶⁷ que contava à época com 40 casas de telha, uma pequena igreja (...), 4 ruas paralelas ao rio e 2 terrenos perpendiculares as ruas¹⁶⁸. Também comentou sobre a existências das localidades de Pombal, Veiros e Porto de Moz.

¹⁶³ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 69-70. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

¹⁶⁴ *Idem. Ibidem.* P. 70.

¹⁶⁵ *Idem. Ibidem.* P. 70.

¹⁶⁶ *Idem. Ibidem.* P. 71.

¹⁶⁷ A antiga Vila de Sousel fundada em 1833, atualmente chama-se Senador José Porfírio. Curiosamente este município é um dos dois únicos casos de exclave existentes no país. Isso ocorre quando o território municipal é dividido em duas partes por outra cidade. Retirado de: http://pt.wikipedia.org/wiki/Senador_Jos%C3%A9_Porf%C3%ADrio. Acesso em 1º de abril de 2015.

¹⁶⁸ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 71. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

3.3. Francisco de Paula Castro e o encerramento da expedição científica de exploração do rio Xingu.

Na perspectiva do capitão Francisco de Paula Castro o final da expedição exploratória do rio Xingu não foi das melhores para os militares envolvidos na viagem. Os registros do oficial dão conta que os expedicionários alemães se separaram pela primeira vez dos demais componentes do grupo, na fazenda do coronel Raymundo Gaioso. Segundo o capitão, enquanto os alemães resolveram seguir até a ilha do Arandahy pela estrada aberta por Raymundo Gaioso o restante dos homens foram com ele pelo rio.

Em Arandahy voltou a encontrar com Karl von den Steinen e seus dois companheiros de viagem, mas esse reencontro não foi muito proveitoso em virtude das circunstâncias. Sobre ela, Francisco de Paula Castro comentou no relatório:

Chegamos todos a ilha só com a roupa do corpo e esta em péssimo estado. Os três dignos estrangeiros foram mais felizes que nós; encontrarão em Arandahy uma ordem para o Capitão José Nunes fornecer-lhes até a quantia de cinco contos. Não tendo eu e as praças quase recurso algum e não querendo os insignes exploradores se utilizarem da referida ordem, segundo declarou-me o sábio Dor. Carlos Von den Steinen, vi-me em sérios embaraços para alimentar a força.¹⁶⁹

Fruto dessa situação que entendeu como incomoda, o oficial teceu no relatório o seguinte comentário:

Nos que passáramos tão mal pelos sertões e que maiores dificuldades encontrávamos no meio da gente civilizada onde era preciso eu comprar tudo a dinheiro e por preços exorbitantes estávamos em uma posição crítica na casa comercial do Capitão José Nunes.¹⁷⁰

Francisco de Paula Castro registro que os problemas da tropa que comandava foram resolvidos a partir do momento que o capitão José Nunes forneceu tudo que necessitavam através de um crédito que poderia ser pago ao seu correspondente na cidade de Belém. O oficial também recebeu ajuda de um negociante de nome Luiz Bitton que adiantou alguns recursos que também foram pagos na capital paraense.

¹⁶⁹ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 72. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

¹⁷⁰ *Ibidem*. P. 72

A partir da Villa de Sousel os três expedicionários alemães afastaram-se do grupo definitivamente. Sobre isso registrou Francisco de Paula Castro:

Os três ilustrados exploradores que deviam seguir conosco até o fim da viagem, falaram-me em Sousel que não podiam demorar-se mais e pediram-me que lhes desse algumas pessoas para ajudarem a remar na canoa que lhes emprestara o Capitão Espírito Santo. Não obstante ver neste procedimento dos sábios expedicionários uma ingratidão, para com aqueles que demasiado e indevidamente haviam trabalhado para eles, dei-lhes os 4 paisanos aos quais determinei me esperassem em Porto de Moz, onde cheguei com a força a 6 de Novembro, tendo saído de Sousel a 5, as 3 horas da noite, depois de uma demora de 12 dias.¹⁷¹

Nessa passagem, mais uma vez é possível observar que o capitão Francisco de Paula Castro apresenta considerações pessoais, que parecem deixar claro, sua discordância com a utilização de militares nas atividades desenvolvidas por estrangeiros no país.

Interessante esta passagem do relatório, sobretudo, se comparada ao texto escrito por Karl von den Steinen em seu livro:

O vapor do rio Xingu, que vai até Tucuruí nos faria ainda esperar uma porção de dias. Entretanto, as condições maltrapilhas e pouco civilizadas das nossas roupas nos davam vontade de voar para ele. No Porto de Moz, a pequenina cidade na foz do Amazonas, poderíamos aguardar mais cedo uma oportunidade de viajar.

Assim, foi posto amavelmente à nossa disposição um barco, e separamo-nos então de Castro e da tripulação em Sousel, onde queriam ficar até a chegada do vapor.¹⁷²

Pode-se perceber, que a separação, na visão de Karl von den Steinen foi apenas uma decisão de escolha, ou seja, naquele momento havia duas opções, ou ficar em Sousel com poucos recursos ou seguir até Moz para tentar alcançar Belém mais rápido. Mas, apesar da perspectiva de Steinen parecer lógica, para o oficial brasileiro, a decisão representou uma espécie de traição com todos aqueles que estiveram com os expedicionários durante mais de cinco meses pelos sertões do Brasil.

Essa situação acabou provocando no oficial um profundo descontentamento, que gerou o seguinte comentário no relatório:

¹⁷¹ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 73. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

¹⁷² STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu**. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 328.

Tiveram razão os três ilustrados expedicionários, afastando-se de nós, não obstante irem com esse procedimento de encontro a todas as contribuições feitas durante a nossa viagem e partindo elas sempre deles, não queriam marear com a nossa presença o brilho das glórias que tinham de obter uma vez que iam apresentar-se como os primeiros e talvez os únicos capazes de falar das maravilhas do Xingu.¹⁷³

Logo após esse comentário, Paula Castro informou que o príncipe Adalberto da Prússia noticiou em seu livro que um tenente de milícias havia descido o Xingu em 1816, além de existirem outros relatos que davam conta de homens brancos que foram avistados por índios Jurunas descendo o Xingu.

Talvez, esse posicionamento do capitão Francisco de Paula Castro tenha relação direta com o fato do mesmo, ter passado a acreditar, que a exploração do rio Xingu somente foi possível por conta da sua liderança, o que parece ficar claro em vários momentos no relatório, como no caso abaixo:

Eu tenho notícia de algumas expedições semelhantes a nossa em que se deram factos bem tristes e que não as exponho por ser muito conveniente que eles sejam ignorados pela maior parte. Esta que dirigi e acabou-se sem o menor dissabor, é a primeira no Brasil que assim tem terminado e com tudo o seu começo não foi de bons auspícios.¹⁷⁴

Essa passagem do relatório demonstra que Francisco de Paula Castro considerou que seu papel foi fundamental para o bom êxito da expedição, chegando a se apresentar como diretor da mesma. Além disso, o oficial apresentou suas considerações sobre o fato do país colocar a disposição de pesquisadores estrangeiros militares para servirem como “criados”, demonstrando Paula Castro a mais completa discordância.

Outra passagem, que também parece indicar o posicionamento de liderança de Francisco de Paula Castro aparece, por ocasião do oficial, prestar informações ao Ministro da Guerra sobre o estado sanitário da tropa ao final da expedição:

Não gozaram sempre de boa saúde as pessoas que compuseram a expedição. Na Villa do Rosário caiu doente o guia Daniel com febres intermitentes, a 4 de junho, o D^o. Carlos começou a sofrer do mesmo mal. Todas as praças, os outros três paisanos e os dois outros expedicionários alemães foram atacados de febre no mês de setembro a começar do dia 10. Duas praças tiveram feridas e foram tratadas pelo medico que, justiça seja feita, sempre cuidava da saúde de toda expedição. Trazíamos de Cuiabá uma ambulância, fornecida pelo governo, com os medicamentos indispensáveis, tendo em mais quantidade o sulfato de quinino que durou até Sousel. A praças chegarão em Belém ainda sofrendo e algumas estão bem abatidas. Eu não sofri em toda viagem moléstia alguma. A providencia, vendo que eram muitas as minhas

¹⁷³ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 73-74. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

¹⁷⁴ *Ibidem*. P. 75.

ocupações, por isso que não só tinha eu de atender a contínuos pedidos que faziam-me os três ilustres expedicionários, como ao resto da comitiva, de modo que dificilmente podia tomar as minhas notas, achou justo que eu não fosse atacado de mal físico algum.¹⁷⁵

A escrituração do relatório teve seu término na cidade de Belém. Francisco de Paula Castro informou ao Ministro da Guerra que recebeu ajuda nesta cidade de alguns amigos e companheiros que impediram que ele e a tropa ficassem nus. Também informou que por falta de tempo e de conhecimentos científicos não apresentou maiores detalhamentos sobre a viagem, tendo tido tempo apenas para apresentar alguns anexos com vocábulos de algumas tribos e uma contagem dos índios encontrados nas aldeias visitadas.

Após a desmobilização do efetivo que fez parte da comissão científica, Francisco de Paula Castro e seus homens retornaram ao Mato Grosso a fim de se apresentarem novamente às suas unidades militares. O capitão voltou a exercer a função de instrutor no 8º Batalhão de Infantaria. Ainda em função de suas atividades na expedição de 1884, foi condenado à prisão em 1887 em decorrência dos desentendimentos ocorridos entre ele e o também capitão Antônio Tupy Ferreira Caldas.¹⁷⁶

Após a condenação, o capitão Francisco de Paula Castro solicitou a revisão da sentença, tendo sido absolvidos de todas as acusações pelo Conselho Supremo Militar no dia 28 de setembro de 1887, sendo desta forma, retirado de suas alterações a punição proferida pelo Conselho de Guerra. Segundo o entendimento dos membros do órgão máximo da justiça militar, não havia provas suficientes nas peças do inquérito que pudessem justificar a prisão do oficial.

Francisco de Paula Castro continuou em sua carreira militar galgando postos, sendo elogiado por suas atividades e sendo transferidos para diferentes lugares do país ainda durante alguns anos. Em 1891, quando servia no 28º Batalhão de Infantaria tomou parte nas operações do governo contra os revoltosos da Revolta Federalista. Em 1896 retornou ao Mato Grosso já no posto de tenente-coronel, sendo mais uma vez nomeado para exercer atividades no 8º Batalhão de Infantaria. Nesta época já contabilizava 07 filhos.

¹⁷⁵ CASTRO, F. de P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu**. 1884. P. 75-76. Coleção dos Relatórios Militares (Acervo seletivo da DH/AHEX).

¹⁷⁶ A condenação de Francisco de Paula Castro a 15 de prisão por insubordinação foi amparada na 1ª parte dos artigos 1º e 8º do regulamento de 1763 (Regulamento disciplinar do Conde de Lippe).

Em 1897 foi colocado à disposição do governo do Estado do Mato Grosso que o nomeou líder de uma expedição exploratória à bacia do rio Xingu. Segundo os *annaes* da historia mato-grossense essa expedição pretendia chegar aos sertões do Xingu e do rio das mortes, com o objetivo de descobrir a real localização da legendária mina dos Martírios.¹⁷⁷

Nessa atividade Francisco de Paula Castro foi acompanhado por Rafael Verlangierie, José Cimondi, Manoel Frutuoso da Silva Nobre, Vicente de Marco, Guilherme Bolstein, Rodolfo Coen di Capua, José Felix Herva Mate, Albano Serra e mais um contingente de doze praças do 8º Batalhão de Infantaria. Os recursos para manutenção desta expedição foram bancados por uma sociedade organizada na cidade de Cuiabá, além de terem contado os expedicionários com o apoio dos governos Federal e Estadual. Os resultados da expedição não foram satisfatórios.

Por volta de 1900, mais uma vez, Francisco de Paula Castro foi nomeado para uma expedição exploratória. Desta vez, o oficial foi acompanhado pelos tenentes do corpo do Estado Maior Juvenal Octaviano Muller, Agostinho de Souza Neves Junior e Alexandre Argolo Mendes, além do alferes Antônio Tertuliano Alves Ferreira. A missão desses militares era novamente realizar estudos e levantamentos geográficos, que pudessem determinar a construção de uma estrada ligando o Mato Grosso ao Pará.

Após as atividades desta expedição, Francisco de Paula Castro foi acometido de vários problemas de saúde que, acabaram ocasionando, após alguns meses, no seu afastamento do serviço militar, sendo transferido para reserva em 1903 por sofrer de moléstia incurável que o tornou incapaz de continuar no serviço ativo do exército. Em 1905 o oficial foi reformado com a graduação de General de Divisão. Ainda em decorrência dos males adquiridos durante a última expedição aos sertões do Mato Grosso, Francisco de Paula Castro faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 27 de junho de 1909. Por ocasião de sua morte, o escritor e historiador Estevão de Mendonça publicou uma nota na Revista Mato Grosso:

O telégrafo acaba de nos transmitir a dolorosa notícia de haver falecido no Rio de Janeiro o general Francisco de Paula Castro.

¹⁷⁷ Trata-se de uma lenda em torno de uma serra incrustada de ouro, próximo a um sítio de inscrições rupestres que contem figuras em baixo relevo que lembram os martírios de Cristo, ou seja, a coroa de espinhos, cravos, pregos, martelos e a lança. A notícia da existência das Minas dos Martírios aconteceu possivelmente no intervalo entre 1648 e 1706. Fonte: www.mteseusmunicipios.com.br. Acesso em julho de 2014.

Alma grande e generosa, inteligência robusta e esclarecida, o finado sucumbiu em consequência de tenaz enfermidade adquirida no nosso sertão do norte, quando com ardor se propunha a realizar o projeto de ligar Cuiabá, por meio de uma grande estrada de rodagem ao Pará.

Todos nós vimo-lo partir em 1900 para o vão do Rio das Mortes, forte e confiante no êxito da empresa que era um dos anelos do seu espírito de investigação e de estudo; todos nós vimo-lo regressar depois enfermo, colhido pela malária da região cujas águas vão descambar no Amazonas.

Perdera a saúde então, e pouco depois dava por finda, reformando-se, a sua brilhante carreira militar, que pode servir de exemplo pela competência e pela disciplina irrepreensível, que soube manter, como comandado, e mais tarde como chefe querido que aliava, à brandura, a compreensão exata do dever.

Nascido no Rio de Janeiro, a 28 de outubro de 1851, Paula Castro veio para Mato Grosso ainda muito moço e aqui, já como capitão, em 1884, foi incumbido pelo governo de importante comissão científica, qual a de acompanhar como auxiliar, representando o ministério da guerra, a comissão exploradora do rio Xingu, chefiada pelo Dr. Karl von den Steinen.

De como deu cumprimento àquela honrosa tarefa bem alto o próprio testemunho do Dr. von den Steinen, expresso nesse admirável livro que se intitula *Durch Central Brasilien*, os elogios que mereceu do titular da pasta da guerra, e o substancioso relatório que apresentou a essa autoridade militar.¹⁷⁸

Sem dúvida, a presença de Francisco de Paula Castro na expedição de 1884 o alçou a uma posição de relevância entre a intelectualidade da época. As atividades realizadas durante a expedição, indicadas através do relatório escrito por ele, seu posicionamento político, fruto de sua formação na Praia Vermelha, acabaram concorrendo para projeção do oficial no Mato Grosso na virada do século XIX para o XX, chegando o mesmo, a escrever durante algum tempo, na *Revista Mato Grosso*.

¹⁷⁸ Retirado de <http://supersitegood.com/hoje/texto.php?mat=61>. Acesso em 10 de março de 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A análise das informações sobre a expedição - realizada pela Comissão Científica de Exploração do rio Xingu em 1884 – feitas a partir do relatório produzido pelo capitão de infantaria do Exército Brasileiro Francisco de Paula Castro após o término da viagem em novembro daquele ano, apresenta, as experiências obtidas pelo oficial ao longo da expedição.

São apontamentos e informações que vão, desde observações sobre os modos de vida das populações que habitavam as margens dos rios, passando por aspectos relacionados à interação dos membros da comissão com a natureza, até o posicionamento político do oficial acerca das relações existentes entre os interesses científicos dos expedicionários e do Brasil.

No transcorrer do trabalho, as informações contidas no relatório de viagem do oficial, apontaram para a necessidade de acompanhar: a) os aspectos relacionados à montagem da expedição; b) as agruras dos expedicionários ao longo de quase seis meses de viagem pelos sertões do Brasil e os contatos com os indígenas; c) a visão particular do capitão Francisco de Paula Castro sobre as finalidades das pesquisas desenvolvidas durante a viagem; d) o término das atividades da expedição científica. Todos esses temas surgiram a partir de um processo contínuo de indagações a partir das informações presentes na documentação levantada.

Desta maneira, o trabalho inicial desta investigação, foi o de levantar as fontes relacionadas à viagem exploratória do rio Xingu em 1884. Esta tarefa objetivou entender as motivações envolvidas na expedição liderada por Karl von den Steinen que objetivaram inicialmente localizar as nascentes do rio Xingu.

Ao longo da pesquisa ficaram evidenciadas também as dificuldades encontradas pelo grupo ao longo da viagem, sobretudo, no estabelecimento dos contatos com indígenas considerados desconhecidos naquela época.

Nesse contexto, o relatório de Francisco de Paula Castro permitiu conhecer o cotidiano dos membros da comissão científica de exploração do rio Xingu; as características físicas das regiões visitadas; a navegação pelos rios da região, em canoas

produzidas a partir da casca de árvores; além dos contatos feitos com os índios que habitavam as margens dos rios, por onde passaram os membros da comissão exploradora.

Além disso, as narrativas feitas pelo oficial também apresentam informações sobre os aspectos naturais de cada lugar visitado, as potencialidades econômicas, os horários das chegadas, as condições de sobrevivência dos componentes do grupo, os lugares de pouso e descanso, bem como, as condições de vida dos indígenas em suas aldeias. Aspectos que, juntamente com outras fontes sobre a comissão científica liderada por Karl von den Steinen permitem compreender como a expedição de 1884 é importante para as pesquisas etnológicas no Brasil.

A expedição ao Xingu ocorreu em uma época em que palavras como progresso e desenvolvimento, davam a tônica das discussões políticas e eram, quase sempre, associadas às pesquisas desenvolvidas por estrangeiros e brasileiros nos sertões do Brasil, sobretudo, àquelas realizadas, entre os indígenas.

É possível afirmar que a pesquisa do médico alemão, despertou grande interesse por parte do governo, que procurava incentivar e investir nesse tipo de empreendimento, prestando auxílio com recursos materiais e humanos, o que ocorreu também com a expedição de exploração do rio Xingu, que recebeu apoio financeiro do governo da Província do Mato Grosso, bem como, a nomeação de oficiais e praças do exército, que deveriam auxiliar os trabalhos exploratórios.

Ao lado dos interesses de Karl von den Steinen em pesquisar o rio Xingu, estava presente o posicionamento político de Francisco de Paula Castro. Formado na Escola Militar da Praia Vermelha sob os auspícios do Positivismo de Comte, o jovem oficial pertencia a um grupo de militares, que no final do século XIX assumiu um papel político de liderança no país. Formado dentro dos preceitos do cientificismo, Francisco de Paula Castro fez parte da chamada mocidade militar, que situava-se, dentro do cenário político com um grupo componente da intelectualidade brasileira, isso parece ficar visível em várias partes do relatório.

O material pesquisado, além de permitir conhecer o cotidiano da expedição com todas as agruras enfrentadas por seus componentes, também oferece uma perspectiva abrangente acerca dos sertões das províncias do Mato Grosso e do Pará

permitindo ampliar as interpretações sobre essas áreas visitadas pela comissão científica, até então, consideradas como desconhecidas pelo governo.

O fato do capitão Francisco de Paula Castro ter recebido do governo, a incumbência de reunir informações que permitissem a construção de uma estrada que ligasse a duas províncias, também contribuiu para o enriquecimento do relatório. O oficial, em decorrência dessa missão, registrou no documento, aspectos naturais com certa minúcia de detalhes, além de ter registrado também sua visão acerca das potencialidades econômicas das regiões visitadas pelos membros da expedição.

É possível ler no relatório, as características de cada uma das tribos visitadas durante a viagem. Foram registrados no relatório pelo oficial, os detalhes de cada um dos contatos, que na maior parte das vezes, foi amistoso, mas que também gerou muita tensão em algumas ocasiões. Esses contatos estiveram no centro das atenções da pesquisa, passando a constituir um dos capítulos desse trabalho.

Ainda, no que se refere aos contatos da comissão científica, as pesquisas realizadas por Karl von den Steinen acabaram inspirando outras pesquisas. Nos levantamentos feitos para esta investigação, foram localizados trabalhos que se apoiaram nas pesquisas de Steinen desde 1894. São trabalhos que transitam, por exemplo, pela Etnologia, Antropologia, Arqueologia e Linguística. Trabalhos que foram produzidos por pesquisadores nacionais e estrangeiros.

As fontes utilizadas nesta investigação, com destaque para o relatório do capitão Francisco de Paula Castro, podem ser consideradas consistentes, além de apresentarem variadas possibilidades de pesquisa, dada ao número de vertentes contidas nelas. Porém, o relatório ao que parece foi pouco ou nada utilizado nas produções científicas que abordaram questões relacionadas ao Xingu. Desta forma, essa investigação abre um importante caminho para outras pesquisas que possam apresentar novas reflexões e contextualizações sobre os contatos que foram estabelecidos entre os membros da comissão exploratória de 1884 e as populações indígenas localizadas ao longo da viagem.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C. **Exército e Política**: o enfoque Historiográfico da Questão da Formação de Oficiais no Século XIX. In: MENDONÇA, S. R. de.(org.) Estado e Historiografia no Brasil. Niterói: EdUFF, 2006.
- BARROS, J. A. **O Projeto de Pesquisa em História**: da escolha do tema ao Quadro Teórico. Rio de Janeiro: CELA, 2002.
- BEZERRA, S. R. **Fazer Jornalístico e Modernidade em Cuiabá**. Rio de Janeiro: Bookess, 2012.
- BRAGA, R. **História da Comissão Científica de Exploração**. Ceará: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.
- CARDOSO, C. F. S. **América pré - colombiana**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.
- CARVALHO JÚNIOR, A. D. de.; NORONHA, N. M. (orgs.) **A Amazônia dos Viajantes**: História e Ciência. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2011
- CASTRO, C. **Os Militares e a República**: um estudo sobre cultura e ação política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- CERVO, A . L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: McGraw - Hill, 1974.
- COELHO, V. P. (Org.) **Karl von den Steinen**: Um Século de Antropologia no Xingu. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- COMTE, A. **Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- COSTA, A . **Indiologia**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1942.
- _____. **Introdução à arqueologia brasileira**: etnologia e história. 4a ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1980.
- CRUZ, P. R. C. P. M. da. O nome "Cuiabá". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso** - tomos CXXXI e CXXXII, ano LXI. Cuiabá, 1989.
- CUNHA, M. C. da. (org.) **História dos Índios no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, Fapesp, 1992
- FONSECA, J. S. **Viagem ao redor do Brasil**: 1875 – 1878. Vol. 1. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1986.
- FRANCHETTO, B.; HECKENBERGER, M. **Os Povos do Alto Xingu**: História e Cultura. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.
- GAGLIARDI, J. M. **O indígena e a República**. São Paulo: Hucitec, Editora da USP, Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

GERBI, A. **O novo mundo**: história de uma polêmica (1750-1900). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GIAVARA, E. **Viagem ao desconhecido**: agricultura e ciência nas fronteiras do oeste paulista. Tese de doutorado defendida na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP). São Paulo, 2008.

HAHNER, J. E. **Relações entre civis e militares no Brasil**: 1889-1898. São Paulo: Pioneira, 1975.

HOLLANDA, S. B. de. (direção) **História Geral da Civilização Brasileira**. O Brasil monárquico. Tomo II: declínio e queda do Império. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. Tomo II. 3 e II.4.

LOWIE, R. **História de la Etnologia**. México: Fundo de Cultura Econômica, 1946.

MARCONI, M. de A.; PRESSOTO, Z. M. N. **Antropologia**: uma introdução. 4a Ed. São Paulo: Atlas, 1998.

MAURO, F. **O Brasil no tempo de Dom Pedro II**: 1831-1889. 2ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, s/d.

MAWE, J. **Travels in the interior of Brazil, particularly in the gold and Diamond districts of that country**. London: Printed for longman, hurst, rees, orme and brow, partenoster-row. 1812

MELATTI, J. C. Alto Xingu. *In*: **Índios da América do Sul**. Disponível em: <http://orbita.starmedia.com/~i.n.d.i.o.s./ias/ias_28-33/29xingu.htm> acesso em 30 de abril de 2004.

MONTEIRO, J. M. As “raças” indígenas no pensamento brasileiro do Império. *In*. MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (org.) **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996. P. 16.

MOTTA, J. **Formação do oficial do exército**: currículos e regimes na Academia Militar, 1810-1944. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001.

PEÇANHA, S. **O Positivismo**: reflexos para o exército. Monografia. Escola de Comando e Estado Maior do Exército. Rio de Janeiro: ECEME, 1986.

PINTO, R. **Aborígenes e ethnographos**. Conferência realizada a 27 de maio de 1913 na Biblioteca Nacional. Publicado nos *Annaes* da Biblioteca Nacional, Volume XXXV, 1913. Publicado em 1916.

RAMOS, A. **Introdução à Antropologia Brasileira**: as culturas não europeias. 1º Vol. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

RANGEL, A. **Os sertões brasileiros**. Conferência realizada a 17 de Junho de 1913 na Biblioteca nacional. Publicado nos *Annaes* da Biblioteca Nacional. Volume XXXV, 1913.

RODRIGUES, J. H. **Teoria da história do Brasil**: introdução metodológica. 4. edição. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

SALDANHA, N. N. **História das Ideias Políticas no Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2001. Coleção Biblioteca Básica Brasileira.

STEINEN, K. V. D. **O rio Xingu**. Conferência realizada na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Boletim da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1888, tomo IV, 1888.

_____. **Unter den Naturvölkern Zentral Brasiliens**. Tradução do capítulo intitulado: Entre os Borôros. Pelo Professor Basilio de Magalhães. In: Revista do IHGB. Tomo LXXVIII, ano: 1915, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1916.

_____. **Unter den Naturvölkern Zentral Brasiliens**. Tradução do capítulo intitulado: Os Parecis. Pelo Dr. Carlos da Silva Loureiro. In: Revista do IHGB. Tomo 84, ano: 1918, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919.

_____. **Exploração do Rio Xingu**. Conferência realizada na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Revista da Sociedade de Geografia. Rio de Janeiro, 1885, Tomo I, 1884.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Identidade Cultural, Identidade nacional no Brasil**. In. Tempo Social: Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo. I (1): 29-46, 1º semestre de 1989.

UGARTE, A. S. **Sertões de Bárbaros**: O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI-XVII. Manaus: Editora Valer, 2009.

VILLAS BOAS, O; VILLAS BOAS, C. **Xingu**: os índios, seus mitos. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

Fontes documentais:

Anais da Biblioteca e Arquivo Públicos do Pará. Tomo XI. São Paulo: Ed. Monumento S. A. 1969.

CASTRO, F. P. **Relatório da viagem exploradora de Mato Grosso ao Pará pelo Rio Xingu (1884)** Arquivo Histórico do Exército, coleção de Relatórios Militares da Divisão de História.

Duas Palavras. In: A Província de Matto - Grosso. Cuiabá, 24 de abril de 1887, P.1.

XINGÚ. Xingu ou Martyrios? In: O Expectador, Cuiabá, 07 de abril de 1887. P. 3 - 4.

BRASIL. Ministério da Guerra. Portaria de 30 de março de 1885. Dispõe sobre elogio à oficial do exército. Ordem do Dia nº 1.920 de 06 de abril de 1885, p. 177. (doc. nº 3345 DH/AHEX)

BRASIL. Ministério da Guerra. Portaria de 27 de maio de 1897. Dispõe sobre oficial que é posto à disposição do Presidente do Estado de Mato - Grosso. Ordem do Dia número 848 de 29 de maio de 1897. P. 523.

EXÉRCITO BRASILEIRO. Fé - de - Ofício do General de Divisão Graduado Reformado Francisco de Paula Castro. Pasta III / 21 / 40 localizada na Divisão de Acervos Documentais - Arquivo Histórico do Exército.

EXÉRCITO BRASILEIRO. Fé - de - Ofício do Tenente - Coronel Antônio Tupy Ferreira Caldas. Pasta I / 17 / 46 localizada na Divisão de Acervos Documentais - Arquivo Histórico do Exército.

EXÉRCITO BRASILEIRO. Requerimentos diversos de Francisco de Paula Castro guardados na Divisão de História de Arquivo Histórico do Exército sob o número F 118 doc. 3174.

EXÉRCITO BRASILEIRO. Requerimentos diversos de Antônio Tupy Ferreira Caldas guardados na Divisão de História do Arquivo Histórico de Exército sob o número A 179 / doc. 4580.

BRASIL. Coleção das Ordens do Dia entre os anos de 1871 e 1909.